



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

SEIS QUILÔMETROS ENTRE NÓS DOIS

AUTORAS: ISABEL PAZ SALES XIMENES CARMO
NATÁLIA MENDES MAIA
ORIENTADORES: RICARDO JORGE DE LUCENA LUCAS
DIEGO HOEFEL DE VASCONCELLOS
2012

A decorative graphic consisting of a horizontal dashed line on the left, followed by a diagonal dashed line sloping downwards to the right, and then a horizontal dashed line on the right.

seis quilômetros entre nós dois

isabel paz e natália maia

Livro-reportagem apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, sob orientação dos professores Ricardo Jorge de Lucena Lucas e Diego Hoefel de Vasconcellos.

a nossos pais.

agradecimentos

a João e Samuel, pelos conselhos e pela paciência.

a nossos orientadores, por nos despertar e nos guiar por novos caminhos.

aos entrevistados, inspiração constante durante todo o processo.

a Tarcísio, Victor, Lara, Márcio, Mel, Ramon e Dora pela ajuda, pelos livros e pelas conversas.

aos ouvidos de amigos, avós, tios, conhecidos e interessados no projeto.

a nossos irmãos, Aline, Caio, Luquinhas e Vítor.

ao Tapioca, pela manha e pelos pulos.

a nossa cidade, geradora de conflitos, afetos e vontades.

introdução	6
prefácio	7
de quando fomos um só	11
duas metades, duas cidades	28
no lugar onde estamos, o lugar que somos	41
a incerteza que nos une	112
posfácio	127
referências bibliográficas	129

Este livro foi escrito entre os meses de março e novembro de 2012, como projeto experimental do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). O texto, realizado a quatro mãos, é de Isabel Paz e Natália Maia.

Todas as experiências aqui relatadas foram vivenciadas por nós, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, observação participante, entrevistas, imagens. Com base no processo, decidimos adotar um sujeito narrador na primeira pessoa do singular. Esse “eu” simboliza a dificuldade de estabelecer limites de autoria, criando um corpo distinto que amalgama nossas percepções partilhadas ou individuais. Também garante uma unidade semântica, a qual permite uma melhor fluidez do texto.

O volume possui quatro capítulos: “de quando fomos um só” faz um resgate histórico da época em que o Mercado dos Pinhões e o Mercado da Aerolândia eram o Mercado de Ferro, no Centro da cidade; “duas metades, duas cidades” apresenta os mercados já divididos, localizados em outros bairros; “no lugar onde estamos, o lugar que somos” traça a situação presente dos locais, com nossas impressões, além de perfis e entrevistas com moradores e comerciantes; “a incerteza que nos une” problematiza questões sobre a relação com a cidade, patrimônio, noções de público e privado. Nesse último capítulo, esboçamos as possibilidades para os dois lugares no futuro. Os títulos refletem-se nas linhas presentes em todo o livro, como coordenadas de um mapa. Ora paralelas, ora tocando-se em um ou mais pontos.

Produzimos o material como quem monta um quebra cabeça: aos poucos, juntamos as peças, descartamos outras desnecessárias. A estrutura do livro forma um novelo desigual e, ao mesmo tempo, coerente. Entremeadas nas nossas falas estão as de outros sujeitos. Autores significativos, trechos de poemas, excertos de jornais, citações de entrevistados. Da mesma maneira que os post-its que ilustram uma das primeiras páginas – colados uns sobre os outros, informações que são quase pistas – outras vozes cortam, incessantemente, a narrativa linear. Procuramos transportar o leitor para outras dimensões do que é dito, criando imagens de tempos antigos, imaginários, afetivos.

“Seis quilômetros entre nós dois” é marcado pela distância entre iguais. Separados pelo tracejado descontínuo do percurso, os mercados são apenas pontos isolados na cidade, esquecidos de quando estiveram lado a lado, dividindo a mesma vista, as mesmas pessoas, o mesmo espaço. Desejamos que as histórias, músicas, desenhos e fotografias façam com que esses seis quilômetros se anulem, dando lugar a uma unidade simbólica. Pois a mesma distância que divide é a que une, podendo ser pintada em retas ininterruptas, preenchidas com tinta permanente.

Um mapa é um índice da cidade, uma pegada que sintetiza o mundo inteiro em escalas minúsculas. Nele, assim como no jogo de tabuleiro, os trajetos surgem em traços simples, formando desenhos geométricos. As distâncias se anulam. O tracejar de um lápis pode, sem menor esforço, unir dois ou mais pontos. Pelo mapa, percebo nos espaços do xadrez urbano nomes de centenas de personalidades as quais, um dia, Fortaleza quis que fossem eternas. Nomes de homens que não se sabe mais quem foram, o porquê de estarem ali. São arquiduquesas, viscondes, duques, mosenhores, coronéis, governadores, padres. Fantasmas que preenchem cada rua e avenida, estampados em placas azuis afixadas nas calçadas.

Entre a Praça Visconde de Pelotas, um nobre militar português nomeado por D. Pedro I, e a BR 116, onde veículos ruidosos passam incessantemente sobre a pista contínua, dois mercados gêmeos demarcam olhares distintos da cidade. O Mercado dos Pinhões e o Mercado da Aerolândia, situados a um “L” torto de distância um do outro no mapa, já tiveram um dia a mesma vista. Há mais de um século, quando ainda estavam unidos, assistiram à capital deixar de ser mais uma vila sertaneja para ganhar contornos de metrópole parisiense.

No Centro-coração da cidade, ouviam-se as charretes, o zumbido dos bondes, os pregões das feiras livres. Todos os dias o velho Mercado de Ferro enchia-se de fregueses, dos ricos aos pobres conforme as horas se passavam, pois lá a carne fresca era mais barata. Os cutelos estacavam incessantemente, as pechinchas se sobrepunham às vozes que murmuravam, a concorrência pela melhor oferta aumentava. O comércio despertava quando a praça ainda era escura, traziam-se carnes do matadouro, organizavam-se os boxes, poliam-se as balanças. Até que o mercado ficou pequeno para a cidade que se estendia em novos empreendimentos e bairros. Desmontado pedaço a pedaço, como um quebra-cabeças, e reerguidas suas metades em endereços distintos.

Dispostos sobre eixos ortogonais, os dois mercados contemplam pontos cardeais determinados por suas fachadas menores. O dos Pinhões tem as portas de lança centrais apontadas para leste e oeste. O da Aerolândia, norte e sul. Essa disposição reverbera na maneira como o sol recai em grades, adornos de ferro fundido, chapas de zinco, vitrais que refletem a luz branca.

As maiores áreas do Mercado da Aerolândia acompanham todo o trajeto solar, do nascente ao poente. Ao meio dia, o calor apodera-se da estrutura metálica e dos corpos cansados, fazendo a vista trepidar ao criar leves ondas de poeira sobre o chão. Em uma cidade onde é verão durante quase o ano inteiro, o mercado adaptou-se às condições espaciais adversas como pôde. O concreto armado minou o ferro, criou novos espaços entre os boxes, vedou o teto e as laterais. Em busca do alento de sombras irregulares que promovam algum conforto, o edifício tornou-se mascarado pela alvenaria. Lascas de metal vermelho despontam tímidas do cimento. O reboco artificial somou-se ao abandono, que se sucedeu do Governo aos vendedores. Banheiros trancados a cadeado, fiação queimada, paredes marcadas por carvão, giz de cera, tinta, fumo. A natureza toma parte da construção no contorno de plantas desordenadas, ervas daninhas e gatos magros que dormem nos compartimentos internos.

Pouco restou do local que há mais de 40 anos foi transportado e montado naquele terreno diante do asfalto. Acostumado aos ares do Centro, o mercado encontrava em seu entorno um bairro estrangeiro. Uma borracharia, um salão de

cabeleireiro, alguns bares.

O Mercado dos Pinhões, por entre as copas de árvores, beneficia-se de uma luminosidade mais branda. A estrutura atravessou períodos de esquecimento sem precisar alterar suas vigas, vestir a armadura de cal. Localizado em um bairro que se torna nobre com a expansão da cidade, a arquitetura do lugar exibe um verde vivo, frontões conservados, vidros caleidoscópicos. Seu colorido vibra nas casas residenciais em seu redor. São vermelhas-maçã, rosas-choque, azuis-piscina, contrastando com os arranha-céus verticalizadores da paisagem. O bairro tem ares provincianos. Moradores se conhecem, cadeiras são colocadas na calçada, a tranquilidade toma o lugar da insegurança generalizada. O mercado vive suas manhãs e tardes como numa bolha, utilizado pouco mesmo como passagem. Correntes robustas selam seus portões, abertos apenas para a feira de terça e oficinas. Lá dentro, um guarda cochila à hora da sesta, outro funcionário varre o chão de ladrilhado. O único box aberto é o da administração.

A brisa é mais fresca à noite, quando os postes de eletricidade iluminam o local. Apenas três boxes ocupados e muitas cadeiras vazias, dispostas em semi-círculos ou aglomeradas nos cantos. Nos últimos dias da semana, nas últimas horas do dia, o mercado desperta e ganha vida. Sons de apresentações musicais convidam as pessoas a bailar sob o teto em circunflexo, atraindo residentes e turistas. Os Pinhões acostumou-se a dormir tarde e acordar preguiçoso, já que suas manhãs são quase sempre ociosas. Já foi mercado da Aldeota, das Artes, transitando entre usos apreendidos e impostos.

Os mercados abraçam vistas que ultrapassam searas geográficas. Expandem-se em metáforas das regiões onde se encontram, as influências políticas, econômicas e ideológicas que exercem em uma capital que se desdobra e se multiplica. Delineiam-se, nesse movimento de interesses desiguais, duas Fortalezas. Com dinâmicas sociais distintas que se refletem da pintura das edificações à postura dos moradores diante do desconhecido. Essas, por sua vez, se fragmentam em milhares de outras Fortalezas embutidas e silenciosas.

Talvez, em um desenho que ligasse os pontos dos labirintos de ruas, as construções de ferro de cada extremidade pudessem voltar a ser uma só. Interligadas pelo triângulo vazado de arabescos ou pelos bons-dias dos que ainda habitam e resistem em suas proximidades. Pelo mapa não enxergamos nada, as diferenças também se anulam. A escala infinitesimal oculta rachaduras de muros, buracos no calçamento, cheiro de fruta, terra que se acumula no sapato. Vemos apenas um amontoado de signos convencionais ou de pistas possíveis. Uma distância vazia, mensurável na palma da mão aberta: seis quilômetros entre nós dois.

Entre 1889 e Rev. de 30, primeira república → ecletismo arquitetônico
- campanha em favor de progresso e civilização

...Paris, resultante (...) XIX.

- 3) Questão dos supermercados
- 4) Reforma do MP
- 5) MA não é reforma do Decadência

REVISAR P/ FUTURO:
- Entrevista Tereza
" Renan
" Marc Furtado
" Teon
- Ler "O Distrito da Cidade"

PRESENTE:
Diários Aerolândia:
- Jogos
- Vazio
Diários Pinhões
- Mercado truncado

Neogotismo: "espaço em busca do infinito"
Igrejas: telhados (inglês), pináculos, torre axial única.
Igreja do Pequeno Grande, 1903

Epílogo:
truncar participativo
1, 3, 4, 5, 6
ecletismo

Entre 1889 e Rev. de 30, primeira república → ecletismo arquitetônico
- campanha em favor de progresso e civilização

citação 1: Como de costume a historiografia (...) dos serviços.
 citação 2: O urbanismo estabeleceu (...) interessante.

- REVISAR ASSADO

- MANDAR EMAIL RICARDO
- FOTOS MARCELO
- FOTOS P/ RAMON

REUNIÃO CI RICARDO TERÇA (12h)
10, na 66
@Ricardos não são + símbolo de glamour José B) Mercado dos Pinhões (5) necessitando de reforma

Marcos conversa ci Tiago Sebastião
entrevista ci prof Cláudio
" ci Sebastião
" ci SERVI
" ci Sebastião
- Pagar dados no 34º DP
" no 13º DP
- Conseguir contato Marcos

"o século XIX já (...) os romances de Julio Verne.

Neoclassicismo: oficial por volta do séc. XIX: cadeira pública, Ass. Legislativa, Igrejas, edifício da Estação Central

Entre W. J. J. + Docentes - Rua Ant. August - Centro Moura - J. J. mundo J. J. - Neoclassicismo - Livro novo

A ação (...) código

morado e um bem sério lembrança
"muito janeiro a gente se quece!"
sua, nota W. J. J.

Passar anotações p/ computador
- Ler livro sobre Aerolândia
- " " Direito à cidade
- " " Cartografia
- Pagar livros no B7B
- Pagar livro na Cultura



Guerra, G. (1900). Mercado Publico, Ceará. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol. 1, no. 1, p. 10.



de quando fomos um só

{ Calça nova de riscado
Paletó de linho branco
Que até o mês passado
Lá no campo inda era flor
Sob o meu chapéu quebrado
Um sorriso ingênuo e franco
De um rapaz novo encantado
Com vinte anos de amor

Mucuripe | Belchior }

Paletó de linho branco parece ser uma boa forma de descrever o que se usava. Nem sei se era isso mesmo, mas na minha cabeça são roupas leves, claras, que refletem o sol o dia inteiro, e “paletó de linho branco” de alguma forma se encaixa bem. E nem era quente assim: você podia sentir o ar passando, levantando a poeira na calçada enquanto as folhas chiavam e se deixavam cair pelos cantos. Os paralelepípedos de pedra se estendiam pelas ruas até onde os olhos podiam alcançar.

{ fortaleza (ê). [Do occitano ant. *fortalessa*, *fortaleza*, correspondente do fr. *fortesse*, ambos do lat. *fortis*, ‘forte’.] S. f. 1. Fortificação; praça fortificada; forte; castelo. 2. Qualidade ou virtude dos fortes. 3. Solidez, segurança. 4. Força moral, energia, firmeza, constância. 5. Bot. Planta herbácea, carnosa e ornamental, da família das urticáceas (*Pellonia deveauana*), de folhas avermelhadas, bronzeadas nas margens, com larga faixa mediana verde-clara, e cujas flores, dispostas em corimbo, quando colhidas ainda em botão, e prendendo-se a ponta do pedúnculo com os dedos, se abrem, com a deiscência das anteras, sob a ação do calor da mão, dando o pólen a impressão de explodir e deitar fumaça. 6. Bras. Gír. Lugar bem defendido e escondido que é sede de atividade fora da lei. [Cf. *fortaleza*, do v. *fortalezar*.] }

Diz-se que o areal das pequenas quatro ruas, os casebres de taipa e suas telhas de palha não faziam jus ao nome que Fortaleza carregava nos ombros no começo do século 20. Talvez a pequena população, com pouco mais de mil habitantes, concentrada em torno do Forte, correspondesse a essa fortaleza pela vontade de sobreviver em condições tão adversas de pobreza e miséria.

Apesar de ter sido proclamada sede da capitania do Ceará em 1799, devido a uma grande movimentação política de vereadores e autoridades, era uma cidade acanhada em comparação a outras, como Icó, Aquiraz e Aracati, a última considerada sua grande rival. As poucas ruas, sem calçamento, não tinham iluminação artificial, mesmo depois da compra de lâmpíões – a Câmara não possuía recursos para adquirir o azeite para seu funcionamento. O porto, sem estrutura, não tinha condições suficientes para receber produtos de fora nem escoar a produção de algodão do interior da província, ainda incipiente. Foi a passos lentos que Fortaleza começou a mudar. Em 1823, um ano após a proclamação da Independência, a pequena vila era elevada à condição de cidade, reconhecimento de sua crescente importância política e econômica. A decisão foi tomada para assegurar-lá como centro de contenção de possíveis revoltas na

província, especialmente as de cunho separatista, algo que vez por outra ocorria país afora. A serviço do Império, começava o processo de modernização por meio de investimentos em sua infraestrutura: obras no pequeno porto, abertura e reformas nas estradas que ligavam a capital a cidades no interior, entre outras decisões. Enquanto isso, Aracati pouco a pouco perdia espaço nos negócios da província.

A partir da segunda metade do século XIX, a produção agrícola cearense se expande. Um das matérias-primas em especial, o algodão, cresce bastante durante a Guerra da Secessão, quando os Estados Unidos, ocupado pela guerra, deixa de exportar o produto para a Europa. O ponto de escoamento dessa produção era justamente o porto de Fortaleza, por onde passavam não só o algodão e outros gêneros, mas também dinheiro, produtos e costumes vindos do estrangeiro – “a última moda da Europa”.

A intensa troca e o transporte de produtos entre capital e interior estendeu a influência da primeira sobre áreas antes pouco acessíveis. Os bons ventos do desenvolvimento sopraram forte no interior e impulsionaram a vinda dos sertanejos para a cidade. Era a fuga das cruéis secas que abatiam a província, como a ocorrida entre os anos de 1877 e 1879, mas também a procura de uma melhor qualidade de vida, o que, supostamente, Fortaleza oferecia.

Todo esse rebuliço contou para o início do que seria nossa era de ouro: a chamada Belle Époque, a Bela Época fortalezense. É nesse período que as classes sociais começam a se definir de forma mais clara. Uma espécie de burguesia ligada ao comércio e à exportação do algodão e de outros produtos se consolidava econômica e politicamente; também se fortaleciam pequenos comerciantes e caixeiros, a incipiente classe média. Em paralelo, um grande contingente de trabalhadores braçais avolumava-se nas ruas da capital.

A substituição do trabalho escravo pela mão-de-obra assalariada e a proclamação da República, em 1889, são acontecimentos que sacodem o país e insuflam as burguesias emergentes a adotar novos hábitos. A Monarquia é agora considerada sinônimo de atraso. Eram novos tempos, e para novos tempos devem-se estabelecer novos costumes.

O momento era de transição entre o trabalho manual e o manufaturado, colocando em xeque a produção artesanal. Este tipo de ofício, normalmente realizado por escravos e em seguida por trabalhadores pobres, era visto de forma pejorativa pela elite. Segundo o arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, as habitações destinadas às camadas mais ricas utilizavam, ao máximo, produtos importados como símbolo de posição social.

A Paris do fim do século 19 era a grande vedete mundial. Todos se espelhavam nos modos de ser, falar e se vestir dos parisienses, considerado o verdadeiro ideal de vida, cheio de requinte, elegância e civilidade.

Mulheres das classes sociais mais abastadas aprendiam francês desde muito novas; gastavam rios de dinheiro com vestidos, fitas, meias e artigos da última moda para estar à altura dos novos tempos. Homens fumavam cigarros nos famosos cafés da Praça do Ferreira enquanto discutiam Rimbaud, Baudelaire, Verlaine, Mallarmé. Estabelecimentos comerciais da pequena Fortaleza eram nomeados com pomposos termos afrancesados: Rendez-Vous de Dames, Bon Marché, Café Riche, Notre Dame de Paris.

Enquanto a elite cultuava o longínquo estilo de vida francês e menosprezava, cada vez mais, os costumes da própria terra, a grande parcela da população – os sertanejos – era obrigada, a contragosto, a se habituar às novas normas e condutas, estabelecidos pelo Código de Posturas de 1893. Nada de quermesses, feiras livres, animais de carga transitando pelo chão de terra batida. A remodelação de costumes envolvia verbos rígidos, urgentes. Pavimentar, compartimentalizar, enumerar, tabelar, organizar, lustrar.

Fortaleza precisava se aformosear a todo custo. E o modelo era Paris.

{ aformosear. [De a-² + formoso + -ear².] V. t. d. 1. Tornar formoso; embelezar; alindar: “um sorriso de inefável doçura lhe aformoseava os lábios” (Camilo Castelo Branco, *A Filha do Regicida*, p. 246). 2. Enfeitar, adornar, ornar. P.3. Tornar-se formoso; embelezar-se, alindar-se. 4. Enfeitar-se, adornar-se. [F. paral.: formosear; sin. Ger.: aformosentar, formosentar. Conjug.: v. frear. }

O primeiro plano de arruamento urbanístico é elaborado em 1812, pelo português Antônio José da Silva Paulet. Assim, a cidade é dividida em linhas paralelas cortadas por perpendiculares, formando um tabuleiro de xadrez. As ruas começam a ser pavimentadas, são criadas novas praças. Esse modelo espacial dura até 1875, quando é substituído pela Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios, do engenheiro pernambucano Adolfo Herbster. A planta mantém o traçado ortogonal anterior como base para expansão de áreas de abrangência do mapa. Apoiava-se no projeto do Barão de Haussman que, 22 anos antes, começou a reestruturação de Paris baseada na implementação de grandes avenidas, os *boulevards*.

Outro objetivo do plano era que o Poder Público pudesse realizar de forma mais efetiva o controle social. Com os caminhos alinhados geometricamente, era mais fácil conter revoltas, mendicância, prostituição. Estaríamos a salvo dos males responsáveis pelo atraso da tão sonhada civilidade.

Por 20 anos, de 1892 a 1912, Guilherme César Rocha foi intendente do município de Fortaleza, o que equivale, nos dias de hoje, ao cargo de prefeito. Nas palavras do historiador Sebastião Ponte, autor de *Fortaleza Belle Époque*, Guilherme Rocha era “um cara europeizado, super fino, elegante, o grande prefeito embelezador, como a gente chama, aformoseador de Fortaleza. Até porque ele fica grande parte desse período (...)”. Por ser um conhecedor da cultura europeia, boa parte de suas obras na intendência se relacionam com o desejo de remodelar urbanisticamente a capital.

Algumas das obras mais conhecidas de Fortaleza atualmente, como o Passeio Público, os cafés da Praça do Ferreira, a padronização das ruas e avenidas principais, além da construção de novas lojas, casas, clubes, mansões e chácaras são realizadas nesse período. A instalação do sistema de energia elétrica, e de outros serviços básicos, a exemplo do abastecimento de água e esgoto, são concluídas nas gestões seguintes à de Guilherme Rocha, durante as quais continuam os esforços por embelezar a capital.

Pouco a pouco, a cidade muda de fisionomia rumo à civilização e à modernidade.

Era um paquete, navio a vapor acostumado às transações comerciais contínuas entre portos longínquos. Os homens haviam deixado o porto de Orleans há quase um mês – só viam o movimento de balanço do mar, uma reta apontando para a imensidão. Após quase um mês de viagem, o comandante aproximou-se da proa, satisfeito. Chegaram ao seu destino.

Sabia-se que nos porões da embarcação havia mais uma daquelas cargas, disputadas por todos por ocuparem pouco espaço ao tempo em que preenchiam o lastro de peso necessário à viagem. Aquela somava 210 toneladas, divididas em peças metálicas de todos os tipos. Estruturas e vedações até coberturas, vidros e peças de acabamentos. Numerados, os itens vinham com um manual de instruções para montagem.

O imediato responsável pelo descarregamento coordenava a remoção dos depósitos para o cais. Os marinheiros deviam transportar os inúmeros pacotes repletos de ferro maciço para barcos menores que efetuavam a mediação entre água e terra. Aportavam a cerca de 500 metros de distância da ponte. Testas suadas, tilintando ao sol, braços tremulando pelo esforço sobre-humano do levantamento de peso.

Há relatos de homens que, em breve de desequilíbrio, caíam por sobre o manto verde do litoral. O resgate aos naufragos era eficiente, tendo em vista a lotação diária do cais. Momento difícil era o do salto: da balsa dançante para a escada de madeira. Pode ser que algumas peças tenham afundado num pulo assustado, ofegante.

Transposto o desafio, os blocos desconexos seriam transportados e, finalmente, atrelados uns aos outros. Dariam, então, origem ao Mercado Municipal da Fortaleza.

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

PRESIDENTE DR PRUDENTE JOSÉ DE MORAES E BARROS

MERCADO PÚBLICO DE FORTALEZA

INICIADO EM 5 DE FEVEREIRO DE 1896 SENDO ENTÃO PRESIDENTE DO ESTADO O DR JOSÉ FREIRE BIZERRIL FONTENELLE E INAUGURADO EM 1º DE JANEIRO DE 1897

-X-

LEVANTADO SOB A DIRECÇÃO DO ENGENHEIRO DR ANTONIO THEODORICO FILHO SENDO

A inscrição é talhada sobre uma placa de mármore negro. Mesmo com as muitas rachaduras marcadas em descuidos no tempo, ainda é imponente. Ouso dizer que não há objeto mais austero no Museu do Ceará, que represente tão bem essa beleza do mistério, as ruínas em contraste com os microcristais incrustados na pedra brilhante.

{ Com toda solenidade, perante numerosos concursos de senhoras e cavalheiros, realizou-se a inauguração do sumptuoso Mercado Público desta cidade, que é o mais bello e talvez o mais confortável da América do Sul e para sua descrição que vae em outro lugar chamamos a atenção dos leitores. Hoje à tarde serão queimados na Praça José de Alencar lindas peças de fogos de artifício, mandados fabricar pelo comércio daquela praça regozijo pela inauguração do novo mercado.

O mercado, que ontem foi inaugurado, que redundava em enorme benefício para esta cidade pelas condições de higiene que offerece manda justiça que confecemos, é um producto da inabalável força de vontade de um homem que, um dia, imaginou e realizou a bela obra. Esse indivíduo que perpetuou tão honrosamente seu nome, que tão relevante serviço há prestado à causa pública do Ceará é o coronel Guilherme César da Rocha, actual intendente municipal, a cujas forças de dedicação a Fortaleza contar em uma de suas praças o mais bello, confortável e elegante mercado do Brasil.

Do nosso ilustre amigo Dr. Theodorico Filho recebemos interessantes dados que seguem concernentes à parte técnica e discriptiva do novo mercado. Não há mais difícil do que idealizar monumentos públicos e executá-los com todos os detalhes. Alliar o útil ao agradável, a solidez com economia e belleza architectural, com as regras que nos ensina a higiene pública e comunidade com perfeita harmonia em todas as suas formas. Felismente, para orgulho do povo cearense, seu novo mercado é uma destas obras que preenchem todas aquelas condições de concepção humana manifesta com grande brilhantismo.

Situado em uma das mais bellas praças de Fortaleza, esta obra é a mais bem acabada de todos os edificios, quer públicos, quer particulares, dessa cidade e nenhum da América do Sul, e bem raro na Europa e nos Estados Unidos, no Norte da América, lhe levão à palma. De forma perfeitamente quadrada, tendo cada lado 40 metros de comprimento, abrange, portanto, o novo mercado uma área de 1600 metros quadrados. Esta elle dividido em três grandes secções, uma das quaes a central, com largura de cinco metros sobre 40 de comprimento, serve de avenida ou entrada geral e duas outras secções iguaes, cada uma medindo uma área equivalente a 700 metros quadrados, onde estão assentes oito compartimentos de 13 metros de comprimento sobre quatro de largura cada um, destinado ao comércio de carne, peixes e miúdos, ficando todos elles separados entre si por grandes e

espaçosas vias. Estes compartimentos se achão, por sua vez, subdivididos em oito cubículos cada um, sendo portanto 64 o número delles.

É todo mercado construído de ferro, tendo a cobertura de zinco apoiada sobre 48 collunas internas, 32 das quais são de forma architectonica mais bella possível, afora 14 colunatas externas.

O embasamento que circunda o edificio é formado por elegantes collunas de cantaria em pedra calcárea Itapahy. O edificio tem oito entradas, três em cada uma das frentes e duas nas partes lateraes. Todos os melhoramentos com gaz em abundancia e exgotto para a água servida forão plenamente executadas de maneira a satisfazer as condições mais rigorosas impostas pela hyigiene.

Sua altura máxima é de 12 metros, tendo seis pararaiois, que o isolam completamente. O peso da parte metálica marca 210 mil quilos. Foi fabricado nas oficinas de “GUILLOT PELETIER”, à Orleans, tendo sido incumbido planejá-lo O notável engenheiro architecteto LEFÉVRE.

Como complemento dessa grandiosa obra foram assentes contiguamente dous elegantes mictorios, uma caixa d’água de 20 metros cúbicos, apoiada sobre seis collunas para limpeza do mesmo mercado e que é diariamente abastecida por uma bomba acionada a gaz, de força de um cavallo a vapor.

Esta obra, que vem prestar os mais incontestáveis serviços a Fortaleza e que há muito era reclamada como uma necessidade palpitante, foi executada administrativamente pela Câmara Municipal desta cidade, sob a direção do engenheiro A. Theodorico Filho, sendo administrador da mesma obra o hábil artista Manuel da Villa Nova.

As obras de alvenaria tiveram começo em 5 de fevereiro de 1896, e a 18 de abril de 1897 foi inaugurado o grande Mercado.

Montavão suas despesas geraes à cerca de 360 contos de reis.

Jornal A República | 19.04.1897 }

Alguns dizem que a construção assemelhava-se a uma gaiola duplicada tão imponente diante da paisagem rebaixada do Centro que, mesmo para quem trabalhava ali todos os dias, não era possível olhá-la sem espanto.

Erguido entre as ruas Floriano Peixoto e General Bezerril, o Mercado Público de Fortaleza – também conhecido como Mercado de Ferro – ocupava a maior parte da praça Carolina, um espaço amplo que se estendia por quase três quarteirões, delimitada pela rua São Paulo e a travessa Crato. O nome, dado em homenagem à arquiduquesa Maria Carolina Leopoldina, esposa de Dom Pedro II, foi modificado ainda outras três vezes: para José de Alencar, lembrando o escritor cearense; Capistrano de Abreu, em memória ao famoso historiador e, por fim, Waldemar Falcão, denominação adotada até hoje.

No entorno do mercado, pequenos comércios, alguns de produtos importados, animavam a vida local. Artigos de todos os tipos eram vendidos: meias, toalhas, colchas, “pasta Kolynos”, “Pó Brilhantina”, sabonetes “Gessy, Eucalol, Sanitario”. Logo ao lado do novo mercado, na rua São Paulo, evidenciando seu prestígio, estava localizada a Assembleia Legislativa, lugar das mais importantes decisões tomadas na província.

No norte da praça Carolina, existiam dois quiosques feitos de ferro e madeira, a mercearia do João Aleixo e o Café Fênix. Por trás, ficava o Engenho Bem-Bem, onde era comercializada garapa de cana. Bem-Bem, o dono do quiosque, era sujeito famoso na cidade por seu caráter pitoresco: gabava-se de ter copos sempre limpos (enxaguados em uma bacia de pedra cheia de água) e organizava brigas de grilos para o deleite dos clientes e de seu bolso. De certa feita, após uma sonhada viagem a Paris, voltou admirado com a capital francesa. Mandou fazer cartões de visita com os dizeres “Bien Bien Garapière”. Virou chacota na cidade.

Considerado o mais novo símbolo da modernização fortalezense, o Mercado Municipal era um plano antigo da Câmara Municipal, concebido mais de 20 anos antes. Sua montagem atravessou duas gestões estaduais, começando na de Bezerril Fontenelle, em 1885, e sendo inaugurado em 18 de abril de 1897, na oligarquia do governador Nogueira Accioly. O novo cartão-postal da província era, no entanto, resultado do esforço pessoal do intendente de Fortaleza, Guilherme Rocha. No discurso de abertura do prédio, o prefeito o exalta como porta de abertura para transformação da Capital:

“Os grandes monumentos de um povo são escolas de virtude cívica e tem missão civilizadora. N’elles se aprende a amar o progresso que se afirma pela solidariedade social e pela pacificação dos espíritos e corações. (...) Estou satisfeito. Este é o meu galardão”.

A obra não era o primeiro centro comercial da cidade, embora sua grandiosidade desse a impressão de que nada pudesse ter existido antes dela. Em tempos anteriores, o comércio de gêneros alimentícios era feito em feiras livres semanais, em banquinhas provisórias, desarrumadas. As chamadas feiras francas logo deram lugar aos primeiros mercados locais como, por exemplo, o Mercado da Farinha, construído com vigas de madeira. A partir da chegada do Mercado de Ferro, destinado à distribuição de produtos frescos, aquele passa a servir apenas à complementação do serviço de abastecimento com a venda de cereais.

O Mercado Público foi encomendado às oficinas francesas Guillot Peletier, a mesma responsável pela fabricação da Torre Eiffel. As únicas cidades do Brasil que negociaram diretamente com a França foram dois centros escoadores de algodão, matéria-prima fundamental para a indústria têxtil da Europa. Recife e Fortaleza, situadas no nordeste brasileiro, tiveram seus mercados públicos realizados de acordo com o mesmo modelo, o Grenelle de Paris. O Mercado São José de Recife foi o precursor deste tipo de edificação no Brasil. A extensão da obra superava em duas vezes a do Mercado Municipal da Fortaleza, montado 22 anos depois.

Além do mercado, outra construção em ferro tornou-se referência arquitetônica na cidade. Inaugurado em 1910, o Theatro José de Alencar é uma estrutura metálica importada da escócia, fundida pela Walter MacFarlane&Co. Segundo o arquiteto Geraldo Gomes da Silva, o prédio é “um dos exemplares de nossa arquitetura com acabamento mais bem cuidado”.

A época era de valorização da arquitetura de ferro. O material, antes utilizado apenas como matéria-prima de ornamentos em balcões, grades, jardins e janelas, agora era esqueleto. Assinalava-se o prenúncio de uma nova era, na qual as construções não precisavam mais ser perenes, necessariamente ligadas ao solo: os prédios podiam voar. Eram pré-moldados e transportados em caixotes dentro

de navios.

As construções em ferro simbolizam a escala de produção acelerada do final do século 19. O material, altamente moldável, possibilita reproduzir qualquer estilo com precisão cirúrgica. Tal característica abriu margens para o desenvolvimento do ecletismo no plano formal da arquitetura, movimento que buscava conciliar o que havia de melhor entre escolas de épocas anteriores – clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica.

Intendentes interessados no embelezamento de sua cidade podiam consultar catálogos de fábricas do exterior. Os informativos, assim como um menu, continham os tipos de materiais e acessórios disponíveis para o uso. As opções eram muitas, podendo ser escolhidas de maneira heterogênea, dos alicerces a artefatos de acabamento.

A montagem, baseada em instruções e desenhos feitos pelos engenheiros responsáveis pelo projeto, dispensava mão-de-obra local especializada. Apenas trabalhadores para execução, coordenação dos encaixes. Rapidamente, um traçado original erguia-se na paisagem urbana. A cidade se transforma.

“Dentre os edifícios pré-fabricados em ferro, importados pelo Brasil, nenhum tipo foi tão útil e tão disseminado quanto os mercados públicos”. É o que enfatiza o arquiteto Geraldo Gomes da Silva, especialista na história de edificações do material no País. Os mercados aparecem com a necessidade de um espaço comercial mais higiênico para gêneros alimentícios. Podiam congregiar também outras atividades, como venda de artesanato ou roupas.

Devido ao clima, os prédios eram, normalmente, abertos à ventilação e à luz natural. Os países europeus já tinham experiência em exportar estruturas do tipo para países semelhantes ao nosso, como colônias da África, Índia e Ilhas do Caribe.

O Mercado de Ferro de Fortaleza era formado por duas áreas metálicas idênticas, de 12 metros de altura cada uma. A estrutura aberta de ferro, fincada em alicerces de concreto, permitia a passagem da brisa, como a maioria dos edifícios correspondentes que vieram para o Nordeste. Podia-se adentrar nele por qualquer um de seus oito portões, distribuídos nas fachadas e laterais. Ali dentro o piso era revestido por granito cearense, de onde brotavam 64 boxes: cubículos vermelhos gradeados, todos com as mesmas medidas. No lugar também havia dois mictórios e uma pesada caixa d'água, destinada ao abastecimento interno.

No valor de 360 contos de réis, a obra custou uma fortuna para a época. A quantia equivale a cerca de R\$ 117 mil, nos dias de hoje. Foi adquirida por meio de bilhetes de crédito, conhecidos na época como borós. Tais bilhetes continham o prazo e a forma de pagamento dirigida a um determinado credor.

A novidade foi extremamente bem recebida pela população, sobretudo a elite. Mais que belo, o prédio estava em sintonia com a moda difundida no período. Não devíamos nada a outras cidades do mundo, não precisaríamos mais viajar para termos acesso aos avanços ocidentais, tudo estava ao nosso alcance.

{ No quarto dia, em que rumamos para o Mercado de Ferro, no local do atual Palácio do

Comércio, deslumbrei-me com a construção. Era todo de ferro, pintado de vermelho escuro e dividido em três partes.

Fortaleza Descalça | Otacílio de Azevedo }

{ A memória de Otacílio pode ter falhado no que se refere à cor do Mercado que sempre foi verde, tendo sido investigada e confirmada sua cor original através de prospecções no edifício. Talvez ele tenha se confundido com a cor encarnada dos boxes no interior do Mercado.

Mercado de Ferro | José Capelo Filho e Lídia Sarmiento }

A cor de origem gera discordâncias. Para alguns, as colunas de metal eram de um rubro profundamente denso. Especialistas em restauro dizem que eram verdes-folha, aliando-se harmonicamente à paisagem recoberta por jardins. A memória pinta com cores e filtros muito próprios, por vezes, injustificáveis no plano racional. A afetividade invade o corpo, modifica traçados. Diferentemente da foto que se desbota, apagando contrastes com o passar dos anos, as lembranças manipulam certas imagens tonando-as mais vivas, um quadro de elementos que somem e ressurgem. O Mercado de Ferro foi, provavelmente, de todas as cores que atribuem a ele, ou quem sabe, de nenhuma.

{ Mercado da Carne verde

Foram vendidos hoje no Mercado Publico:

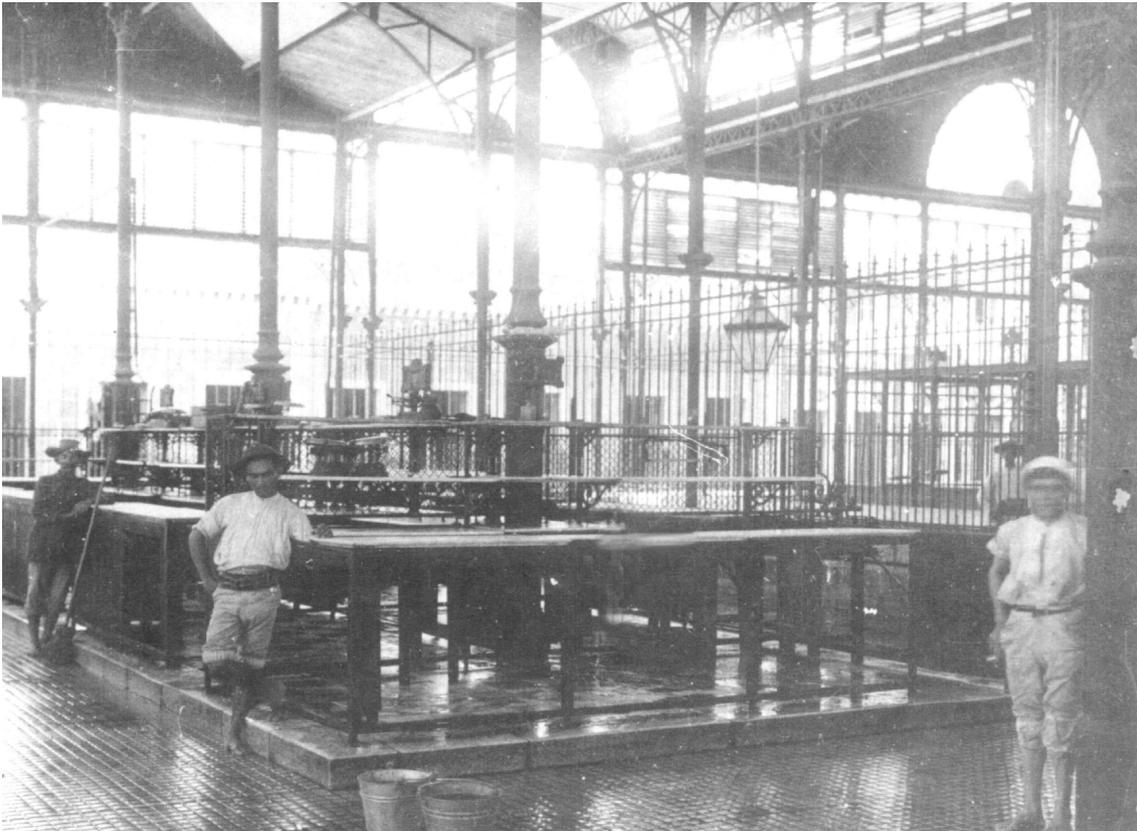
34 bovinos de 2\$000 a \$800 o quilo; 22 suínos, a 2\$200; 3 lanigeros, a 2\$400; 3 caprinos, a 2\$200.

Mercado de Peixes e Crustáceos

Venderam-se hontem no Mercado Publico:

28 quilos de peixe de 1ª., a 2\$500; 44 quilos de 2ª, a 2\$000; 194 quilos de 3ª, de 1\$400 a 1\$000; 5 quilos de camarão, de 2\$ a 3\$000; 53 cordas de carangueijos, de \$300 a \$500.

Jornal O Povo | 26.12.1931 }



O piso espelha em vultos o que acima dele se projeta. A claridade de um dia há muito perdido cega e queima a imagem. Faz calor, como sempre. Nenhuma árvore lá fora poderia denunciar o ar quente em movimento.

Quatro homens olham para a máquina, suas expressões são pouco nítidas. Todos usam chapéus e camisas de botões. As mangas, calças arregaçadas, dois baldes d'água e um esfregão mostram tarefa interrompida para a pose pensada. Um deles tem as pernas em quatro enquanto o braço pousa sobre a pedra lavada. O outro, de chapéu branco, parece perdido. Não soube posar: a mão, num movimento indeciso, ficou dependurada para fora do bolso, de cigarro entre os dedos. Como parecer bem no retrato em preto-e-branco?

Era uma quarta-feira? Um sábado? O fim de um domingo? Entre grã-finos, seus empregados, caixeiros, manicures, comerciários, poetas e amas-de-leite, quantas pessoas teriam passado por lá? Quantos quilos de vísceras, linguiças, ossadas teriam saído dos balcões em pedra para povoar as mesas alheias e servir de alimento?

Os corpos poderiam estar moídos do cansaço, mas o riso sairia frouxo, liso, ritmado no movimento descontínuo do esfregão, serpenteando montes de espuma. A água jogada aos bocados dissolveria o cheiro em tons de cinza rosado de sangue, escorrendo pela sarjeta sem rumo. José-Antônio, João- Francisco, Pedro-Carlos. Seus pés descalços no chão de pedra não parecem apressados. A vida lá dentro tinha outro tempo. De gente berrando cedinho na manhã, os olhos apressados saltando de uma banca a outra atrás do melhor colorido, às moscas zumbindo pesadas aos ouvidos de quem as escuta, espantadas aos tabefes em gestos displicentes.

O andar trôpego de bêbado serviria de motivo para um acerto de contas entre velhos e novos rivais. Uma mão leve escorregaria pelo bolso, surrupiaria o que não lhe pertence; um relógio, alguns réis. Olhos marejados de crianças perdidas espreitariam por entre os espaços os contornos de um rosto familiar. Desconfiadas, mulheres de pudor se resguardariam dos toques e olhares indiscretos, no íntimo orgulhosas, satisfeitas do furor causado nos machos.

No fim, era a mureta. Os jovens parariam ali jogando fora dois dedos de prosa com os de dentro. As pernas soltas sobre o corrimão de pedra da entrada balançariam na cadência da conversa, no chacoalhar da gargalhada ou do espanto. Do lado de fora, enquadrados pelas grades, passariam bondes e burros carregando gente exausta do esforço do dia, mas compostas em seus paletós brancos um pouco amassados do uso.

Era olfato, cor, suor, brilho, sorriso, passo, sangue, som, emendados num pulso.

Ele pulsava em duplo. Irradiava vida no coração da cidade.

{ Antes da inauguração do bonde, a carne verde vinha, pela tarde, do matadouro para a feira em costas de burros tangidos pelos carneiros (magarefes), que vestiam longas blusas de bata encarnada e traziam barretes da mesma fazenda e cor. À boca da noite, voltando do Mercado, montados e em disparada, que fazia tinirem os ganchos de ferro em que haviam trazido a carne, aqueles homens negros vestidos de encarnado metiam medo aos meninos, que neles viam demônios matadores ou lobisomens. Entretanto, que bom serviço não prestavam tais demônios! A Ferro Carril acabou com este transporte anti-higiênico da carne verde, construindo bondes fechados especiais, destinados ao mesmo fim.

Fortaleza Velha | João Nogueira }

O Mercado de Ferro era dividido em duas seções: a primeira, delimitada pelos boxes gradeados, abrigava vários tipos de carne: porco, carneiro, linguiças, vísceras, ossadas e a carne fresca, abatida no dia, conhecida como carne verde. A outra parte, com boxes feitos de madeira era reservada a frutas, verduras e legumes frescos. O transporte da carne verde tinha de ser feito diariamente, sobre tabuleiros atachados às costas de animais ou em bondes apropriados. Os vendedores levantavam-se da cama com céu escuro, galos nos pomares das casas entoavam o despertador matinal. Deviam estar prontos para receber clientes já às 5 da manhã. As reses, partes de animais usadas na alimentação, eram tabeladas pela Prefeitura. Dois mil contos de réis o quilo da carne sem osso, ou dois merréis, como chamavam popularmente. Ali, o valor era o mesmo da compra feita diretamente no matadouro. Inaugurado em 1926, o mais famoso abatedouro de Fortaleza foi talvez o Matadouro Modelo, localizado no Jardim América, onde hoje se encontra o Colégio Paulo VI.

O quintal de casa fazia as vezes de horta: pequenas plantações e galinheiros proviam as necessidades mais frequentes das famílias. O leite mugido era vendido na porta, vindo de seis ou sete vacas tangidas pelo leiteiro nas ruas. Os alimentos mais difíceis de se obter no conforto do lar eram comprados diariamente no mercado. Os cortes eram disputados vigorosamente pelos madrugadores que se avolumavam ante os boxes, ainda em processo de abertura e organização.

De acordo com o dicionário, magarefe é o responsável por tornar a carne apresentável para o consumo. É quem divide a porção inteira, amorfa, em linhas precisas. O corte deve ser perfeito, já que os pedaços – mais ou menos nobres – são vendidos a preços diferentes. As porções se diferenciam pela quantidade de fibras nervosas, que afetam tempo de cozimento e maciez do assado. Pescoço, lagarto, cupim, contra-filé, coxão duro, maminha, picanha. Imagino o magarefe, da mesma forma que o açougueiro. Vestido com roupas e luvas muito brancas, nas quais o sangue vermelho dos abates respinga a toda hora; olhos atentos, concentrados em meridianos imaginários no corpo do boi. Um faz uma semi-circunferência no lombo, retângulos seguem a marcação da cabeça, círculos entrecortadas próximo à cauda; ele não sente mais o odor do abatedouro, suas mãos não tremem; retalha, separa, limpa, recolhe.

O comprador tinha pressa: para garantir alguma lucratividade a despeito da tabelação tirana de preços, os magarefes aceitavam a melhor barganha. Com alguns tostões a mais em cada quilo, o freguês tinha direito à melhor porção e seria mais brevemente atendido.

{ As balanças, polidas, pareciam feitas de ouro. Vez por outra, fiscais da Intendência descobriam, pregados sob os pratos, pedaços de chumbo recobertos de sebo, destinados a lesar no peso dos compradores.

Fortaleza Descalça | Otacílio de Azevedo }

Ao meio-dia, chegava o fiscal da Prefeitura, autoridade já conhecida na área. Sorria, tentando se desvencilhar dos olhares tortos que recebia dos comerciantes. A partir desse horário, as carnes que não tivessem sido vendidas deveriam ser salgadas, para evitar contaminação. Caso contrário, os alimentos seriam inviabilizados com creolina, líquido utilizado como antibactericida.

O cheiro característico do produto pairava sobre o ambiente durante a tarde, espantando moscas e clientes. Muitas vezes, os comerciantes conseguiam livrar alguns cortes da supervisão atenta da fiscalização, iniciando a “hora dos pobres”. As carnes menos nobres eram vendidas a preços mais baixos, o que gerava fluxo comercial até finzinho da tarde. Das botinas lustradas de camurça às chinelas desgastadas de couro, todos transitavam por ali. O local era peça-chave no cotidiano da população.

{ Sr. redactor,

Posso informar-vos que os fiscaes da Prefeitura estão intimando a todos os possuidores de bancas e vendedores de comidas e frutas no imundo pardieiro a que chamam de <<mercado das frutas>> a desocuparem até o fim do corrente mez, parecendo que o sr. Prefeito está resolvido a acceitar a sugestão do O Ceará, de mandar demolir aquelle asqueroso e insupportavel atascadeiro, cujas emanações são visíveis attentados aos nosso foros de cidade civilizada. Até ahi, tudo muito bem, mas... O que constituirá uma flagrante e elamorosa injustiça, caso se realise, será a retirada das pobres <<verdureiras>> do mercado de ferro, para em seus lugares collocarem-se as bancas dos gringos.

Não quero crer que o Dr. Godofredo Maciel, em quem reconheço esclarecidas qualidades governativas, tome tão extravagante medida. Entretanto... Barbas de molho...

Uma verdureira.

Jornal O Povo | 13.01.1928 }

Após 40 anos de funcionamento, os pavilhões do Mercado Público são desmontados do Centro. A ação é aprovada em 1937 por Raimundo Alencar Araripe. As obras começam no ano seguinte, em movimentos quase mudos. Apenas uma nota curta de jornal noticia o fato, já comentado há anos no boca-a-boca dos trabalhadores.

{ Prefeitura Municipal de Fortaleza

Mercado da Carne

A Secretaria da Prefeitura chama a atenção dos interessados para o edital n. 12, que está sendo publicado no <Diário Oficial>, o qual se refere á concorrência pública para a desarmação, remoção e armação, em locais que a Prefeitura determinará oportunamente, do Mercado de Ferro destinado á venda de carne, atualmente localizado na Praça Capistrano de Abreu.

Jornal O Povo | 30.06.1937 }

Peça a peça, a construção diminui aos poucos entre nuvens de poeira. O barulho do incessante desparafusar de tantas grades faz com que os passantes cortem caminho por outras ruas. De repente, ela some. Uma mancha branca no chão em vez de enormes sombras negras, dando a sensação de frescor peculiar dos dias mais ou menos nublados. Então, é como se nunca tivesse existido, como se fosse um sonho. A praça parece ter tido desde sempre aquela claridade dolorida. Vez em quando, alguém para ali no meio da Capistrano de Abreu mirando o céu, procurando recordar esse passado de que não se tem tanta certeza.

O Mercado de Ferro foi desativado por uma série de motivos econômicos, políticos e sociais. A cidade guardava pouco do que era há quatro décadas, cheia de utopias em seu fervor industrializador. A Belle Époque tinha ficado para trás e, junto a ela, velhos hábitos: saltar no bonde que trilhava lento, os burburinhos de grupos literários nos cafés, influências francesas em todos os lugares. Com o avanço da tecnologia surgem necessidades que suplantam as antigas, transformando noções de locomoção, higiene, habitação.

{ A falta de Carne Verde na Cidade

Foram abatidas apenas 83 rezes de ontem para hoje - o que observou a nossa Reportagem no Mercado Público.

(...)

Antes de nos dirigirmos ao Mercado, obtivemos do Matadouro Modelo a informação de que, de ontem para hoje, foram abatidas ali apenas 83 rezes, quando há pouco tempo a média era de 120 nos dias úteis e 170 aos domingos. Note ainda que, atualmente, o gado enviado à matança é magro e caro, o que não acontece noutras épocas do ano.

Mais de metade das rezes abatidas naquele estabelecimento municipal destina-se aos açougues particulares, onde a carne é retalhada a preços especiais. O restante, cerca de quarenta rezes - como sucedeu ontem - é o que fica na praça Capistrano de Abreu. E dêsse modo, conforme constatamos, cada banca do Mercado recebe no máximo um boi e meio para o retalho do dia, o que é evidentemente muito pouco em relação ás necessidades da nossa capital.

Jornal O Povo | 27.10.1936 }

Há tempos que o abastecimento de carne do Mercado não era suficiente. A quantidade de reses retalhadas no Matadouro Modelo diminuía a cada ano, um

gado “magro e caro” dividido entre estabelecimentos privados e públicos. Dessa forma, a atividade de venda tornava-se insustentável, tanto pela tabelação de preços da Prefeitura, quanto pela discrepância entre procura e oferta. Os déficits constantes na renda mensal fez com que os permissionários abandonassem seus boxes, um a um. Em 1936, de acordo com matéria do jornal O Povo, vários compartimentos já estavam vazios, assim como o mercado na maior parte do dia.

Talvez o principal fator que minou as atividades do centro comercial foi a construção de outro mercado público a poucos metros dali em 1932, o Mercado Central. O local vendia uma gama diversificada de produtos, desde alimentos a artesanato. Frutas, temperos, doces, aguardente, roupas, relógios, bijuterias, calçados, miçangas, gravatas, material de construção, quinquilharias de todo tipo.

Por fim, a especulação imobiliária acirrava-se com a expansão da Capital. A necessidade de lucro pesava no bolso dos administradores municipais, promovendo a ocupação de lugares que ainda eram considerados nobres. A Praça Capistrano de Abreu é reduzida com a inauguração do Palácio do Comércio, em 1940, e da agência sede do Banco do Brasil, em 1942.

O Centro deixa de ser sinônimo de sofisticação residencial, passando a ser cada vez mais ocupado pelo comércio. A população procura os arredores para construir suas casas, delineando, aos poucos, o processo de segmentação social. Bairros ricos, classe média, pobres e muito pobres – as favelas. O bairro Aldeota, ou ainda Outeiro, assim como grande parte da seção leste da cidade, é o novo refúgio da burguesia emergente. As chácaras de veraneio do bairro Damas, não mais distantes, tornam-se moradias oficiais. Clubes de sócios da elite mudam-se para as praias, antes tidas como áreas típicas de pescadores. A expansão reflete-se em problemas de abastecimento, segurança, manutenção, exigindo a construção de um maior número de mercados públicos e delegacias de polícia.

Os tempos modernos apresentavam os frutos que não figuravam no mito da beleza. Cidades tão distintas embutidas umas nas outras, respondendo sob o mesmo nome. Fortaleza esticava-se como uma aranha, cujas pernas articuladas se desdobram lentamente, alcançando um tamanho maior do que jamais se poderia imaginar.

O Mercado das Carnes se separava e, por sorte e bom senso de nossos governantes na época, escapava das garras da destruição e esquecimento para cair nas da negligência no futuro. De um lado, o Mercado dos Pinhões é erguido em uma área nova da cidade, próximo à Praia de Iracema e Aldeota, para servir aos propósitos da nova população que ali se aglomerava. Sua outra metade é montada como o Mercado São Sebastião.

Sentei na pedra que dá base àquela estátua atípica. Situada no centro da praça, é uma homenagem, pode ser que indigna, ao Dr. Waldemar Cromwell do Rego Falcão, advogado, nascido em Baturité no ano de 1895.

Encimada pelo busto de contornos simples, de óculos, rosto imberbe e sorriso enigmático, a estátua se prolonga por uma coluna retangular rígida e acinzentada. Encravada em uma de suas faces, o paralelepípedo carrega a imagem contrastante

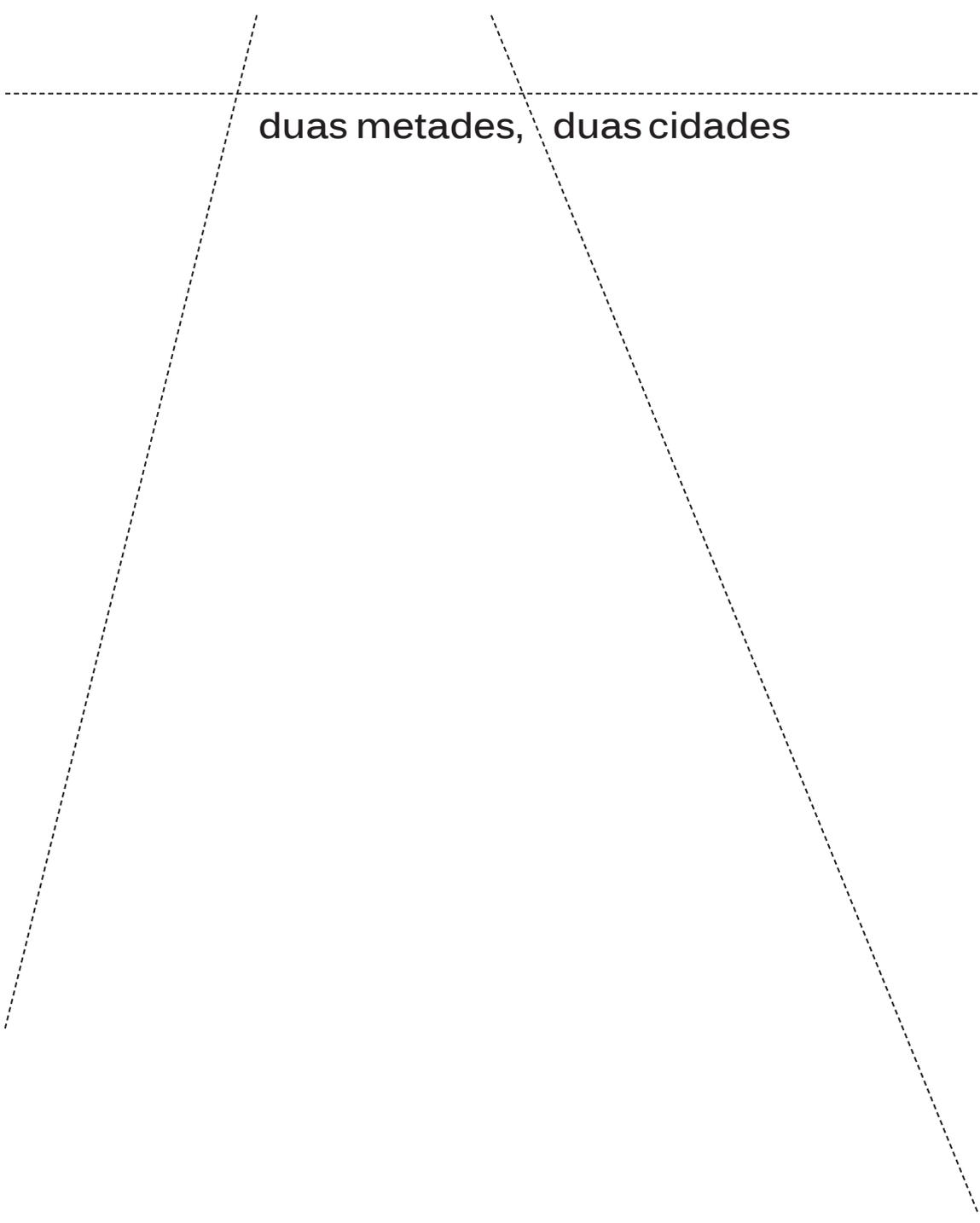
de um homem de costas, nu, martelo empunhado acima do corpo em posição de labuta. Waldemar foi ministro do Trabalho, Indústria e Comércio durante o Governo Vargas, de 1937 a 1941.

A estátua encontra-se encurralada entre dois prédios duros, de cor e aspecto homogêneos. No sentido norte, o Banco do Brasil, no qual retângulos figuram numa parede de alvenaria branca, subdividindo-se em outros retângulos, e estes em outros, assim sucessivamente. A construção mira o Palácio do Comércio, de formas mais arredondadas, vértices mais discretos. Ainda assim, a massa de pedra brilhante cinza-clara não alivia a estreiteza do espaço que circunda. Os grandes muros reduzem a praça a um vão.

Apesar do sol já quase a pino, a copa das 25 árvores plantadas quase que por milagre naquele lugar apertado me oferecia sombra e proteção. Não há um banco sequer. Algumas bancas de revista e carrinhos de vendedores ambulantes, já próximos da rua, dão as costas à praça. Enquanto isso, pessoas passam, apressadas, sacolas também em punho, rumo ao trabalho, às casas, às compras.

O único que habita de fato o local, encontrando abrigo em meio a um espaço de chão próximo a mim, é um sapateiro. Homem negro, calvo, barba por fazer, presumo que tem por volta de 50 anos – talvez menos; quem trabalha de sol a sol costuma ser castigado com alguns anos a mais na forma de rugas, marcas dos dias. Com mãos tranquilas, ele faz com a flanela o movimento de vai-e-vem no mocassim de um senhor robusto, sentado em uma cadeira metálica improvisada. Este parece um sultão, mira o infinito com placidez. Após alguns minutos, o sapateiro inicia o lustre com as mãos, em batidas rápidas. Fecha a garrafinha com graxa, espera o pagamento. Seis reais. Recebe satisfeito. O sultão vai embora contemplando o brilho vistoso do calçado. O homem especializado no trato de sapatos instiga por permanecer num espaço que hoje é somente de fluxo. Seu ofício também não é próprio da contemporaneidade apressada, excessivamente industrial. É um artesão, que tem nas mãos suas principais ferramentas, em ritmo contrastante com o automatismo de escritórios em bancos ou transações comerciais.

Além dessa figura destoante da paisagem, ninguém para. Ninguém olha. Sou a única a prestar a devida atenção ao Sr. Waldemar Falcão, advogado baturiteense, ex-ministro de Vargas.



duas metades, duas cidades

{ Às vezes o espelho aumenta o valor das coisas, às vezes anula. Nem tudo o que parece valer acima do espelho, resiste a si próprio refletido no espelho. As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada do que acontece em Valdrada é simétrico: para cada face ou gesto, há uma face ou gesto correspondente invertido ponto por ponto no espelho. As duas Valdradas vivem uma para a outra, olhando-se nos olhos continuamente, mas sem se amar.

Cidades invisíveis | Ítalo Calvino }

A escassa sombra das árvores não dava conta do afobo dos meninos ao deitar a seus pés. Como se diz, quem não tem cão caça com gato, e aquilo bastava.

As partidas eram animadas. Descamisados e descalços, os pés driblavam uns aos outros atrás da gorduchinha. Cada bolada que passava pelas travas improvisadas era um grito no ar. O goleiro disfarçava o frango olhando para o chão, um friso riscando a testa.

— Vão construir um negócio aí, sei o que é não.

Ninguém levou a sério. Onde já se viu, aquilo era lugar pra fazer qualquer coisa? Certo que nos últimos tempos tinha gente grã-fina indo por aquelas bandas. Mas acabar com o campo? Pra construir sabe-se lá o quê.

Ficaram boquiabertos quando, numa manhã, o caminhão apareceu. E outro, e mais outro atrás. De dentro, saíam enormes peças de ferro, pinos e parafusos, pedras e canos.

Um homem caiu de um dos andaimes durante a construção. Estrupiou-se todo, espetado pelos ferros. O vermelho escorreu, num olhar vazio para o céu. A menina se escondeu por trás dos panos da mãe, olhar arregalado para o homem.

Acabou-se campo. A gorduchinha agora restringia seus caminhos ao empedramento da rua, dividindo atenção com as barracas da feira. Tomaram seu lugar os restos de fruta pisoteados, as escamas de peixe recém-pescado, as pechinchas, os trocados.

De campo a praça, de praça a mercado.

No meio daquele mato de pinhões e coqueiros, jazia o “monstrengo de ferro”.

Iluminadas à noite por parques candeeiros, casinhas tímidas habitavam as redondezas. Por lá não passavam bondes, só o areal das dunas que serviam de escorregador à meninada. Os partidos azul e vermelho faziam festa nas quermesses em um terreno ao lado. Todo mundo se enfeitava para tomar parte. Do tempo que criança corria adoidada na rua. Que o namoro pairava no olhar. Que palavra de pai era lei.

Aquele lugar vive dividido. Ao norte, está a Praia de Iracema, os hotéis, o calçadão, a ponte, os antigos pontos de boemia da cidade; a oeste, o Centro da cidade, o comércio, os ambulantes, os antigos sobrados abandonados; a leste, a Aldeota, os arranha-céus ferindo a vista, as dondocas de óculos escuros empinando narizes de plástico *vers le ciel*.

A montagem do mercado se concluiu em 12 de julho de 1938, para o abastecimento de moradores dos bairros circunvizinhos. Dizem que o nome “Pinhões” derivou do matagal de pinhões roxos e folhas de coqueiro, que circundavam o terreno de areia e barro tomado como campo de futebol pelos times suburbanos.

O que poderia ter acontecido nas décadas que se seguiram à montagem do mercado? Certamente, tornou-se um dos movimentados pontos de comércio da cidade. Dezenas de barracas povoavam seu interior: os mais diversos gêneros alimentícios deviam ser vendidos por lá. Boxes comercializavam a merenda da tarde, enquanto artesãos punham suas obras à vista dos passantes. Com o tempo, o espaço passou a ser cada vez mais visitado, e então a feira semanal, realizada nas manhãs de sexta, tomou conta dos arredores do mercado. Era tanta gente que as ruas laterais de acesso, Nogueira Acioly e Gonçalves Ledo, precisavam ser interditadas para impedir a passagem de carros. Um alvoroço só.

Todos os dias, bem cedo da manhã, assim como fora quando inteiro, o Mercado dos Pinhões se enchia de vida. Aquela metade do Mercado de Ferro pode ter vivido anos de glória, considerada um dos equipamentos civilizadores da sociedade cearense. Mas os parafusos, antes fixos, começavam a se soltar; as colunas rígidas iam aos poucos sendo destruídas pela ferrugem. Os Pinhões ruíam lentamente, corroendo-se por dentro.

Era 1978.

Desde alguns anos antes, o Mercado dos Pinhões vivia em difícil situação de funcionamento. A estrutura de ferro, sempre digna de admiração, estava em frangalhos; o teto colecionava buracos, enquanto no chão abriam-se outros mais. Os poucos sanitários entortavam os narizes de clientes e vendedores. Visceras expostas tornavam o odor insuportável para quem morava ali perto, “principalmente nas horas de refeições”. Não havia água para o abastecimento e a limpeza. Era o fim da era de ouro.

As reclamações centravam-se na limpeza do local. Além das feiras semanais realizadas às sextas, sujando toda a rua, o próprio interior do mercado se enchia de restos de frutas, verduras e embalagens diariamente. Apesar dos alertas e dos pedidos da população pela melhoria da situação, o lugar continuava funcionando sem nenhuma reforma ou providência tomada pela Prefeitura, nem pelos permissionários. Talvez por desmotivação política ou pela centralização das decisões municipais nas mãos da União, em plena ditadura militar, o Mercado dos Pinhões atravessou incólume toda a década de 1970.

{ Balanças eram cobertas com sacos plásticos ensanguentados, uma lagartixa passava tranquila sobre as tábuas negras de outro boxe, casas de aranha dependuravam-se nos canos metálicos e a poeira encobria as cobertas dos boxes de frutas e verduras. Marcas de

sangue nos mosaicos se misturavam ao sujo de dias sem lavagem. Tudo, no velho Mercado, é anti-higiênico.

Jornal O Povo | 15.07.1978 }

“Melhor é retirar o comércio do interior do prédio, de estrutura admirável”. A insinuação saiu da boca do diretor do Departamento de Fomento e Abastecimento da Prefeitura, Solinésio de Alencar. “Qualquer proposta que substitua o comércio atual será bem recebida”.

Começavam aí, para os permissionários e clientes assíduos, os primeiros boatos (ou ameaças?) de uma reforma que reestruturaria física e funcionalmente aquele que era o ponto de abastecimento da área mais nobre da cidade – e fonte de renda de dezenas de famílias da região.

De repente, ele poderia ser tudo.

Se Zoológico, em seu centro haveria “um viveiro de pássaros ornamentais ou algo semelhante”, “para o deleite da garotada”. Outros pequenos animais poderiam povoar o esqueleto de ferro, fazendo a alegria dos turistas, provavelmente encantados com a beleza daquela estrutura armada.

Se Mini-prefeitura, as crianças veriam uma pequena cidade montada no interior do antigo mercado. Lá, aprenderiam as regras de convivência da sociedade. Poderiam ter reforços de aprendizado. “Até o ‘prefeito’ seria um estudante, escolhido, a cada mês, por um colégio diferente.”

Se Feira de Flores, os fortalezenses poderiam “adquirir o saudável hábito de presentear amigos e parentes com flores naturais”. As floristas da Rua Barão do Rio Branco finalmente teriam um local para comercializar os produtos, fora das calçadas do Centro, onde eram perseguidas constantemente pelos vigilantes das lojas.

Se Cooperativa de Artesanato, seria uma extensão da Avenida Monsenhor Tabosa, importante ponto turístico e de venda de manufaturados. Os poucos locatários dos Pinhões que já estavam no ramo teriam um local adequado para trabalhar. “Se for para vender flores e coisas de artesanato, aqui dá muito bem.”

Se Mercado do Livro, seria utilizado “não só para venda de obras de autores cearenses e literatura de cordel, como também para encontros e bate-papos de escritores e jornalistas.” Mas remontado em outro local: o Passeio Público. Afinal de contas, já existia um supermercado ali, um dos antigos Jumbos construído na esquina da rua Gonçalves Ledo. De que adiantaria aquele mercado sujo e feio como estava? Melhor mudar.

Os locatários do Mercado dos Pinhões assistiam atônitos à sucessão do que seria o local de trabalho deles; o futuro era uma lacuna em branco, preparando-se para ser preenchida. Os boatos multiplicavam-se, gerando sentimentos distintos: revolta, resignação, aceitação.

Quase todos eles eram antigos no mercado, habituados com o ambiente empoeirado, as calçadas irregulares, o lixo acumulando-se nas esquinas. O aluguel de valor quase simbólico não era suficiente para pagar nem as despesas da administração local. Para alguns, a diária não chegava a Cr\$ 2,00, equivalente

a menos de um centavo, em reais. O preço variava conforme o tipo de negócio e a localização do box.

Eles compreendiam a má situação do mercado, há muito carente de melhorias. A sentença “mudar, é a única opção” estampava, em letras compridas, uma manchete do Jornal O Povo, em julho de 1978.

Uniram-se locatários e moradores do entorno em defesa do local, sendo providenciados vários abaixo-assinados com mais de 800 assinaturas contra a ação.

Os documentos questionavam ainda a ausência de reformas nos mercados de Fortaleza, como Bela Vista, Aerolândia, Carlito Pamplona e São Sebastião. Em quase 50 anos, o prédio havia recebido apenas algumas demãos de pintura e o reparo da instalação elétrica.

O projeto, no entanto, não saiu do papel. Arrefecida a pressão do poder público, o assunto foi deixado para trás e os comerciantes tranquilizados. Depois de mais de uma década sem nenhum pronunciamento oficial da Prefeitura sobre o caso, recomeçavam os boatos de reforma. Em outra proposta, os mercados seriam reunidos novamente, como um centro cultural na praça Visconde de Pelotas, onde o Mercado dos Pinhões já estava. A suposta transferência nunca chegou a se concretizar. Mas o local tinha suas cartas marcadas.

{ O projeto vai recuperar o desenho original do antigo Mercado da Carne (formado pelo pavilhão dos dois mercados) e criar espaço para feira de flores (lojas), exposições, shows, restaurante com dois pavimentos, jardineira, estacionamento para carros, ônibus de turismo, caminhões e táxis, banca de revista, rampa para paraplégicos, depósito, fiscalização, banco e uma passarela no segundo andar que interligará os dois galpões que formarão o novo Mercado dos Pinhões.

Jornal Diário do Nordeste | 12.01.1997 }

O ano de 1998 desponta com a euforia natural do ano novo. No bojo de seus primeiros dias carregava o signo da renovação, solicitado em pedidos ou simpatias no 31 de dezembro. Nos doze meses que se seguiram, uma série de acontecimentos mudaria a dinâmica do país, como a implementação do novo código de trânsito, a Copa do Mundo, a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.

No Mercado dos Pinhões, a mudança chegou bruscamente. Logo em janeiro, era interdito para reforma, pelo Prefeito Juraci Magalhães. Atendendo às solicitações anteriores, arrastadas anos a fio, a estrutura finalmente seria recuperada.

Os locatários saíram dali de bom grado, afinal, o serviço tinha prazo. Deixaram o lugar com a promessa de que voltariam em três meses, quando a obra estivesse concluída. Enquanto isso, a Prefeitura alocou os 17 vendedores em barracões provisórios feitos de lona e madeira, no meio da rua.

{ promessa. [Do lat. med. promissa.] S. f. 1. Ato ou efeito de prometer. 2. P. ext. Coisa prometida. 3. Oferta, dádiva. 4. Compromisso (1). 5. Voto, juramento. }

{ “O pessoal da Prefeitura usou de má fé. Eles disseram que a gente ia voltar pra lá só para a gente sair sem causar problemas. Agora, a gente tá aqui, aguentando esse calor” protesta Maria Gonçalves, permissionária do Mercado dos Pinhões há seis anos.

Jornal O Povo | 27.11.1998 }

As condições de trabalho nos barracões eram mínimas. Restos de comida pelo chão e escassez de água denunciavam a falta de limpeza, afastando fregueses. A céu aberto, a segurança ficava comprometida, ocasionando pequenos roubos.

Os meses foram somando-se e os vendedores continuavam ali. A espera durou mais de dois anos, até que obtivessem uma resposta sobre o futuro – seriam transferidos para outro prédio? Continuariam ali? Voltariam para o mercado?

Em março de 2000, os locatários são avisados que receberiam seus boxes. O Mercado Anexo estava pronto para uso, garantiu a Regional II. Seu Mundico, permissionário que enfrentou a transição, diz que o prédio só foi criado a partir da pressão incisiva dos trabalhadores. Ainda assim, o lugar jamais teve a imponência do vizinho. “Aqui não tem presença de mercado”, lamenta.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA
SECRETARIA EXECUTIVA REGIONAL II – SER II
CONSTRUÇÃO DO ANEXO
MERCADO DOS PINHÕES
PREFEITO: Dr. JURACI VIEIRA DE MAGALHÃES
SEC. REGIONAL II: DR. RENATO PARENTE FILHO
GER. DE DESENVOLVIMENTO: Dr. MAURILIO BANHOS DIAS
INAUGURADO EM MARÇO 2000

Expulsos os comerciantes, a Prefeitura agora poderia fazer o que bem entendesse naquele espaço. Executada durante quase um ano, a obra teve projeto arquitetônico elaborado pelo arquiteto Otacílio Teixeira Lima Neto. Já a restauração em si coube aos arquitetos José Capelo Filho e Lídia Sarmiento.

{ O que mais revoltou os permissionários dos Pinhões foi a realização de uma festa no espaço do Mercado, em dezembro do ano passado, por uma empresa de promoções, com autorização da Prefeitura. Eles reclamam que, enquanto sua situação está sem solução, um evento festivo e sem preocupações sociais estava se desenvolvendo no local.

Jornal O Povo | 29.01.1999 }

Mesmo com uma discussão extensa sobre os usos a serem adotados após a restauração, o Mercado dos Pinhões estava fadado a ser utilizado como “salão de festas” da Prefeitura. O novo nome do prédio, imposto à população, agora era Mercado das Artes. A promessa de ser um importante centro cultural da cidade, espaço de exposições de artes plásticas, shows, peças de teatros e cursos de artesanato, andava a passos lentos.

Ao que parece, apenas a partir de 2005, as coisas começaram a mudar, quando, no início da primeira gestão de Luizianne Lins, foi apontado um administrador exclusivo para o Mercado dos Pinhões, Marcelo Costa.

De 2005 a 2008, ele gerenciou o equipamento. Assim que ocupou o cargo, diz ele, “não tinha nada naquele mercado. Tava tão feio, tão acabado, tão detonado”. Um dos grandes desafios de reavivar a programação do lugar era a presença de viciados em drogas, acostumados a entrar para fumar ou passar a noite nas calçadas do edifício. “Botava pra correr”, relembra.

Apenas algumas locatárias ainda ocupavam os boxes, uma vendedora de bolsas de couro artesanais e outra senhora que vendia sabonetes. A grande dificuldade em atrair interessados se dava devido ao longo processo das licitações. A saída encontrada era mantê-los do lado de fora ou então entrar em um acordo de permanência provisória nos boxes.

Além de responsável pela manutenção da estrutura física, Marcelo também estava encarregado de trazer projetos de ocupação do mercado.

{ No Mercado dos Pinhões, as noites são animadas. Com uma programação cultural quase diária, as instalações de ferro, chegadas aqui em Fortaleza ainda no século XIX, mudam de ânimos a cada atração acolhida. Amanhã, por exemplo, no dia da Terça Negra, o cantor caboverdiano Mário Lúcio agita o espaço. Na quarta, durante o mês de junho, o espetáculo de dança Que Liberta, da Cia. Anagrama, faz apresentação. Na quinta, shows de blues até o fim do mês; na sexta, os grupos Cordas que Falam e Regional do Macaúba revezam no chorinho. Para não enjoar, é melhor pular o sábado, quando o local descansa. Mas se bater a saudade, já pode voltar no domingo, para participar do forró pé de serra, com o som de Diassis Martins.

Jornal O Povo | 16.06.2008 }

Feira de flores, capoeira, aulas de violão, oficinas de artesanato para crianças, a feira itinerante Empório Mix, shows da Feira da Música, lançamento de livros e o projeto Chorinho no Mercado também faziam parte dessa nova programação.

Outro evento marcante era o deVERcidade, promovido pelo Instituto de Fotografia (iFoto). O nome por si só explica o intuito do projeto: ver as cidades de diferentes formas. Por cinco dias, luzes iluminavam as ruínas do antigo Pão de Açúcar, que serviam de lugar para as exposições de nomes importantes da fotografia cearense e brasileira. O Mercado dos Pinhões era usado como local para palestras, oficinas e palco para shows.

A assistência da Prefeitura com reparos na estrutura, conta Marcelo, “era muito demorada. Já que tá vendendo, tem que ajudar na manutenção do mercado”. Quinze reais daqui, vinte dali e estava trocada uma lâmpada, consertada uma

porta. Todos os locatários se mobilizavam, além dos comerciantes e moradores dos arredores. Juntos, chegaram a montar uma árvore de Natal de três metros dentro do mercado e decoraram toda a praça com luzes natalinas. “Era uma família”.

{ Uma das cidades é fixa, a outra é provisória e, quando termina sua temporada, é desparafusada, desmontada e levada embora, transferida para os terrenos baldios de outra meia cidade.

Cidades invisíveis | Ítalo Calvino }

{ A Prefeitura está desmontando o Mercado de Ferro da Praça Capistrano para levá-lo na longínqua Praça S. Sebastião, pouco antes do Otavio Bonfim.

Jornal O Povo | 22.12.1937 }

Um dia, o esqueleto que abrigava o Mercado São Sebastião foi metálico – uma das metades do antigo Mercado de Ferro do Centro. Quando os gradis de ferro tornaram-se pequenos para comportar as demandas da população, as peças foram desparafusadas e reerguidas magicamente em um novo bairro. Em 1968, o mercado foi remanejado para a Aerolândia.

O São Sebastião é considerado, até hoje, um dos grandes centros de abastecimento da cidade. Nas altas da madrugada os caminhões já descarregam os produtos em um grande pátio circular, caixas e mais caixas de alimentos frescos provenientes do interior do Estado. São 449 boxes que comercializam tipos diversos de alimento, artesanato, descartáveis, ferragens, materiais de construção, além das lojas de lanches e farmácias.

De acordo com o historiador Raimundo Gomes, o local era a referência para a compra de gado da cidade. Uma espécie de bolsa de valores das reses, função exercida até meados da década de 60. “Era a maior feira que existia de gado”. Ironicamente, a praça onde o mercado foi erguido prestava suas homenagens ao senador Francisco Paula Pessoa, ex-comboieiro conhecido como “Senador dos Bois”.

{ Iniciado Movimento Contra Derrubada do Galpão do Mercado São Sebastião

Os trabalhadores em mercados públicos de Fortaleza se reunirão, domingo próximo, a partir das 15h30m, na sede do Sindicato dos Textéis, para adotarem uma posição firme sobre a pretensão do prefeito Murillo Borges de demolir o galpão de ferro do Mercado São Sebastião. O sr. José Ribamar Rodrigues, presidente da União dos Trabalhadores de Mercados Públicos do Ceará, falando a O POVO, revelou que a união é totalmente contrária à demolição do

galpão de ferro, embora defenda a sua completa reforma e construção de um novo galpão, ao lado do existente, desde que os serviços não afetem a bolsa de quantos ali ganham a vida.

Jornal O Povo | 29.02.1964 }

Cheguei ao mercado por volta de 8h da manhã. Na frente do São Sebastião, restos de sabugos entopem os bueiros para onde correm os vãos dos meios-fios, enquanto o rádio embala um grupo de homens de meia-idade no ritmo do carimbó. A manhã começa no compasso acelerado de quem sacoleja o sono do domingo preguiçoso. É dia de feira.

Tanta gente: idosos, senhores e senhoras de meia-idade, crianças pequenas desatadas das mãos dos pais. Atravessam a passarela e seguem para a área exterior, permeada por algumas lojinhas vagamente iluminadas, ladeadas pelo concreto.

Bocas que gritam e sussurram em busca da melhor oferta. Os vendedores fazem o pregão em bom tom: “Macaxeira água moooorna!”, “Hoje o porco tá em promoção!”, “E aí, mocinha, vai querer levar?”. Outros apenas esperam pacientemente, sentados com olhar insone ao morder uma maçã amarela-vermelha. O mercado é intercalado por estampidos ou silêncios alternados a cada passo, a cada novo box.

Engraçado são os sons dos passarinhos. Já tinha notado uma revoada de andorinhas (ou seriam corruíras?) quando cheguei, mas agora ali dentro ouvia novamente um coral agudo, entoando notas muito altas. Mais à frente, encontrei uma loja com gaiolas vazias de todos os tamanhos e materiais.

Em meio ao caminhar de fregueses apressados, reconheci o rosto do memorialista cearense Nirez, trajando um terno social e blusa branca de botão. Há quanto tempo suas próprias lembranças são tecidas aqui no entremeio de encontros do mercado?

Do andar de cima vejo tetos piramidais das bancas deixando transparecer o colorido dos produtos à venda. Um homem acaricia as alfaces separando-as em compartimentos menores. Depois, coloca caju em um saco plástico girando-o repetidamente, até perceber que está selado para arrematá-lo com um nó. Vislumbro milhares de cajaranas, atas, seriguelas, pitombas, tais quais as que brotavam das árvores de troncos fortes no sítio do meu avô. Muitas delas são mesmo provenientes do Interior, poderiam tão bem ter vindo da ensolarada Limoeiro do Norte, município localizado a 194 quilômetros de Fortaleza. Um freguês escolhe bananas com cuidado. Pelo trato, parece que conhece o dono do box há muito tempo. Outro fala no celular enquanto anda. Ali as coisas fluem pela lógica sensorial – toques, cheiros, imagens.

A seção de carnes, peixes, vísceras e laticínios parece menos movimentada que as outras. Os cutelos criam uma percussão dissonante, amalgamada à sinfonia dos facões sendo afiados. O corte nem sempre é fluido, e quando a lâmina encontra um músculo rígido ou osso tenta rompê-lo com pancadas súbitas. As reses dependuradas em ganchos escondem os rostos dos vendedores atrás dos balcões. São pedaços robustos em tamanhos disformes, com capas de gordura alaranjadas. Os açougueiros de camisas brancas destacam-se. Um pouco de sangue escorre em um deles, que chacoalha a mão e limpa o restante na calça.

Clientes olham atentos, procurando uma porção tenra para o almoço de meio dia. A balança com o peso dos cortes oscila a cada nova porção colocada na bandeja de metal.

Ao fim do percurso, compro uma tapioca em um dos últimos boxes da seção de frutas, verduras e hortaliças. Feita na hora, preenchida por muitas colheres de manteiga tirada diretamente de um pote exposto no balcão. São os R\$ 0,50 mais bem gastos do dia. Às 9h30, os fregueses já pedem pratos repletos de “sustância” como galinha caipira, panelada, carneiro cozido.

Na saída, o passo vai afrouxando à medida que aumenta a distância entre mim e o prédio de concreto. Permanece de alguma forma, entretanto, a pulsação latente do local – e a vontade de retornar.

Aerolândia, a cidade do ar. Em suas casas e edificações estão presentes ângulos estratégicos direcionando a observação do céu: é onde melhor percebemos a formação de constelações nebulosas, imagens etéreas atravessando as nuvens espessas. Ao longe, um zumbido indistinto de avião. Talvez um caça cortando o ar prateado, talvez um teco-teco deixando rastros de fumaça branca em seu caminho. O mistério ganha contornos de realidade no campo da Base Aérea, onde meninos descamisados assistem a pousos e decolagens, voos de aspirantes ou pilotos experientes.

A Base, que está ali desde 1939, foi uma das grandes responsáveis pela ocupação do bairro. Diversos trabalhadores de outras cidades do Estado vieram trabalhar em sua construção como pedreiros, carpinteiros, serventes e pintores. Com a Segunda Guerra Mundial, foram instaladas, em suas proximidades, vilas para militares. A área era conhecida como Campo de Aviação até a década de 60, quando moradores e oficiais mudaram o nome para Aerolândia. Silenciosamente, sem registros formais, os nomes das ruas também foram modificados: agora homenageavam tenentes, capitães, coronéis, heróis dos ares. Pintadas à mão, as placas com as novas designações foram fincadas em cada esquina por homens e mulheres da região.

Porta de entrada da cidade para os que vêm de imediações ao sul, o bairro é próximo de vários pontos estratégicos da capital. Aeroporto, Centro, estádio Castelão. Após a construção da Avenida Raul Barbosa, em 1988, aproximou-se igualmente do Shopping Iguatemi e das praias. Antigamente, era considerado um lugar distante, fazendo fronteira com o caminho da Messejana – o transporte coletivo não abrangia toda a região.

O “Mercadinho da Aerolândia” é inaugurado em 27 de março de 1968, tornando-se rapidamente um ponto de referência. Cinquenta e dois boxes funcionavam diariamente, vendendo alimentos frescos, cereais, miudezas, bebidas, “tudo, tudo!”, enfatiza dona Alda, proprietária de três boxes desde sua fundação. Nas décadas de 70 e 80, o mercado atingia o auge de suas vendas, reunindo fregueses de Fortaleza e de outros municípios, que chegavam à região pela BR-116.

Antes de sua construção, havia uma feira às margens da rodovia onde era

possível encontrar carnes, peixes, frutas e legumes. A carne podia ainda ser comprada diretamente no matadouro do bairro ou nas bodegas, que vendiam produtos secos e outros objetos necessários ao dia a dia.

{ O mercadinho do bairro da Aerolândia é o único que está com seus boxes ocupados. Seus concorrentes, as feiras livres e os mercantis, ficam distantes. Vamos dar algum estímulo para poderem os outros mercadinhos ficarem ocupados pois, por enquanto eles estão ociosos. Há uma pracinha que está sendo plantada sua grama. A Sumov através de seu Departamento de Paisagismo está de parabéns.

Jornal O Povo | 31.07.1970 }

O poeta Francisco Assis, conhecido como Cabo Assis, mora na Aerolândia desde 1955. Trocou as pistolas e a postura rígida da Polícia Militar pela rima e pelo verso livre dos cordéis. "Tô na reserva há muito tempo, saí em 87". Autor de vários textos sobre o bairro, é dono de uma oficina metalúrgica ao lado do mercado. Ele conta que o local tinha quiosques de roupas e alimentos, onde sempre comprava as mercadorias do mês. Todos os dias tomava um caldo de lá, para aquecer a alma e dar disposição à manhã que se seguia.

{ Há 50 anos pra cá
Alguma coisa eu vou contar
Aerolândia cresce muito
Bairro bom de morar
Só falta o que vou dizer
Todo mundo vai entender
Os políticos têm que olhar

Tem bairro por aí
Os políticos olham bem
Eu falo por alto
Aerolândia nada tem
O mercado muito pobre
Mas existe gente nobre
Aerolândia todos querem bem

Um bairro perto do Centro
Tem toda categoria
Todas as ruas têm seu respeito
De militar que servia
Na Base Aérea de Fortaleza
Um quartel que tem beleza
Toda noite e todo dia

Coisas importantes
Aerolândia tem que ter

Um ginásio coberto
Com ordem pra se manter
Um mercado bem sortido
Um terminal com abrigo
Uma praça com lazer

Aerolândia em Cordel | Cabo Assis }

Segundo Antônio do Carmo – o Toinho Cabeleireiro – dono de uma barbearia acoplada a um bar no entorno do mercado há cerca de 40 anos, o local “era um negócio sofisticado no começo”. Ele aponta que a instalação do frigorífico Boi e Cia. marca o início da concorrência nas redondezas. “Quando começou, o mercado foi caindo”, explica.

MERCADO DA AEROLÂNDIA JOGA FEZES HUMANAS PARA A RUA

O título foi publicado em uma matéria no jornal O Povo, em 1º de março de 1982. Fazia apenas 14 anos que o Mercado se instalara na Aerolândia e os primeiros sinais de negligência começavam a se apresentar. Os banheiros eram os principais culpados pelo mau cheiro, obrigando os vendedores a fecharem as portas durante a limpeza do ambiente, realizada às quintas-feiras pelos próprios locatários. Eles reclamavam que os sanitários viviam entupidos e que a administração do local queria se isentar da responsabilidade de mantê-los.

Mesmo assim, todos os boxes estavam ocupados. Ao longo dos anos 1990, o mercado ouviu rumores longínquos de uma possível reforma, de uma transferência para reaglutiná-lo ao irmão gêmeo, localizado na Aldeota. Mas os boatos caíram no esquecimento e a rotina seguiu normalmente. Aos poucos, entretanto, os antigos locatários foram rareando. Uns iam embora por conta da idade, de problemas de saúde; outros porque os filhos não queriam mais que os pais se dedicassem às vendas. Um a um, os pontos do Mercado da Aerolândia, antes considerado “o shopping do bairro”, foram fechando suas portas. Atrelada ao abandono vinha a falta de manutenção por parte da Prefeitura. A limpeza, antes semanal, rareava; os vigias também foram cortados dos gastos.

Durante os anos 2000, leitores de jornais, em sua maioria velhos frequentadores e moradores da área, enviavam denúncias sobre o atual estado do mercado. “Frequentei muito aquele mercado quando criança e hoje, vendo o potencial econômico, turístico e histórico daquele prédio só tenho a escrever que estou desapontado com mais essa promessa não cumprida de reforma do local”, reivindicou o funcionário público Marcel Régis Machado, em nota publicada pelo jornal O Povo em janeiro de 2010.

Era um mercado que de tão bonito, parecia conto de fadas. Moravam gestos amigos, olhares sorridentes, falas enérgicas. Todos conviviam em harmonia, senão perfeita, perto disso, e levavam os dias como se as agruras do tempo não

os pudessem alcançar.

Acontece que o tempo é traiçoeiro. Ele nos espreita de longe, com seus olhinhos miúdos e reflexivos. Ele se esconde entre as frestas das portas, no ranger dos canos, no assovio do vento. Dono de uma paciência infinita, age devagar e se mostra tão cuidadoso na execução de seus planos que chega a passar despercebido. E assim, aos pouquinhos, como uma goteira infinita a encher um tanque, ele se infiltra. Nos adentra.

Os primeiros sinais passam ao largo, distraídos.

É a fechadura de uma portinhola de balcão que não se quer mais consertar. A caixa registradora que emperra, uma balança medidora que perdeu precisão. É a falta de troco. É uma saca de arroz que vem a menos, uns tomates que vêm murchos, é o gume cego de um facão. É a tinta que lasca no cantinho da parede. Uma poeira acumulada das semanas.

Não que seja por falta de cuidado ou por simples preguiça. Também por efeito do tempo, os olhos já não veem mais como antes, os sulcos ao redor da boca se aprofundam. As veias verde-azuladas saltam das mãos. Os dedos murcham e encarquilham. Os tendões do pescoço se exibem. As articulações enrijecem. A voz falha.

E quando alguém se dá conta, quem passa no corredor é apenas o ar rarefeito. Mais por força do hábito que pela sobrevivência, continuam a executar os afazeres cotidianos, como que para dissuadir a si mesmos do que já é fato consumido.

no lugar onde estamos, o lugar que somos



Não sei de onde me vem essa mania de tentar descrever tudo com detalhes. É preciso entender que lacunas fazem bem à imaginação.

É como se o entorno do Mercado dos Pinhões fosse uma pequena vila. Ao centro, a praça e a estrutura de ferro; seguindo pela Gonçalves Ledo, na direção norte, há uma pequena igreja, que pontualmente badala seus sinos (porque em toda vila há uma igreja, uma praça e uma feira semanal).

Em frente à fachada leste do mercado, há o “Mercantil Nordeste”. O proprietário, Inácio Gomes, deve ter cerca de 30 anos, magro e calvo. À venda, estão alguns produtos de necessidade primária e outros supérfluos, sempre em pequenas quantidades. O mais curioso foi o rolo de papel higiênico em unidade, que custa alguns centavos.

Ao lado do mercantil, mora Francisca Matilda dos Santos, a *dona Teté*, senhora de 87 anos que viu o mercado ser erguido no bairro. Palmas ao portão – cheguei assim, à moda antiga. Quem me recebe é Cláudia, neta da Teté. É carinhosa com a avó, a “Fifia”, o toque delicado em sua perna. “Essa veinha tem muita história pra contar”.

A sala, muito simples, tem as paredes caiadas de branco e o chão de cimento batido. Timidamente, aproximei minha cadeira de plástico do sofá onde Teté está sentada. Ela é uma senhora de cabelos curtos, bem crespos, “um olho azul, azul”.

As retinas leitosas espreitam o perdido enquanto ela conta, com a voz baixinha, mas clara, sobre a montagem do mercado em 1938, a casa que era de taipa, a rigidez do pai, Pedro Matias. “De muitos janeiros a gente se esquece”, solta.

“Fifia, conta de como você era enfermeira. Se lembra?”. “Ah, é”, responde para a neta. Parece que durante muitos anos ela “espetava o povo com agulha”, até mesmo autoridades importantes. “Eu não sou velha, velho é o mundo”, me diz.

Seguindo pela mesma rua ao sul, estão algumas poucas casas, com fachadas coladas umas às outras. Uma cinza de ladrilhos nos chama a atenção, pelo reboco desgastado, portão enferrujado, pichações, aparência bastante descuidada (tem alguém ali?). Quase vizinha, está a casa de *dona Bizé*, com seu exterior simples. Onde antes estaria a garagem, figura a porta do negócio que seu filho gerencia, algo a ver com agendamento de entrevistas de emprego. O nome, pintado em grandes letras brancas no fundo azul-escuro, diz:

CONSULTORIA CEP-RH

O portão de entrada estreita-se entre a casa vizinha e a porta da consultoria. Para adentrar a casa, é preciso passar por um longo corredor escuro e estreito, até uma daquelas portas de madeira antiga, com venezianas. Mais à direita, está sendo construído um prédio comercial. “Parece que vai ter 18 andares”, especula Bizé.

Ao sul, está o Lux Hotel. Dizem que o terreno pertence a um grande grupo empresarial da cidade, Edson Queiroz, que o alugou há alguns anos. Antigamente, nesse mesmo lugar, aconteciam quermesses. Partidos azuis e vermelhos rivalizariam entre si, algo que, para mim, é difícil descrever em palavras.

{ quermesse. [Do flamengo kerkmisse, pelo fr. kermesse] S. f. 1. Feira paroquial que era celebrada anualmente nos Países Baixos, com grandes folguedos populares. 2. Bazar ou feira beneficente, em geral com leilão de prendas. }

Ao lado do hotel, estão uma loja de artigos infantis, “Coisas de Rita”, um escritório de análise contábil, “Sergecon” (será o nome do dono Sérgio?), duas casas e o bar do seu Cazuzu.

Ele entra no serviço por volta das 7h da manhã e só sai quando o último cliente resolve ir embora. Na calçada, algumas mesas azuis de plástico se amontoam tentando não invadir o espaço do estabelecimento adjacente. Dentro do bar, toalhas de plástico transparente protegem as de tecido. Dezenas de fotografias de clientes felizes estão coladas em um mural do lado direito. Em cima da entrada da cozinha, uma daquelas fotografias antigas coloridas à mão enfeita o lugar. São os pais de Cazuzu.

É um senhor baixo, óculos de grau com lentes grossas, ar cansado. Objetivo, fala rapidamente. Embora seja retraído no começo, vai, aos poucos, tornando-se mais solícito. Há quase 30 anos, quando chegou ali, o mercado ainda era “igual ao São Sebastião”.

Diz ele que região hoje em dia é bem mais segura. Antigamente, as pessoas discriminavam a área, evitando-a: “vixe, lá é perigoso demais”. Havia cinco bocas de fumo no entorno, fazendo com que muitos “malandros” aparecessem no bar. “Já tive que espantar gente daqui com uma serra”, conta.

Frango frito
Frango cozido
Porco frito
Porco cozido
Assado de panela
Cozido de boi
Bisteca de boi
Carne de sol
Sarapatel
Linguiça
Peixe
R\$ 6,00

Vizinho ao bar, em uma casa amarela, mora *dona* Ormindia e *seu* Melo. Ela abre a porta, cumprimentando-me de um jeito elegante que pouco se vê nos dias de hoje. Cabelo preso em coque, *legging* preta e sapatilhas baixas. Convida-me para sentar enquanto espero pelo *seu* Melo.

Uma fresta bonita de luz passa pela abertura da porta, daqueles tipos de portas antigas e pesadas. Ele senta em uma poltrona ao meu lado, a mão direita tremulando vagamente, e me ouve com atenção.

Nascido em Porto Alegre, faz 42 anos que mora ali. Mudou-se assim que

completou seis meses de casado com Orminda. “Na época, era mercado mesmo, de frutas e carnes”, diz. Nos tempos de feira, as ruas ficavam lotadas. Mas não gostava de lá, achava sujo, “horrível”. Comprava apenas carneiro de uma senhora, mais para ajudar.

Foi funcionário público, mas deixou o cargo depois que montou uma sorveteria ali por perto a “Doce e Gelado”, que durou 14 anos. Vendeu para um funcionário de Quixadá que “parece que enricou” com o empreendimento. “Ainda hoje o pessoal pergunta: ‘Cadê o sorvete, seu Melo?’”.

Gosta muito do bairro, mesmo quando o barulho do Mercado dos Pinhões incomoda. Anda pelos arredores, “porque senão enferruja”, e de vez em quando aproveita para tomar umas duas doses de uísque. Também não tem do que se queixar em relação à vizinhança. “Graças a Deus eu sou muito respeitado, às vezes fico até encabulado”.

Então, vem o Anexo. Os arcos lembram um pouco a própria estrutura do mercado, mas em proporções bem mais simplórias. De um modo geral, a arquitetura do prédio denuncia seu propósito: um lugar simples, para pessoas simples, para coisas simples. No interior, quase vinte boxes se enfileiram, quase todos desocupados. Nas duas laterais do prédio, uma abertura no teto permite a criação de um pequeno jardim em jarros.

Uma pequena lanchonete, um local de reparação de móveis, o “Mercadão dos Parafusos” e uma loja de materiais para reforma continuam o percurso até o fim do quarteirão.

Do lado oposto, foram instalados alguns outros pequenos comércios: “Frant’z Serviços Especiais”, o “Cursinho do professor Costinha”, o “Cabeleireiro Paulinho” e o restaurante “Le Marché”, propriedade da *chef* francesa Marie Anne Bauer. No mesmo lugar do último, funcionava a “Mercearia dos Pinhões”, que também era bar e ponto de encontro.

O restaurante é pequeno e aconchegante, mas os detalhes minuciosos – o tecido elaborado do encosto das cadeiras, os quadros parisienses nas paredes, as meias-luzes – revelam que uma refeição custaria caro para uma pobre estudante universitária, suposição que o menu confirma. A média de público é variada. Abre de terça a sábado, a partir das 18h, e nos domingos serve almoço. Toda semana o cardápio é modificado. Provavelmente, poucos moradores dos arredores do mercado frequentam o lugar.

Já na esquina com a Gonçalves Ledo, um terreno baldio limpo toma um grande espaço. Restos de pintura e azulejos enfeitam os muros que cercam o terreno. O portão está fechado a cadeado. Pelas grades, vejo areia e o céu azul. Difícil imaginar que ali já existiu um supermercado e que, em suas ruínas, habitaram usuários de *crack* e eventos de fotografia iluminados. Hoje é só um pedaço de chão à espera de algo.

Por alguma razão, o lado sul do mercado nunca me interessou muito, talvez pela ausência de cores marcantes e fachadas mais uniformes. Anotei, a título de obrigação, os estabelecimentos ali situados: o estacionamento do mercado, permeado por algumas árvores; atravessando a Nogueira Accioly, há um bar, Le Bouchon (nome apropriado aos adoradores de cerveja); uma escola de dança, Ritmos; um pequeno salão de beleza; a sede de uma empresa de segurança e vigilância armada e algumas casas apagadas.

Maria José Sampaio Cavalcante



Esprei pela Silvana nos bancos internos do Mercado dos Pinhões. Combinamos por telefone que ela me apresentaria a alguns moradores na manhã de sexta-feira. Assim que chega, logo me convoca “Vamos?”, e começo a andar em direção às casas que ficam em frente à pracinha. Logo avistamos a dona Bizé, uma senhora rechonchuda, olhos azuis e cabelos curtos de algodão, varrendo a calçada ativamente.

Aproximamo-nos, ela para o gesto e acena com a cabeça, alegremente: “Bom dia!”. “Bom dia!”, respondi. Após explicar como é o trabalho, ela afirma empolgada que o Mercado hoje “é uma maravilha”. “Eu moro no céu, aqui é o céu”.

Retornei dias depois para a entrevista, na qual se sobressaía o bom humor inabalável de dona Bizé. Frequentemente a conversa era interrompida por gargalhadas magistrais advindas de causos detalhados sobre suas experiências, impressões, opiniões.

Sentada na rede azul, o xodó de todos os objetos, ela estica minhas perguntas, acrescentando reminiscências que me conduzem a caminhos-surpresa, assuntos que não poderia sequer vislumbrar previamente.

É porque aqui é completamente diferente. Aqui é tipo, como é que se diz... Os outros mercados têm as roupas, essas coisas, e aqui não, é só show. Eu acho melhor aqui! (risos).

A minha idade? Qual a minha idade? Diz aí. Não, chuta, chuta, chuta! Setenta e sete. É, setenta e sete. Graças a Deus, até hoje, todo dia eu agradeço a Deus porque ainda tô enxergando, tô andando. Meu nome é Maria José Sampaio Cavalcante. Bizé. Eu não sei, eu acho que foi porque as minhas irmãs não sabiam chamar “Maria José”, aí chamaram Bizé e ficou (risos).

Eu sou dona de casa. Eu nunca trabalhei, quando eu casei meu marido... Naquele tempo a gente não trabalhava. Era pra cuidar da casa. Era doméstica dentro de casa. Nunca tive outra coisa. Varrer a casa, lavar a roupa, fazer almoço, cuidar de menino, né?

Eu tenho três filhos. Oséas Ferreira Cavalcante, que é Oséas Filho, o nome do meu marido. Aí tem o Francisco José, ele mora até em São Paulo hoje. E tem a Emília, que mora aqui no Papicu. Só são três filhos. O marido dela é piloto.

Tudo nasceram aqui. Quando eu cheguei aqui, eu tinha mais ou menos uns nove anos. Isso aqui tudo era mato. Tudo, só tinha esse mercado, que esse mercado é tradição, que esse mercado foi construído pelos franceses, né? Aí foi só evoluindo, aumentaram. Hoje tá bacana a minha rua e tudo. Já tão fazendo apartamento aqui. Vão fazer outro ali na esquina. Ali, bem aqui, em frente a Gás Butano vão fazer um quitinete. Tá valorizando. E é caro, aqui é caro. Qualquer aluguel é 400, 500. Uns quitinetizim. As pessoas pensam que a gente é rico.

O filho mais velho de dona Bizé, Oséas, morava em Horizonte, mas foi convidado por ela para morar em frente aos Pinhões após a morte do marido. Ela começou a ter algumas complicações de saúde como refluxos, sente-se engasgar.

Oséas mudou-se com a esposa, a qual dona Bizé adora, “é louca por ela”. Juntos, o casal possui

uma pequena empresa de capacitação profissional acoplada à casa.

Antigamente era mais difícil. Até os ônibus era difícil. Tinha esse campo, mas nesse campo sempre tinha quermesse. Sabe como é, né? Um bocado de barraquinha, que tinha o partido azul, o partido amarelo, partido da rainha: era aqui. Agora, aí foi evoluindo quando eles botaram a Gás Butano aqui. Aqui onde era o Jumbo era um circo. A diversão era isso, o circo, ia pras quermesses, era só isso. Eles vinham temporada. Passava um mês, dois meses. Dependendo, se tivesse muita gente pra assistir, né. É como um circo hoje, que vem lá pelo Iguatemi. Mas era bom. Era a diversão da época. Ou então a gente ia pra missa, ia pra procissão na Pequeno Grande. E o carnaval era na Praça do Ferreira. Pronto, era a diversão da gente. Pelo menos praia eu nunca gostei. Hoje não, aqui tá chei de apartamento, mas passando aqui direto, era aqueles morros chei de coqueiro. Você já tava na praia. A Praia de Iracema fica bem pertim.

Quando eu casei, foi quando surgiu a televisão. Eu casei em 62. Foi quando começou a televisão. Eu não tinha nem televisão quando eu casei. Aí depois é que foi aumentando, hoje tem tudo, tem a internet, né? Eu não sei nem bulir na internet. Tem celular, não sei não. (risos) Hoje é muito mais fácil. Tá muito mais fácil pra vocês.

Naquele tempo era bom. Melhor do que hoje. Porque a gente tinha mais amigo, a gente era mais sincero, sabe como era? Hoje não. As meninas são tão danadas, são tão atrevidas, são tão cheia de coisas, sabe? Respondem as mães. Naquele tempo, ah, se respondesse a mamãe da gente! A mamãe ia em cima! Minha mãe foi o marido, o homem e a mulher com a gente. Que é muito difícil uma mãe pegar oito filhos, tudo mulher, pra trazer no cabresto. Era muito difícil. E nunca ninguém deu trabalho à minha mãe. Essa casa aqui foi da minha mãe. Aí quando eu casei, ela passou pra mim. Hoje ela é minha.

A minha família, minha mãe e meu pai moravam em Tabatinga, tinha um sítio chamado Sapupara, que hoje existe até a cachaça Sapupara, sabe? O meu pai era quem tomava de conta lá do sítio. Então era tudo pequenininha. Quando papai faleceu, que papai faleceu em 44, aí foi que a minha mãe veio pra cá, pra Fortaleza. Justamente comprou essa casa. Acho que foi em mais de 50 que ela comprou.

Mamãe era dondoca lá no sítio, sabe? Era dondoca. Tinha os empregados, tinha muito galinha, porco, carneiro, essas coisas toda, sabe? Mas depois que papai morreu, (polegares para baixo) aí baixou, e ela veio pra cá.

Nesse mercado aqui, não era hoje não, era um mercado que tinha fruta, carne, fígado. Por exemplo, três horas a gente ia comprar fígado, de manhãzinha os carniceiros. Aí tinha a banca de fruta, de verdura, era bem animado.

Ela aponta que já houve uma placa descrevendo a história do mercado, mas foi quebrada.

O piso também era diferente, feito com pedras de mármore. “Mas tiraram as pedras, levaram o pessoal que andou bulindo ali. Levaram foi pra casa deles, os políticos”. Não gosta do revestimento atual, achava mais bonito o de antes.

Todas as compras eram sempre no mercado. Aqui em casa, a gente estudava, antes da gente sair pro colégio todo mundo dava uma ajuda à minha mãe. E outra coisa, antigamente a gente não podia comprar as coisas não, que era tudo mais à vista. Hoje não, você pega um cartão de crédito, você compra até o céu.

Eu fui uma das últimas a casar, das irmãs, sabe? As outras tudo vivem bem, os maridos é médico, é bancário, sabe, e o meu não, o meu era comerciário. O meu trabalhava no comércio. Eu casei virgem. Os meninos morrem de rir! Mas foi mesmo, tô falando sério. Naquele tempo a gente casava virgem. Mas naquele tempo era muito assim, a mãe da gente não conversava com a gente, sabe? A gente era assim, tudo era pecado. Era pecado, né? Por exemplo, antigamente, se um namorado desse um beijo aqui na mão da gente, a gente não era mais moça. Olha como era a cabeça da gente (risos)! Antigamente, por exemplo, eu tava dizendo até pras minhas amigas, meu marido nunca me beijou... Hoje, um beijo de língua, pessoal fica botando a língua, que eu acho aquilo horrível, que eu fosse, eu lá queria! Era um beijim, sabe? N'era? Não tinha essa malícia de hoje.

Meu marido era muito puritano. Ele não gostava de conversar. Ele era muito calado, sabe? Tô dizendo que eu nunca fui assim, passear com ele, pra viajar. Nunca. A gente não ia a uma praia. Às vezes eu dizia assim, chamava ele de Cavalcante, eu dizia assim: "Cavalcante, vamo almoçar fora?". "Bote a mesa na calçada" (ri alto). Era assim. Outra vez eu na casa, quer dizer, aí eu peguei aquele sistema dele, que hoje eu não tenho vontade de sair. Eu sou alegre, mas eu sou chorona. Eu me lembro muito dele. Agora foi 60 ano de convivência, né? 60 ano. Quer dizer, ele me moldou ao jeito dele. Sabe?

Minhas irmãs, elas tudo vivem bem. Sempre tem uma que é mais pobre? Sou eu (risos). Mas é, sempre tem, né. Meu marido era comerciário. Ele não era gerente, ele era gerente do armazém, que mandava os pião, sabe. Mas graças a Deus toda vida tive minha casinha, humildezinha, mas é minha. Não é?

Na estante à minha frente fotos de vários casamentos: o seu, o dos filhos. A parede por trás do sofá é incrustada por dezenas de portas-retratos, com vários rostos, várias épocas.

Ela comenta a foto que aparece com Ivanildo Sax de Ouro, o cunhado saxofonista. Ele está de terno vermelho assinando um papel, enquanto ela mira a câmara sorridente. "A mãe de vocês deve conhecer ele".

Quando entrou a Luizianne, ela acabou com esse mercado. Ela hoje chama "Mercado das Artes", mas pra todo mundo é Mercado dos Pinhões. Foi batizado Mercado dos Pinhões. Aí ela fez do lado de lá outro mercado, mas não deu certo. Bem pouquinha gente. Mas também, boto a palavra atrás: já encheu de mercantil por aqui, pessoal prefere mais o mercantil. Mas tinha o mercadinho. O mercado aí era tradição. E tinha uma feira, a feira de sexta-feira. Era enorme, pegava a calçada daqui e ia até a Nogueira Accioly. Era bacana a feira.

O mercado mudou pra melhor, porque quando eu tinha meu marido eu não tinha essa vida social, né. Agora não, eu só tô lá no forró. Só não vou mais porque eu não gosto assim do chorinho. Eu não vou não é por causa do chorinho não, é porque tem uma parte que é umas senhoras cantando kariokê, e elas tem a voz tão feia, não vou não. Se fosse só o chorinho eu ia! Elas até reclamam, as meninas da Prefeitura, porque eu sou muito alegre. "Dona Bizé, venha um dia". "Eu num vou

não, eu num gosto daquelas porcaria cantando, sem saber”.

Mas o chorim tem pouca gente, né? Achei pouca gente. Agora o seguinte: o chorim é mais selecionado, já prestou atenção? São os maridos com as esposas, é mais gente idoso. Mas o forró é mais um pouquim bem misturadozím, sabe? Ah, eu lá quero saber! Teve sanfona e triângulo é comigo mesmo. (risos)

Agora tem a cultural, cultural é de quinta-feira, mas eles, como é que se diz, não ficam botando a propaganda, aí tem pouca gente. Mas tem tanta coisa boa, sabe? Às vezes eu tinha tanta pena. Uma cantora, ela imitava muito a Alcione, tinha uma voz linda! Ô, mulher, tinha quatro pessoas. Comigo e mais duas, né? Porque não faz propaganda.

Ai, domingo eu não perco não. Quando dá seis horas eu já tô me arrumando, toda a periguete! (risos). No primeiro dia a gente ficou meio assim cabulada, né. Aí comecei a chegar. Quero dizer que hoje eu tenho a minha cadeira cativa, lá. Eu me dou muito com as meninas da Prefeitura, a que toma de conta daí que até tá de férias e outro rapaz. Eles guardam logo minha mesa, é uma mesa com seis lugares.

Não, paquero não! É assim, geralmente velho não dança direito bem, né? Esse homem dançava tão bem, sabe? E todo mundo que ele chamava pra dançar, ia. Porque tem muitos que chegam pra dançar e as moças não vão. Eu ficava assim olhando a dança dele, dançava tão bem! Eu dizia pras meninas, “ainda vou dançar com este velho!” Mas não ia, sou enxerida (risos). Aí ele chegou “Com licença, a senhora é viúva?”, eu disse, “Sou”. Aí ele “Se a senhora disser que eu tô apaixonado pela senhora”, aí eu digo, “Ah é? Seu fulano, eu tô ficando é véa, né doida não”. Ele não me tirou pra dançar, mas mesmo que ele tirasse eu não ia, porque se eu fosse eu tava dando liberdade, né. Passou-se bem seis meses aí voltou, eu tava só também. Ele pegou, puxou a cadeira, sentou e disse assim no meu ouvido: “a senhora sabe que eu nunca me esqueci da senhora?” (risos).

Mas de primeiro tinha aquela, como era o nome meu Deus, era aquela oficina... Ai, eu não sei. Era tão bacana! Era tanto artesanato, era roupa, era bijuteria, era jarro, era assim, era lotado. Eu não sei porque acabou.

Embora não perca um domingo de forró, ela admite que não gosta de sair casa, a não ser para fazer compras no supermercado. “Eu sou tão preguiçosa”, confessa.

Ainda assim, antes de conseguirmos realizar a entrevista precisamos bater três vezes à sua porta para encontrá-la em casa pela manhã. Uma das vezes estava no médico, a outra fazendo compras com a filha no Centro.

Eu sou muito enxerida. (ri alto) Eles pararam ali, o carro. Isso tá com cinco anos. Vai fazer agora em novembro, cinco anos que começou o Ronda. Eles pararam acolá. Aí, com a minha vizinha aqui, “vamo falar com eles?” (risos). Aí chega lá, se apresentaram. Nós começamos a conversar, aí eu disse “olha, nós moramos aqui, qualquer coisa que vocês quiserem, a gente tá à disposição de vocês”, né? “Vamo se tornar amigo”. Aqui em casa é o quartel general deles. Eles vêm de manhã, de tarde e de noite. Vem a buzina, eu vou falar com eles. Quando é meio-dia, eles vêm almoçar. De noite, eles vêm merendar. Mas eles trazem a merenda, eu não dou não. Eles vêm só pra sentar na minha mesa (risos). Eles são tão bacana, tá

com dois anos.. Eu fui madrinha deles lá no quartel, sabe? Foi a festa, recebi o diploma do comandante. Foi bacana. Eles me chamam tudo de “vó”, “é minha vizinha”. Chegam aqui, deitam na minha rede, vão lá no banheiro, escovam os dentes (risos). Menina, é uma bagunça tão grande, fica todo mundo vindo! Teve um que disse assim “dona Bizé, a senhora é tão conhecida no quarteirão, todo mundo conhece a senhora” aí eu digo “também, vocês passam o dia aqui!”.

O Ronda do Quarteirão é uma espécie de polícia comunitária, programa de segurança pública que começou a funcionar em todos os bairros da cidade a partir de 2008. As diretrizes do projeto propõem uma aproximação entre policiais e população.

Dona Bizé seguiu a proposta à risca. Não só se aproximou, mas também adotou os policiais como verdadeiros “netinhos”, chegando a ser convidada para festas e casamentos. Os vizinhos comentam que ela tem segurança privilegiada por isso, ou que está namorando com os guardas. “Devia fazer isso”, gargalha.

Eu tô com medo deles tirarem, mas aí já é uma tradição. Porque o menino não fez porcaria nenhuma o, como é o nome dele, Juraci. Não fez porcaria nenhuma aí no mercado, o mercado era horrível, todo fechado. Agora a Luizianne fez, a Luizianne eu gostei. Agora eu não sei, né, eu achava que não devia mudar.

Do jeito que ele tá, tá bom demais. Agora, eu não sei se vão mudar, mas acho que não. Só se for algum crente que ganhar e não querer festa (risos). Não sei, eu não imagino, assim. Acho que se precisar de um abaixo-assinado eu faço! É que uma vez por mês eles fazem reunião, e tem gente que diz “o som é alto! Ninguém pode dormir!”. Eles pedem opinião à gente, como eu sou doida, né, eles perguntam “Dona Maria José, o que você acha do forró?”. “Pelo meu gosto era segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, todo dia tinha!”. Eles ficam com os olhos deste tamanho (risos). Mas menina, vou te dizer uma coisa, aqui é muito bom. Eles não tocam muito alto não, é porque tem gente besta, é porque não vão, aí ficam.

Eu ouvi dizer que eles tinham vontade de emendar esse com o outro. Mas eu acho que eles não vão fazer mais isso não. Não, deixava não, minha filha, que aqui é tradição. Mas eu acho que aqui não morre não, aqui é tradição.

acho que aqui não morre não, aqui é tradição.

Dona Bizé me diz que tempos atrás muitos acadêmicos faziam trabalhos na região. “Às vezes ficava tudo na avenidinha sentado, tudo escrevendo! (risos). Acho que era de jornalismo, ou também não sei se era de fotografia”.

Conta também que já frequentou as exposições do deVERcidade, achava-as muito animadas. Lembra-se de uma obra que fizeram uma televisão com o rosto de uma mulher falando dentro, “Achei tão engraçado!”, ri-se.

Ela se despede de mim com abraços carinhosos. Marcamos, então, de nos encontrarmos em um forró no mercado. “Pois vem domingo!”, e emenda, “fico do lado de cá, bem pertinho do palco, cê vê logo”.

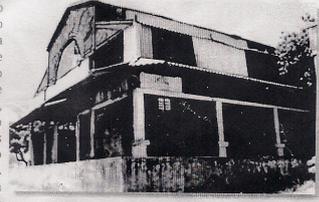


**INSTITUTO MOTOCA DE APOIO AS
COMUNIDADES CICLISTAS E MOTOCICLISTAS**

Convite Especial

ANIVERSÁRIO DE 44 ANOS DO MERCADO PÚBLICO DO BAIRRO AEROLÂNDIA
Dia 27 de Março de 2012 (TERÇA-FEIRA), às 09h00 da manhã.

O Nosso Mercado Público foi Inaugurado em 27.03.1968, conta com antiga estrutura de ferro originária do Mercado da Carne que desmembrado em dois, cedeu parte para o chamado Mercado dos Pinhões e parte para o Mercado São Sebastião. Quando este sofreu uma reforma em 1968, uma parte da estrutura de ferro foi transferida para o Mercado público da Aerolândia.



O Mercado Público da Aerolândia, hoje, aos 44 anos de existência de bons serviços prestados à Comunidade, precisa do engajamento de cada morador(a) para num ato simbólico de amor à história e ao patrimônio cultural do bairro darmos um abraço humano no mercado, chamando a atenção da mídia e formando uma opinião pública, como estratégia para pressionarmos o poder público municipal a executar obras de recuperação, melhoramento e manutenção deste equipamento tão significativo para a história da cidade e para a memória do bairro Aerolândia.



MERCADO DAS ALMAS

O VENTO TE INVADE PELO TELHADO
E, TAL QUAL UM NAVIO FANTASMA ENCALHADO,
QUALQUER PESSOA QUE TE CONHECEU NO PASSADO,
FICARIA FASMA, AO TE VER NESSE ESTADO.

ESTAIS SEM VIDA:
SEM COMPRADORES, SEM COMERCIANTES,
APENAS OS VENTOS UIVANTES,
TAL QUAL UMA NAVE SEM PASSAGEIROS, SEM TRIPULANTES.

OLHA SÓ, COMO ESTAIS TUI
SUJO, ROTO, QUASE NU.

COMO MARGINAL, NA ESCÓRIA,
MARGINAS A AVENIDA NA ENTRADA DA CIDADE,
NA MAIS COMPLETA ORFANDEDE,
ESQUECIDO PELA SOCIEDADE SEM MEMÓRIA.

NO DESCASO,
RECORREM VALDEVINOS,
VIVENTES DO ACASO, À TUA SOMBRA.
HAJA CACHAÇA, HAJA "LOMBRA"
ESPANTANDO O POVO QUE SE ASSOMBRA.

SE ALGUNS DIRIGENTES DILIGENTES,
QUIZESSEM VER-TE NOVO OUTRA VEZ,
FARIAM TUDO O QUE SE FEZ
AO TEU IRMÃO SIAMÉS,
TE DARIAM A ROUPAGEM DE UM LORD INGLÊS,
QUEM SABE UM CONDE FRANCÊS!

QUEIROZ



Uma das minhas primeiras andanças pelos arredores do mercado foi durante o projeto Conexões Estéticas, ofertado pelo curso de Cinema da UFC. O workshop foi realizado durante uma semana, e os locais escolhidos para nosso passeio psicogeográfico foram exatamente os dois mercados: Pinhões e Aerolândia. A proposta era que nos dividíssemos em grupos de três e, em total silêncio, observássemos as casas, as ruas, as pessoas. Podíamos fotografar ou fazer vídeos, mas sem trocar nenhuma palavra com os colegas. Deixaríamos essa conversa para o fim do passeio.

Dos arredores do mercado bati só duas fotos. Uma delas, por acaso, da vila onde a dona Alda mora. A Aerolândia é um bairro residencial que para mim pareceu muito tranquilo. As casas são pequenas, algumas coloridas, bem cuidadas. Os muros são mais baixos que em outros lugares. Algumas casinhas parecem do sertão, o reboco da parede à vista, a cerca de estacas de madeira unidas pelo arame farpado. Não havia quase ninguém na rua. Quando passávamos por um ou outro, eram nítidos os olhares sobre nós. Nossa postura também não ajudava: andávamos devagar, contemplando a paisagem, batendo fotos calmamente. Parecíamos turistas. Me senti uma alienígena.

Devemos ter despertado curiosidade, já que algumas pessoas nos perguntavam o que fazíamos. Já iam logo avisando que ali tem muito assalto, é muito perigoso. Uma cabeleireira recomendou que colocássemos os celulares dentro dos shorts. Não nos bolsos, mas na parte da frente. Disse que quase nunca saía do estabelecimento, que só estava de portões abertos porque estava varrendo a calçada. Ana Cristina, uma das artistas que participava do projeto, ficou tão impressionada com o que dona Lúcia falava que guardou o colar de ouro no bolso.

Outra senhora, dona Esther, ficou extremamente desconfiada quando viu a Milena Szafir, a artista convidada a dar o workshop, tirando fotos da parede da casa ao lado da dela. Perguntou o que queríamos. Só relaxou mais quando Ana Cristina começou a falar com ela, muito gentilmente, sobre o que estávamos fazendo. Ela mesma também admitiu que antigamente ficava de cadeira na calçada, jogando conversa fora. Contou que morava ali havia muitos anos e que a casa do lado, em ruínas, era da sua família.

É cada vez mais forte essa percepção que tenho da Aerolândia. É como se os moradores tivessem sido esquecidos e criado uma barreira de proteção contra as pessoas “de fora”. Ao primeiro olhar, são hostis. Mas, ao mesmo tempo, uma brecha de curiosidade quebra a barreira entre elas e nós. Elas precisam falar: sobre o bairro, sobre o mercado, sobre si mesmas, sobre suas vidas. Só falar. Ter alguém com quem falar.

Antes de chegar na Aerolândia, havia o percurso habitual de carro pela Avenida Raul Barbosa, também conhecida como uma das mais violentas da cidade. No caminho, via lojas comerciais coladas uma à outra, postos de gasolina, o Motel Diamante, cuja placa servia de referência para dobrar à direita.

Mas no carro tudo é pouco. A geometria irregular do vidro capta apenas frames reduzidos, que logo somem à velocidade do automóvel. A cabeça gira para trás no esforço de conservar alguns momentos da imagem, mas o homem que passava já atravessou a rua, a casinha vermelha está há alguns quarteirões de distância. À frente, a gigantesca tira de asfalto áspero é intercalada por alguns sinais de trânsito, quase sempre vermelhos. O carro é uma armadura de ferro, um

exoesqueleto que se soma a nossos próprios escudos pessoais. Dentro dele não temos contato com a experiência concreta, presente no solo, na poeira da rua. O azul do céu que molha nossas roupas, como um jato de tinta. As janelas nunca serão suficientes, é preciso galgar as passagens, ignorando atalhos.

{ A verdade é que a poesia não lida quase sempre não passará disto. Condenada a juntar-se ao rio vasto e invisível de refugio que aflui dos lugares distantes.

Contos de Lugares Distantes | Shaun Tan }

Cheguei ao destino, o mercado vermelho defronte à BR-116. De tão desproporcional em tamanho e arquitetura em relação às estruturas que o cercam fica claro que, mesmo em estado de abandono, o local é o centro diante do qual os vizinhos orbitam.

À sua direita, em uma pequena viela, enfileiram-se uma borracharia, uma barbearia e uma loja que reúne serviços de cabeleireiro e bar na esquina, o Toinho Cabeleireiro. Ao lado, uma série de depósitos antigos a portas fechadas, que costumavam ser ligadas ao comércio de automóveis. Com a inauguração da Raul Barbosa em 1988, esse tipo de venda popularizou-se. Surgiram no bairro lojas de peças de automóveis e caminhões, revendedoras, oficinas mecânicas.

Do outro lado, na Rua Tenente Roma, entre o mercado e a quadra, está o Bar da Loura, uma casinha de cimento recoberta por calhas de metal laminado. Do balcão é possível ver as bebidas, salgadinhos, uma geladeira e a Lôra preparando o almoço do dia na cozinha ao fundo. Na parede lateral, estão grafados anúncios e avisos: “Chaveiro Zezinho”; “É proibido som de carro”. Perto das mesas, a televisão sobre duas caixas de cerveja, altura ideal para os fregueses acompanharem o jogo de futebol ou o noticiário.

Durante as tardes, as cadeiras de plástico do bar são os locais mais tranquilos da região. Sob as copas de árvores imensas, que cobrem o letreiro do local, sou abraçada pela sombra generosa. A brisa é fresca, fazendo as folhas chiarem em certos momentos. O som dos pneus no asfalto próximo lembra-me o das conchas ocas da praia – o zumbido abafado, que dizem ser das cidades submersas habitadas por netunos, sereias, cavalos-do-mar e outras criaturas fantásticas.

{ Sob os trovões da superfície, nas profundezas do mar abissal, o kraken dorme sempiterno e sossegado sonos sem sonhos. (...) Jaz por ali há séculos e ali continuará adormecido, cevando-se de imensos vermes marinhos até que o fogo do Juízo Final aqueça o abismo. Então, para ser visto uma só vez por homens e por anjos, rugindo surgirá e morrerá na superfície.

O Livro dos Seres Imaginários | Jorge Luis Borges }

Dali vejo a quadra, estendendo-se por trás do mercado. Duas traves brancas de metal erguem-se do chão cimentado, com as áreas demarcadas em vermelho e azul. É cercada pelo muro com combongós cor-de-tijolo, parcialmente deteriorado.

Sou um zero à esquerda em matéria de futebol. Já perdi as contas de quantas vezes tentaram me explicar o que é um impedimento. Sei que tem alguma coisa a ver com pelo menos um jogador do mesmo time antes do goleiro, ao mesmo tempo em que um jogador do outro time vem no ataque... é isso?

Era por volta de 20h, o jogo acontecia na quadra iluminada. Os times, um de uniforme azul, o outro de verde, contavam cada um com cinco jogadores. Eram garotos entre 12 e 15 anos, um deles, do time verde, um pouco mais velho. Todos de tênis. Só o que eu conseguia ver eram aqueles cambitos brigando entre si. Os movimentos rápidos, alguns sinuosos (recebe, gira com o pé e toca), a luta para roubar a bola do outro no escanteio, os chutes na trave. Em um passe, um dos rapazes deixou a bola passar entre as pernas. A cara de decepção dele foi impagável. Ri internamente, mas com certeza eu faria muito pior.

Os jogos e rachas acontecem ali praticamente durante toda a semana, à noite. No sábado de manhã, funciona uma espécie de escolinha de futsal, organizada por Hozannan Simplício, a PSV Futsal. Há 26 anos, ele faz um trabalho voluntário na quadra, treinando “mais de 130 atletas” de todas as idades, especialmente garotos entre 8 e 13 anos. “Aqui ninguém paga nada”, comenta Hozannan. Ele conta que sempre conversa com os pais dos alunos para assegurá-los de que os jogos não tem nada a ver com drogas. “Aqui é uma área de lazer”, comenta. A quadra, construída em 1982, é mantida com a ajuda de pequenas empresas do bairro, como a Cris Piscinas e a Aerofrutas.

Ninguém apita o jogo, nem mesmo sei o placar direito. Dois jogadores reservas, um de cada time, estão com um grupo mais afastado, sentados no banco de cimento que circunda a quadra. Poucas pessoas assistem à partida. Um garotinho de uns oito anos, pés descalços, sem camisa e de boné preto virado para trás, brinca sozinho na lateral do campo. Executa jogadas imaginárias, passes mirabolantes, bolas no peito. Vibra sozinho.

Ali perto, as estruturas armadas da feira das quintas já ocupam o entorno do mercado. O ritual de montagem ocorre há, aproximadamente, dez anos. Estacas de madeira presas a cavaletes, embaixo de lençóis de lona negra. De manhã o cenário modifica-se por completo, torna-se vivo em cores, texturas e materiais.

Perto da pista, um odor forte de esgoto impregna o ar. Imagino que venha das poças acumuladas em buracos na terra batida, em toda a extensão das primeiras bancas. A feira se divide basicamente em duas metades: no antigo estacionamento do mercado, ficam os produtos frescos. Na Tenente Roma, dezenas de barracas de roupas e quinquilharias. À medida que ando, o cheiro diminui, tornando-se mais agradável permanecer ali. Compro algumas blusas bonitas a cinco reais cada.

Surpreendi-me com a figura de uma galinha aberta, manipulada pelas mãos nuas de um vendedor. Desviei a vista, um reflexo aversivo àquela intimidade exposta. Pedro, o vigia do mercado, me contou que a fiscalização sanitária pouco aparece na feira. Dona Mirian foi tachatativa. “Tenho nojo!”.

São nas quintas pela manhã que o mercado se apruma. De portões abertos e mercadorias organizadas de forma vistosa, para atrair eventuais clientes. É o único dia em que, seguramente, encontrarei dona Alda, mais enfeitada que de costume, com vestido de chiffon, brincos brilhantes verdes-jade.

Maria, que nunca quis conversar de fato comigo, me recebe com um sorriso atencioso. “Bom dia, dona Maria!”. Seu box está lotado, postos no balcão produtos

normalmente empilhados na parte de baixo de sua prateleira ou aglomerados em cantos escondidos. São bacias, panos de prato, rodos, vassouras, caixas de ovo, galões de água, rolos de papel higiênico, pás, peneiras, colheres de plástico, esmaltes, pilões, capas para cerveja, garrafas com café, desodorantes, escovas de dentes, isqueiros.

Maria Iraci Pereira



Segunda-feira, pouco mais de 14h.

*S*era nosso quinto encontro. Estávamos sentadas sob uma sombra boa, um vento incessante chicoteava meus cabelos, várias vezes tive que rearrumá-los. Poucos carros passavam, outras mesas eram ocupadas por clientes bebericando cerveja.

A Lôra (omito o “u” pelo sotaque) estava de blusa vermelha sem mangas. No tecido, uma manchinha escura marcava o ombro esquerdo. O coque, preso por uma piranha rosa choque, repuxava os cabelos bem rentes à cabeça. Cuidado de quem não quer deixar os fios cair na comida. Os olhos verdes semi-cerrados contra o sol e o cenho carregado.

Maria Iraci Pereira tem 54 anos, 35 dos quais passou dentro de um pequeno estabelecimento ao lado do Mercado da Aerolândia. Na frente, em cima do pequeno balcão da entrada, fica a estufa de salgados. Salgadinhos industrializados (os tradicionais xilitos) estão pendurados pelas paredes. Nos fundos, dezenas de painéis se empilham dificultando a visão da cozinha para quem está do lado de fora.

Para não fazer desfeita e parecer descolada, pedi uma coca-cola, daquelas miudinhas, na primeira vez que fomos falar com ela. Como tantos outros bares, lanchonetes e restaurantes da cidade, a propaganda do refrigerante também estampava a placa de boas vindas do local: o Bar da Loura. O nome é herança do apelido atribuído por clientes à dona, há muitos anos.

Quando eu comecei era só banca de revista. Aí a prefeitura mandou me chamar pra mim optar. Eu vendia revista e depois comecei a botar merenda. Aí eles não aceitava, a merenda e a revista. Eu tinha que optar, ou um ou outro. Aí fui e optei pela merenda. Que revista dava muito trabalho, tinha que trocar, todo dia tinha que trocar as revista, aí era ruim que só.

Eu tinha uma banca ali na pracinha, eles começaram a mandar eu tirar, né. Porque não podia ficar lá. Na época, eu vim aqui, falei com o administrador do mercado. Pra mim colocar aqui. Aí ele disse, “não, você coloque naquele canto ali, que ali você... não tá perturbando ninguém.” Coloquei aqui e pronto. Foi mudando de administrador, mas eles nunca proibiram.

Muitos cliente meu já morreram, assim, muitos morreram, outros se mudaram, outros viajaram, é assim. Mas continuam sempre com a mesma frequência. Quer dizer, com outros novos frequentadores, mas continua do mesmo jeito. São tudo do bairro, tem uns que é de outros bairro, aí vem.

Quando questionada se gosta do trabalho, dona Lôra sorri, mas não mostra os dentes. A satisfação vem toda do olhar repuxado pelos anos, pelo que ela construiu com as próprias mãos.

Pergunto pelo cansaço, depois de uma jornada exaustiva de doze horas seguidas, a semana inteira. Às vezes ela se abate, mas tem dias que não cansa. Segunda-feira, por exemplo, ela sai cedo. “Dez e meia eu tô saindo.” Quarta-feira também. Mas nos outros dias é sempre depois da meia noite. “Gosto tanto que nem canso”, ri.

Até quando ela pretende ficar ali, então? “Até não aguentar mais. Até não aguentar mais”.

Antes era ótimo. Pessoal vendia de quantidade pro pessoal vender noutra canto, entendeu? Esses box, esses box da frente, era tudo lotado de banana, abacaxi, batata doce, tinha todo tipo de fruta. Tudo. Carne. Panelada, peixe, tinha tudo. Aí depois foi diminuindo, diminuindo, até que... cabô. Muitos morreram... ficou aí, só esse pessoal agora.

Tinha uma que era muito ambiciosa, mas ela até morreu. Era a Raimundinha. Mulher era tão invejosa, se tu visse. Ela queria só ela vender comida. Ela dava baixa na gente na Regional. Queria que tu visse! Não gostava porque eu vendia as mesmas coisas que ela vendia, entendeu? Fazia a mesma coisa que nós fazia, fazia almoço, era caldo, sopa, fazia a mesma coisa. Ela ficava com raiva, porque o pessoal vinha pra cá. Mas ela... deu problema nela e ela morreu. Mas graças a Deus que Deus levou ela e deixou nós em paz. Nunca tive problema com as outras vendedoras... Eu faço é emprestar às vezes arroz, feijão, dou pra ela, quando o dela acaba ela vem buscar aqui, o meu acaba, vou buscar lá. É assim. Só com essa mulher, que, não era só comigo não, era com todo mundo que vendia. Ela queria só ela vender.

Os locatário foram saindo. Faz tanto tempo. Viram que não tinha mais, achava que num tinha condição, foram saindo. Mas esse mercado era de primeira. Acho que é também porque deixaram de dar manutenção, num ligaram mais pra ele, pronto. Até os locatário foram se saindo. Começou a acontecer arrombamento dentro do mercado, aí pronto, eles foram... foram saindo. Hoje é sem futuro. Eu num sei como é que a Miriam vende comida ali dentro se o pessoal caga dentro dos boxes. Não sei como ela vende não, porque eu num sei não, acho que eu não tinha nem coragem de vender. Né, não? É horrível!

Apesar da má fama da Aerolândia, muitos com quem falei alegam que aquela área do mercado é tranquila, foco de poucas ocorrências. Dona Lôra diz que o próprio bar, instalado ali há 35 anos, nunca foi assaltado. Ela acha que existe algo divino nisso, não sabe. Uma vez foram assaltar um mercantil ali perto. Os bandidos passaram correndo pela quadra e pelo bar até o mercantil, mas não fizeram nada com ela.

Aqui fora dá medo não, que fica tudo claro. Tem duas lâmpada ali, tem duas lâmpada aqui, ali tem outra, do outro lado tem outra, fica tudo aceso. Faz medo não. Tem vez que eu saio daqui uma hora da manhã. Aqui é tranquilo. Graças a Deus aqui não tem problema não. E é que tem uma ruma de maconheiro bebendo cachaça aí. Lá pra o Lagamar, acolá, tu é doido? Todo dia mata um. Final de semana é um inferno, esse Lagamar. É helicóptero, é tudo! É não sei quantas viaturas da polícia...

Essa Ronda, por exemplo, duas vezes que a gente precisou da Ronda, nunca foi atendido. Por quê? Porque é o horário que eles vão trocar de turma, fica sem nenhuma viatura. Um dia desse ficaram dois cara atrás de se matar. O cara atrás de matar o outro com a pedra, deu uma pedrada, bateu no carro do cara, o carro zerado. Acabou a porta do carro. A gente ligou, menino, ligamo que aborrecemo. Não atendeu. Só veio atender sabe que hora foi? Três hora da tarde. Quando eles chegaram aqui já tinha acabado tudo. Tava só o carro do hõmi aí todo... acabado.

Acredito que até a viatura teja no prego. Tá com três dias que ele não aparece. Mas quando eles tão, a viatura tá aí, ele sempre aparece. Mas sempre quando tem

problema, sempre é o horário que eles vão, não sei se eles já sabem o horário, né? É no horário que eles não vão no bairro. Eles vêm, sempre. Vem merendar, às vezes vêm almoçar. Sempre eles vão por aqui, quando eles vão na área, sempre eles vão rodando por aqui.

Sábado trasado chegou um cara de moto ali numa menina que vende churrasquim, aí parou e pediu um churrasco. Tinha um bocado de gente ali no bar dela. Aí ela levou o churrasco, aí ele disse “Isso aqui é um assalto. Bora, todo mundo botando as carteira aqui em cima da mesa!”. Todo mundo botou as carteira, os celular e tudo. Levaram foi tudo!

Por vezes, ficávamos estacionadas num incômodo silêncio de poucos segundos. Entre uma resposta e outra, sempre muito curtas, dona Lôra pigarreava de leve (um tique?), e esperava minha próxima pergunta.

Aos poucos, ela foi se soltando mais na conversa, principalmente para falar dos filhos. Os dois são casados, cada um mora na sua casa. O rapaz trabalha na Pague Menos e a moça tem um mercantil ali perto. Perguntei a ela se foi influência da infância passada no bar, ajudando nos afazeres da mãe: “deve ter sido!”, ri.

Menina, lá na Base Aérea, de primeira tinha cinema, tinha diversão das crianças que soltava pipa lá na Base, era dia da criança tinha comemoração lá, dia da aviação, tudo era bom. Eu ia pro filme na Base, pra tertúlia, naquele tempo da tertúlia (risos)! Ia muito pra praia. Era bom! Parece que foi diminuindo, diminuindo, acabou foi tudo.

Hoje você veja, ó, você chega aqui de noite você fica é bestinha. Você vê meninazinha de doze, treze anos namorando ali atrás do mercado, né? Eu fico pensando “Meu Deus, a mãe dessa menina tá onde, que num vê isso?”. Porque hoje você vê uma menina com doze, treze anos buchuda, tem aquela criança, não tem condição de criar... Eu acho que mais a prostituição e as derrotas das crianças hoje é isso. É isso, pode ter certeza. Os pais não vão nem aí, eles fazem o que quer mesmo e pronto. Hoje não tem mais criação não, mulher. Eu digo o que eu vejo aqui, ó, se você chega aqui uma hora da manhã tem criança jogando na quadra. Criança! Criança de sete, oito anos, tudo jogando na quadra. Quer dizer, e a mãe dessa criança onde tá, que não vê isso? Um menino no meio da rua uma hora da manhã, doze horas da noite, né não? Quer dizer, eu acho que muitas coisas os pais que tem que dizer. Se deixar aí ao léu, não liga.

Se eu te disser que eu criei meus filhos foi aqui, acredita? Ó, quando eu vim pra cá, o meu menino mais novo era bem novinho. Eu trazia o colchão do berço, botava no chão, botava uma caixa de cerveja de um lado, outra do outro, pra ele não virar e cair no chão. Criei todos dois aqui. Todo mundo dizia “Lôra, tu vai criar teu filhos aqui, tu vai ver. Se tu não tiver cuidado eles vão fumar maconha”. Nunca na minha vida que meus filhos fumaram maconha. Todos dois empregados, graças a Deus, todos dois é pais de filhos. Aliás, nunca me deram trabalho, nenhum dos dois.

Um dos comerciantes que mais marcaram dona Lôra foi seu Canelinha. O box dele ficava no corredor central, ao lado do portão que dava para a quadra. Alguns desenhos de linguças e a

tabela de preços enfeitam o letreiro do ponto, intitulado “Canelinha, o rei da Panelada”

“Fui um dos fundadores. Cheguei a ser proprietário de três boxes do mercado. Naquele tempo, todos os boxes funcionavam. Era uma alegria. Na década de 60 eu apurava tanto dinheiro que não cabia nas gavetas do móvel. Ficava juntando o resto em latas de querosene que ia colocando embaixo da mesa, no mercado. Não tinha perigo de roubo. Todo mundo era amigo, conhecido. Depois levava o dinheiro para casa e a mulher colocava tudo no guarda-roupa. Não levava dinheiro pro banco. Não precisava. Chegava a matar três bois por dia”

(Depoimento do seu Canelinha no livro “Aerolândia, seu povo, sua história. Páginas 188 e 189)

A própria Lôra comprava o famoso prato para revender. “Toda sexta-feira ele deixava minha panelada, toda quarta e toda sexta”. Seu Canelinha morreu em 2009. Nunca deixou de trabalhar, mesmo já tendo mais de 90 anos.

Rapaz, esse mercado significa muita coisa porque a gente chegamos até aqui em relação a ele né? Porque na época ele era muito movimentado, vinha muita gente de fora, vinha gente de outros bairros, tá entendendo? Aí a gente ficou muito conhecido exatamente por causa disso, porque aquelas pessoas que vinha pra cá pra fazer feira, aí vinha pra cá, começava a beber e tudo, aí ia se conhecendo, se conhecendo... É tanto que, ó, tem tanta gente de São Paulo que às vezes liga pra cá. Assim, gentes que foram embora, tá entendendo, ficou aquela amizade, aquele círculo de amizade muito importante. Pessoal da Base, muita gente que foi transferida também é do mesmo jeito. Quer dizer, ele foi um ponto que ficou muito conhecido exatamente por causa da frequência do mercado. Porque era muito movimentado.

Tem muita gente que ainda vem! Mas quando chega aqui fica decepcionado pela queda que o mercado teve, porque ele era muito bonito, esse mercado. E o administrador daqui, o Sérgio, era muito zeloso, assim, o funcionário que era zelador ele botava mesmo pra zelar, não deixava sujo não! Hora nenhuma que você entrasse num banheiro desse do mercado, ou dentro do mercado mesmo, o piso dele era lindo, era bem brilhoso. Depois aí botaram ele pra outro local aí pronto, ficou entregue às baratas mesmo, ninguém ligou mais pra nada. Mas quando ele tava aí? Era tudo muito organizado. Mandava varrer fora, mandava varrer dentro, em todo canto, não deixava sujo de jeito nenhum.

Tá com dois anos que o Sérgio saiu. Ele ainda ficou depois que o mercado ficou nessa decadência. Aí foi que começaram a transferir os funcionários, transferiram primeiro o zelador, depois transferiram ele, pronto. Ficou sem zelador, ficou sem nada. Não tem mais vigia! Vigia que tem é porque a gente paga. R\$20, só à noite. Aí divide eu, a Mirian e a Maria. A dona Alda não tá mais não, saiu. Mas às vezes ela ainda vem, ainda dá um dinheirinho a ele, mas ela mesmo não tá mais trabalhando não. Ainda tem alguma coisa dela aí no box, mas ela não tá mais vindo não. Ela já tá muito cansada, ela. Tu é doido?

{ Em reunião na tarde desta terça-feira, 27, a Câmara Municipal de Fortaleza recebeu permissionários do Mercado Público da Aerolândia, que sofre com instalações precárias. Atualmente, apenas três boxes estão funcionando, resultado da insegurança do local, como relatam comerciantes.

Rapaz, eles tão dizendo, até a menina da Prefeitura veio e perguntou pra mim: “Lôra, o quê que você acha? Que deve fazer um outro pavimento em cima?” Eu digo “Rapaz, se num tão fazendo nem o pavimento de baixo, imagine o de cima”. Então era melhor recuperar os boxes, fazer uma outra cobertura, que essa num presta mais, e pronto! Só conservar os 50 boxes que tem, são 50 boxes, meu irmão, tá bom demais. Porque é o tipo da coisa, só o que tem hoje em dia é mercadinho, né? Casa da fruta e tudo. Quer dizer, num adianta fazer coisa pra vender... Pra achar que vai botar uma ruma de locatário pra vender, porque num vai vender essas coisas todas. Que a gente sabe que num vende. Era muito melhor eles pegar e fazer, pegar os 50 boxes, botar dois de carne, dois de fruta e botar outros tipos de coisa. Esses 50 boxes tá bom demais. Ela disse “Realmente é verdade”. não sei o que foi que eles resolveram, vieram, fizeram essas perguntas e foram embora e num voltaram mais. Foi um pessoal lá da Prefeitura, num sei te dizer, um pessoal lá da Prefeitura. Foi... Semana passada.

Não sei quando eles vão fazer. Eles vão ter que ajeitar. Nem que eles queiram eles vão ter que ajeitar, que eles não vão deixar esse mercado desse jeito na Copa. Eu ouvi dizer que em março eles vão começar a ajeitar.

No tempo do Ciro, que o Ciro passou sendo Prefeito, na época dele caiu aqui, começou a cair essa frente. Ele veio aí, olhou, disse que ia mandar o pessoal pra ajeitar. Até hoje! Tá do mesmo jeito que ficou, ele saiu da Prefeitura e não foi ajeitado nada. Entrou outro prefeito que eu não tô nem lembrado quem foi, antes dessa Prefeita, também fizeram planta, fizeram reunião, fizeram tudo, e nada. E essa Prefeita, nós já fomos em reunião em Câmara, já veio não sei quantas reuniões pra cá, já fizeram planta e acho que desfizeram planta e nada. Quando foi agora, esse ano não sai mais. Vieram aqui dizendo que vai ser em março que começar, mas ninguém sabe se é isso mesmo. Só faz dizer.

Ó, uma época eu acho que eles comeram foi o dinheiro desse mercado. Porque eles vieram, botaram uma placa dizendo quanto ia gastar, o quê que ia fazer, tudim, dizendo na placa. Talvez não passou nem um mês, a placa, a placa era medonha. Eu sei, minha filha, que tiraram a placa e ficou por isso. Não sei como é que bota uma placa dizendo quanto vai gastar e tudo e não faz nada? Fizeram nada, tiraram só a placa e pronto.



Sexta-feira, 21h

As noites de sexta no Mercado dos Pinhões são dedicadas à improvisação solta do violão de sete cordas, flauta e bandolim. Segundo Luzia, o evento reúne frequentadores que são predominantemente idosos, já aposentados. “Eu quero é que tu veja, as idades!”. Diz que as bandas e as pessoas que vêm são “gente do bem”, nunca há confusão.

Poucas mesas ocupadas, a maioria por grupos de senhores e senhoras com mais de 50 anos. Todos em trajés finos, bem engomados. O miolo do mercado, destinado à dança, está praticamente vazio. As pessoas assistem ao espetáculo musical recostadas à cadeira, acompanhando a harmonia dos acordes com movimentos sóbrios de cabeças, pés, mãos.

Chego cedo, o movimento só se intensifica a partir das 21h. É quando a banda começa a tocar, geralmente os grupos Cordas que Falam ou Misturabanda. A apresentação musical segue até às 22h30, quando se dá início à “cantoria”. As pessoas interessadas colocam o nome em uma lista ocupando, uma a uma, o local do cantor no palco. Assim, cantam faixas de sua preferência até a meia noite.

Foi o Mazola, guardador de carros no mercado há muitos anos, que me levou à Zilda Maria. “Ela é cantora aqui, converse com ela”, sugeriu. Falei com Zilda que me acompanhou à mesa, sentando-se elegantemente: tornozelos cruzados, um braço sobre a mesa e outro livre, para gesticular em movimentos leves enquanto falava.

Participante das noites de cantoria desde 2005, começou a frequentar o mercado quando estava com a saúde debilitada, em decorrência da morte do esposo. Nas primeiras visitas apenas observava o movimento das pessoas ao assumir o microfone. Pareciam tão libertas, dotadas de total segurança e felicidade. A filha disse que ela deveria tentar cantar também. “Cantei a primeira vez, a segunda... Pra mim foi muito bom. Estava com um pouco de depressão, foi aqui que levantou minha moral”.

Os 72 anos são bem ocultos pela pele conservada e os cabelos vermelhos, em corte chanel. Sombra azul nos olhos, combinando com o xale por cima dos ombros. Mora “bem ali”, na Nogueira Accioly, e já conhecia muitas pessoas do bairro antes de frequentar o mercado. “Mas elas não cantavam esses movimentos”, enfatiza.

Ela diz que devemos conversar com dona Diva, senhora de cabelos curtos platinados, batom do mesmo tom que o conjunto de linho vermelho, arrematado com um colar de pérolas rente ao pescoço. É a “sapateadora do mercado”. Diva Laranjal tem mais de 80 anos e não fala muito, mal conseguimos escutá-la devido aos instrumentos que tocavam alto. Está chateada porque a proibiram de sapatear, o Mercado dos Pinhões não seria lugar adequado para esse tipo de coisa. “Foi a maior decepção da minha vida”. Confessa que gosta do lugar, mas não simpatiza com a administração.

Conta-me que aprendeu a dançar na Ceará Rádio Clube e na Rádio Iracema, que na década de 50 tinham programas de auditório famosos. “Eu não danço não, sapateio em tudo”.

Em contraste com a cadência das notas no chorinho, ágeis e cheias de ornamentos, ouvi-lo no mercado é pura placidez. A música vai planando baixa e entra pelos poros, permanecendo ali. Não há espaço sequer para as pancadas

rítmicas de uma plataforma de metal, a ricochetear exuberante pelos ladrilhos desocupados da pista.

Domingo, 18h

Já era evidente que eu não sabia dançar forró. O máximo que alcancei do meu repertório foi dobrar os joelhos alternadamente, numa tentativa pífia de seguir o ritmo da música.

Foi às cotoveladas que abri caminho por entre a aglomeração que povoava o Mercado dos Pinhões. Caderninho na mão, as pessoas me olhavam torto enquanto passava. Nada de pedir licença. Ali o toque é permitido: mão na cintura, casais colados, seus quadris ritmados acompanham os passos numa onda vibrante. A testa brilha, as camisas se mancham, o peito arfa, o cheiro de suor e bafo sobe em surrupio em direção ao teto esverdeado pelas luzes.



De manhã cedo já tá pintada
Só vive suspirando
Sonhando acordada
O pai leva ao dotô
A filha adoentada
Não come, nem estuda
Não dorme, não quer nada...

Xote das Meninas | Luiz Gonzaga

Chita enfeitada as mesas de Luzia, que corre aperiada entre os clientes para atendê-los. Dezenas de mesas enchem o salão de dança improvisado, de um lado as toalhas são azuis, do outro são vermelhas. Há baldes cheios de latas de cerveja com gelo. Poucos estão sentados e se estão, batem o pé na cadência da música. Uns poucos, mão ao queixo, têm olhar perdido. Outros tantos se beijam enamorados, perdendo-se em olhares.

Duas sanfonas, uma guitarra, uma flauta transversa, o triângulo e a zabumba compõem o conjunto musical. Um senhor se rebola todo perto do palco. Parece um boneco de mamulengo. A calça e blusa sociais são acinzentadas; os sapatos e cinto são de um verde lustroso. Não dá para conversar direito, o que parecem cochichos são, na verdade, gritos aos ouvidos.



Por que viver chorando por você?
Se tu nem ao menos quer me ver,
Não sei por que eu fui te dar o meu amor,
Se você não dá valor ao que sinto por você.

Pergunta sem resposta | Brasas do Forró

“Você faz assim, você se agarra com a mulher...”. Olhares incontidos examinam de cima a baixo as carnes das moçoilas. Eles ficam perto da entrada, em grupos de três ou quatro. “Forró é uma arte que todo mundo faz”, cantou um rapaz.

Os cabelões esvoaçam em rabissaca, enquanto a mão do homem segura firme a cintura da mulher, coordenando os passos dos dois. Um giro, logo outro, trocam as mãos, enquanto Luiz respeita Januário.



Foi aí que me falou meio zangado o véi Jacó:

Luiz respeita Januário

Luiz respeita Januário

Luiz, tu pode ser famoso, mas teu pai é mais tihoso

E com ele ninguém vai, Luiz

Luiz, respeita os oito baixo do teu pai!

Respeita Januário | Luiz Gonzaga

Uns poucos se recostam nos carros estacionados perto da calçada, observando a aglomeração do lado de dentro. Mas não há quem resista a sussurrar o refrão, enquanto tamborila com os dedos: “a fogueira tá queimando em homenagem a São João...”

Sexta-feira, 22h

Última sexta-feira do mês é dia de Jovem Guarda. A banda The Falcons toca o rock romântico que embalou os anos 60 e 70, com sucessos de The Fevers, Roupas Nova, Golden Boys. O Mercado dos Pinhões está tão lotado que mal se acha vaga para estacionar os carros. O bar do Cazuza com todas suas mesas ocupadas, em cada esquina há vendedores de pipocas, cai-duros e bombons. “Num dá nem pra se virar direito, de tanta gente”, suspira a cunhada de dona Luzia, tentando esgueirar-se para sair do box.

Uma melodia instrumental que me lembra as guitarras havaianas. Surf music, pura tropicalidade com rajadas de verde do mar. Uma senhora sentada no banco começa a bater os pés no compasso quatro por quatro da bateria. Pam-pampam-pampam, pam-pampam-pampam.

Os casais invadem a pista, a bailar lentamente. O mesmo senhor que gingava em roupas coloridas no dia do forró hoje está todo de branco, com chapéu, cinto e sapatos pretos. O alvo do tecido em seu corpo magro rodopiante contrasta com a tez morena. Dança sozinho, as mãos em posição de valsa: dois pra lá, dois pra cá.

O cheiro forte de perfume inebria o ar, quase se vê a fumaça invisível da fragrância amarela. A faixa etária do público é variada, a maioria deve ter entre 30 e 60 anos, dentre as quais destacam-se as mulheres em suas vestes estampadas, primaveras pintando os vestidos. O esmero ao se arrumar reflete-se nos acessórios brilhantes, o rouge nas bochechas, os cabelos armados em mil penteados.

Na extremidade do mercado, um homem recita música para uma mulher enquanto a abraça, as mãos deslizantes. “Se você pensa que meu coração é de papel...”. Dona Luzia me disse que as pessoas que vão para o evento se identificam

com as músicas, vêm lembrar os amores da juventude. “Aí tenta se agarrar com o povo, vem matar a saudade, né?”



Lembre que existe por aí alguém
Que tão sozinho, vive sem ninguém
Sem ninguém, sem ninguém
Menina linda eu te adoro
Menina pura como a flor
Sua boneca vai quebrar
Mas viverá o nosso amor

Menina Linda | Renato e Seus Blue Caps

Embora a pista esteja lotada, há espaço para todos dançarem livremente, sem correr o risco iminente de se esbarrarem uns com os outros. Ao contrário do forró, não é como se os que estão ali carecessem necessariamente de um par, como se estivessem à espera de alguém. Divertem-se chacoalhando as mãos para os lados, os pés acompanhando em zigue-zagues. Próximos ao palco, ao lado das próprias mesas, enquanto esperam um pratinho de comida em um dos boxes.

Entre os rostos sorridentes, uma senhora de vestido amarelo observa os dançantes. Não sacoleja os quadris, não mexe a cabeça. A alegria a faz lembrar o que anda adormecido na inércia do peito. Como um quadro de Edward Hopper, parece que a solidão tem sua casa naqueles olhos secos, mal iluminados. A festa não atinge certas reentrâncias do mercado.

Entre uma música e outra, o cantor dos Falcons faz uma homenagem aos frequentadores assíduos da Jovem Guarda no local. “Pra vocês que estão sempre aqui, essa é pra vocês”, dedica, orquestrando o hino “Fogo e Paixão” do cantor Wando:

Você é luz
É raio estrela e luar (e luar)
Manhã de sol
Meu Iaiá, meu Ioiô

A multidão vibra, acompanhado a letra em coro. Às vezes, a banda para e o público continua, entoando os versos a cappella. Saio dali com as retinas acesas, com frases de amor repetindo-se na cabeça em *looping* infinito.

Raimundo Rodrigues da Silva



Seu Mundico arranhou um mecanismo interessante pra receber os fregueses e não ocupar muito espaço. A mesa branca de plástico foi cortada na transversal, para tirar uma das pernas fora. O lado cortado foi então apoiado na parede, formando uma mini-mesa de dois lugares. Bem ao lado do box número 5, o “Mundico Lanches”, nós conversamos, em torno da meia-mesa apoiada na bancada do box do Dr. Raiz. De vez em quando um ou outro cliente vinha, mas ele dispensava logo porque estava “com uma entrevista aqui”.

Ele estava sentado em uma cadeira de plástico branca, que tem repouso para os braços. Usava um boné e óculos de grau. A fala vinha meio arrastada, entrecortada pelo riso solto quando o assunto despertava as lembranças boas, antigas e novas. No decorrer da entrevista, de vez em quando batia o dedo indicador na mesa para ressaltar ou enumerar as ideias.

Quando dá seis e meia já tem gente aqui, atrás de comer o café da manhã. É cuscuz, é arroz, é carne moída. É vitamina, é pão com queijo, é com carne, pão com ovo. O gostosim é cuscuz, arroz, carne moída, é cuscuz paulista. Tem gente que gosta, tem gente que não gosta. Querem é comer feijão, arroz, macarrão, carne, querem essas coisas mais grosso, né. De manhã, é bom. De almoço também é bom. Aí pronto. Na parte da tarde... é o pinga-pinga. Aqui e acolá.

Antigamente a vizinhança sempre concordou com o mercado, comprava lá e tudo. No meu tempo tinha uma casinha aqui, outra acolá. Lá onde eu moro, tudo ali era areia. Com um candieiro, vela acesa, uma luzinha acesa, no mato. Agora tudo é calçado.

Agora aqui no Hospital Cura D’Ars era uma vacaria. A gente ia buscar leite lá, na vacaria. Depois a vacaria se acabou, fizemo um campim de futebol pra gente tá brincando. A gente mesmo fizemo, se juntemo a meninada aqui e fizemo ali, botamo duas trava de madeira acolá. Ficava jogando. Aqui mesmo a diversão da gente era só jogar bola mermo. Então eu ia tomar banho de mar, porque antigamente, ali na Aquidabã, que agora é Avenida Pessoa Anta, aquilo tudo era duna. Não tinha o que hoje tem, não. A gente pegava uma madeira, se sentava e descia de carretilha pra dentro do mar. Pra dentro d’água. Era bom, era muito gostoso mesmo aquela praia. Hoje não. Destruíram tudo, fizeram a Avenida Aquidabã, que chamavam.

Uma e meia da tarde. O calor estava de rachar e com ele vinha a sonolência típica desse horário. Poucas pessoas entravam no mercado anexo. O único box movimentado era o mais próximo da entrada, do lado esquerdo. O som das panelas e pratos de vidros sendo lavados enchia o ambiente. O radinho de pilha entoava algumas músicas, enquanto um dos vendedores do box assoviava os refrões.

Meu nome é Raimundo Rodrigues da Silva. Minha idade, 66 anos. Nasci em doze, não, quatro de doze de quarenta e cinco. Sou filho de Fortaleza. Sou aposentado pelo tempo de serviço e continuo sendo comerciário, né?

Eu moro aqui na rua Dom Joaquim, na época a casa era uma casa grande, mas a casinha pobizinha. Eu fui criado, minha mãe trabalhava aqui, e eu fui criado por uma velha, uma irmã... Ela morava sozinha e chamou minha mãe pra ir morar, fazer companhia com ela, sabe. Nisso veio o marido dela e as irmã dela tudo moravam com ela. Quando minha mãe me teve, ela veio trabalhar e ela ficou

tomando conta de mim. Me dava colégio, me dava tudo. Era Benedita. Benedita Amélia do Carmo. Se ela fosse viva hoje, ela tava com 120 ano.

“Eu não sou velho não. Nós não somos velhos, somos usados”, gracejou seu Mundico na nossa primeira visita, em conversa com um dos clientes.

Eu tenho três filhas, tudo mora comigo. Aonde eu vivo, ali na Rua Dom Joaquim, essa mãe de criação, essa velha que me criou, ela me deu essa casa. Eu tenho sete netos. Sete netos e três filhas. Tudo mora comigo. Tudim. Não abandonei nenhum pra morar distante, não. Fiquei igual como uma galinhazinha agasalhando os filho tudo debaixo das asas da gente. As galinha não agasalha os filho debaixo das asas? Então eu agasalhei minhas filha tudo debaixo das minhas asa.

Somos só nós dois, só eu e ela. As outras são tudo casada. Tudo tem sua vida. Só eu e a mulher nós damos pra sobreviver até quando Deus quiser. Quando chamar um de nós dois. Não pode morrer os dois de uma vez, não pode. Até quando Deus chamar um de nós. Aquele que for, quando a sorte vier... “vai Raimundim, vai hoje”. “Bora Mundim! Vamo simbora.” Aí pronto. (risos) Pois é. Ninguém sabe o dia que nós... nós sabemos o dia que nascemo, mas o dia de morrer nós não sabe. Nós pode morrer a qualquer hora, qualquer instante.

Mundico, quando mais novo, fazia festivais de quadrilha junina no quintal de casa. Diz ele para evitar que as três filhas saíssem por aí no mundo com os namorados. Eram três quadrilhas: de adultos, de adolescentes e de crianças. A festança varava a noite. O amor pelo período junino é tanto que até hoje ele é jurado da Federação das Quadrilhas Juninas.

Em relação às filhas, os horários eram bem restritos. Dava sete horas da noite, as três eram postas para dentro de casa. “Minha filha, bora entrar pra dormir”, ria. Nas tertúlias, que ele também promovia, (com direito até a jogo de luz) do mesmo jeito: dez horas acabava a festa. Hora de dormir. Mesmo assim, as três filhas conseguiram se casar. Deviam ser as meninas mais coibçadas da vizinhança.

O horário do mercado aberto, ele tem que permanecer aqui até cinco horas da tarde. É definido, de cinco às cinco. Agora, tem aquele ditado, fica quem quer. Como eu fico, eu fico comendo sozinho o dinheirozinho, vendendo sozinho, todo dia entra um pouquinho. De pouquinho em pouquinho eu vou só juntando, é bom demais. Eu não tô fazendo nada em casa. Minha mulher sozinha em casa, ela fica lá com os netinhos dela. E eu fico aqui conversando com um e com outro, palestrando. Quando dá quatro e meia, quinze pras cinco a gente fecha o mercado, eu e aquela moça, a zeladora. Depois nós vamos simbora. É bom que distrai. Aí pronto, eu vou pra casa, tomo banho, vou pra calçada, como um pacotim de biscoito – todo dia eu como um pacotim de biscoito recheado na calçada, todo santo dia! – fico até seis horas, seis e meia, vem aquelas colega conversar comigo na calçada, a mulher de frente, às vezes a mulher fica também conversando com minhas filha, vamo até não sei que horas. Dia de sábado, às vezes, a gente vai até onze horas, doze horas conversando. Recebendo aquela brisazinha da noite, o friozim. É muito gostoso.

O mercado anexo parece uma igreja. Os arcos da entrada lembram um pouco a estrutura do Mercado dos Pinhões. As paredes são caiadas de branco. O interior é vazio - dos 16 boxes, apenas seis são ocupados. Os pontos têm as portas azuis desenroladas há meses. Poucas pessoas sabem sequer da existência do lugar. Mundico, na entrevista prévia, afirmou que ali “não tinha presença de mercado”. Vários donos deixaram de ir trabalhar por problemas de saúde.

Mesmo diante do abandono por parte dos comerciantes, o lugar é limpo e agradável. Os banheiros, feminino e masculino, da mesma forma. Os frequentadores noturnos do Mercado, especialmente os idosos, costumam ir lá para evitar o “balançado dos banheiros químicos”, localizados nos fundos dos Pinhões. Seu Raimundo (não seu Mundico) é o encarregado de abrir e vigiar as portas. Ele também costuma ajudar dona Luzia, uma das locatárias do Mercado.

Eles iam acabar com o mercado, eles colocaram umas barracas de lona, uma cobertura toda de lona, colocaram umas madeira no chão, eles colocaram tudo de lona pra gente ficar vendendo enquanto eles resolvia fazer um mercado pra nós. Jogou nós fora, na praça, aí foi que nós damo em cima do secretário, do administrador do mercado, pra botar outro local. Eles queriam transferir nós até pro mercado Joaquim Távora, muita gente não queria ir. Queria viver aqui mesmo. Aí compraram esse terreno aqui, fizeram o mercado. Quando a gente tava na praça, quando chovia as águas subia nos pés da gente. Não tinha calçamento na praça, quando chovia muito a gente não se molhava não, mas as água passava debaixo das banca da gente. Era assim, no canto da coxia assim, corria as água. Mas a gente botava uma tauba mais alta e ficava em cima da tauba. Aonde a água era mais baixa, a água passava, quando era mais alta, o pessoal ficava ali, fazendo compra.

Dr. Juraci Magalhães que formou isso aqui, prefeito de Fortaleza. Esse mercado foi inaugurado no ano 2000. Estou com doze anos que eu trabalho aqui. Mas antes minha mãe trabalhou ali, né. Minha mãe criou todos nós, os filhos dela, só naquele mercado. Hoje só tem eu mesmo, o resto tudo foi falecido. Eu vim assumir o mercado, eu tava já com 40 anos, 50 anos. Me aposentei e vim trabalhar no lugar dela. Só que eu comecei com verdura. Mas eu não tinha cliente pra vender verdura, aí passei para alimentação.

Esse box número 9, não, número 8, foi entregue à Prefeitura. O dono entregou. Essa daqui a moça tem a chave do box, nunca mais veio trabalhar. Já tá com quatro ano ou é cinco ano, já. Isso aqui o faleceu, o dono. A família não se inteirou-se mais, então ficou pra Prefeitura, foi entregue. O outro lado deu um jeito. Tem os donos, mas ninguém vem trabalhar.

Eu não sei qual o nome dele. Eu só conheço ele como dr. Raiz. Vendia muito, que eles tinham um box lá com a gente. Esse box aqui (aponta pro box em frente ao dele) é dele. Porque eu tomo de conta, que ele é um caszinho velho, não pode vir mais pra cá, então eu tô assumindo, vender essas coisinhas pra eles. Eu acho que ela tem aproximadamente uns, mais de 80 anos, cada um. Agora eu boto uma bananinha, um mamãozinho pra vender, também eu ganhando um pouquim. Eles não me dão nada não, só pra mim ajudar eles mesmo. Quando ela vem, ela pega o dinheiro que eu apurei, ela leva, tiver faltando alguma coisa ela pega e compra, pra revender.

O Dr. Raiz foi um vendedor famoso no Mercado dos Pinhões. Seus produtos, como o próprio apelido já anuncia, variavam entre ervas, raízes, sementes e folhas que, juntos, formavam misturas, chás, lambedouros e mezinhas, dignos da aura mágica própria das receitas caseiras de antigamente. Em uma das visitas ao chorinho, conversei com uma antiga frequentadora do Mercado, dona Zilda Maria. Diz ela que o próprio dr. Raiz encomendava o receituário, dependendo da doença. Romã e jatobá, para dor de garganta. Para criança, cozinhar com açúcar. Alfazema para limpar o intestino. Urucu para o colesterol. Pata de vaca, diabetes. Eucalipto com limão, “bom pra gripe”. Hortelã para o coração. Camomila para acalmar.

No mercado São Sebastião, na área das ervas, existe um box que se chama Dr. Raiz. Um dos rapazes que me atendeu disse que o dono da banca não ia aparecer no dia (um domingo), mas que ele nunca havia trabalhado nos Pinhões. Fiquei na dúvida.

Não sei se cê já viu aquele doutor de roupa branca, ele é engenheiro. Todo dia o café da manhã dele é comigo. Ó. O café aqui, de graça, só quando esse olho piscar. Ele é danado de raiva comigo, ele quer que eu arranque tudim daí, esse doutor. “Cê não pode fazer isso não, rapaz, cê tá espantando...” “Doutor, eu vou dar café de graça?” Eu compro açúcar, compro gás, tenho meu trabalho, compro café, pra mim dar café de graça? Não, não pode, pode um negócio desses? Lanchonete, nem lanchonete não, é só um minilanches, todo mundo tem que pagar! Quem quiser um café mais reforçado tem que trazer dinheiro pra poder pagar.

“Café de graça só quando esse piscar”. É o desenho de um olho arregalado, riscado de caneta bic preta no contorno, azul na pupila. Esse olho a gente sabe que nunca repousou por um segundo sequer, nem paquerou, nem reagiu aos eventuais ciscos que perturbam vistas mais delicadas. Observa tudo, chegando a causar tremeliques nos clientes colecionadores de contas penduradas.

Dona Maria, uma das permissionárias do Mercado da Aerolândia, também colou na banca alguns desses avisos, os conselheiros de papel. “Quem tem olho grande é sapo, por isso vive na lama”. “Fiado é igual à mágica, faz o cliente sumir”. “Falar de mim é fácil, difícil é ser eu”. “Proibida a entrada de invejosos”.

Eu tenho, aqui pra nós, caderno que eu tenho ali, eu tenho bem uns dez cadernos se eu for somar tudim, dá pra mais de dois mil reais fiado. Se um dia vier aqui e pergunta “Eu tô devendo?” “Tá” E vou lá no cadernozinho velhinho tá anotadinho. “Taí, cê tá devendo tanto”, aí paga. Se não vier me pagar não posso fazer nada, né. Tá anotado ali. Tem pra mais de dois mil conto acolá. Nunca saio do sufoco. E eu compro tudo é dinheiro, essas mercadorias tudo é dinheiro. Se eu não tiver dinheiro vou com o cartão, no Cometa, passo as compras no Cometa, mas eu tenho que pagar. Eu pago, pronto. Tem que repor todo tempo as mercadorias pra manter esse pessoal. Se eu dissesse assim: “Não rapaz, vou te vender fiado, mas tu tá me devendo...” Eles não me pagam mais.

O que eu vendo é refrigerante, é suco. É gostosinho, é pão com ovo, pão com carne, pão com queijo, tudo eu vendo. Dá uma renda até boazinha. Porque se eu for esperar, eu só ganho um salário mínimo. Seiscentos e vinte e dois reais. E um quebradim. Isso não dá pra mim me manter, a minha casa. Não dá. Pagar energia, água, pago Net, tenho plano de saúde, tem a funerária, tudo eu tenho. Se fosse só o salário que eu ganho não dava. Então, a minha renda a mais é isso aqui.

A primeira vez que falei com seu Mundico havia sido alguns dias antes. No fim da conversa, ele me ofereceu café (um café “de garapa”), suco, refrigerante. Fez questão de não me cobrar nada, apesar da minha insistência em pagar. “Esse aqui é um gentleman. É o Querido das Meninas”, brincou um dos clientes ao ver a cena.

Todos eles eram iguais, eram um mercado só. Aerolândia, São Sebastião, esse daqui. Eram um mercado só, todos de ferro como ele tá aí, todos de ferro. Só que naquela época, os holandeses dividiram esse mercado. Veio o mercado lá do Centro pra cá, eles dividiram. Um pedacinho para um local, um pedacinho pra outro, um pedacinho pra outro. Olha, esse daí já tá grande, não é? Imagina quando foi dividido, né, o mercado.

O Mercado dos Pinhões surgiu pelo um campo de futebol. Ao redor do campo tinha palha de coqueiro, com aqueles pé de pião ao redor. Então eles cercaram e fizeram um campo de futebol, por isso que hoje o Mercado se chama o Mercado dos Pinhões, por intermédio desse campo que há, vamos dizer assim, cem anos atrás. Já tá com mais de duzentos anos. Duzentos anos. Toda vida ele foi dessa corzinha verde. Não se estragou porque foram fazendo a manutenção do prédio, do mercado. De dois ou três em três anos, eles mandavam pintar, né. Não era assim, como tá aí agora. Agora tá bonito.

Evilene, uma das senhoras que participou das oficinas e que costuma vender bolo e café para as alunas, disse que antigamente o terreno do Mercado era um cemitério. Mas a versão mais recorrente é a do campo de futebol. Durante nossa primeira conversa, seu Mundico contou que o pai costumava jogar no campo “sem grama, de areia e barro batido” e participava de partidas entre “times suburbanos”.

Tinha uma caixa d'água no meio desse mercado que fornecia água pra todos os locatários. Uma caixa d'água imensa, grandona, bem alta. Tinha as pedras, mas a cobertura era de madeira. E do lado de lá era o lado que o pessoal trabalhava com comida. Do lado de cá, tinha o rapaz que vendia jarro, o Epitácio. É um dos falecidos também, também era do mercado. Então ele vendia os jarros, ele tinha uns três boxes.

Naquele terreno baldio, ali tinha a Gás Butano, a Ceará Gás Butano. Eles enchiam o bujão de gás, era pra mais de duzentos empregado. E esse pessoal vinha almoçar conosco no mercado. Quando era ali, naquele mercado. Depois foi que saiu, veio o Pão de Açúcar, que chamava naquela época Jumbinho. Passou bem uns dez anos e depois saiu. Era muita, muita gente.

O terreno baldio está limpo. Nos muros que o cercam, restos de tinta e azulejos delimitam o que seriam os antigos cômodos do supermercado. A entrada para o terreno é vedada aos curiosos por um portão trancado a cadeado. Para espreitar, é preciso ver entre as grades.

Todo prefeito quer mudar as coisas pra trás, pra apresentar as do governo dele. Haverá mudança. Eu acho que pode continuar e pode não ter mais evento. Porque a Luizianne gosta, a mãe dela gosta muito de eventos, né? É por isso que

tiraram nós daí pra botar... Isso aí é quase uma igreja, né? E era nosso local de mercado, de muitos anos atrás.

Esse mercado é como fosse, por exemplo assim, uma coisa de relíquia. Como se você tem uma coisa do seu avô, um objeto que você quer guardar e pode até passar pra filhos, netos. Uma relíquia então é o mercado. O mercado jamais vai se acabar. Isso fica até o dia que o mundo se acabar, aí acaba com tudo. Mas por enquanto, não. Nunca vai acabar esse mercado, nenhum desses mercados vai se acabar.



Chegamos por volta das 10h, o tempo estava nublado, chovia um pouco. O Márcio Moreira, um colega de faculdade que morava na Aerolândia, me acompanhava na visita. Ali era uma região muito perigosa nos anos 1990. A quadra ao lado do mercado servia como ponto de encontro para duas gangues do bairro, cujos nomes não lembro. Com as políticas de segurança adotadas na região, tais como o Ronda e a instalação de um ponto da Polícia próximo à oficina Cordeiro, a violência no bairro se abrandou.

Logo notamos que os arredores estão abandonados. Um matagal cerca o mercado. O cheiro de urina misturado ao de lixo é intenso. O lugar possui quatro entradas, mas, por medidas de segurança, apenas um portão é aberto.

Existem muitos registros nas paredes: desenhos, adesivos, avisos, tabelas de preços. No alto, pendurados entre um box e outro, fitas verde e amarelo desbotadas enfei(t)am o lugar, provavelmente resquícius da Copa do Mundo de 2010. A época de chuvas deixou poças se acumulando no chão (será que o piso é original?), facilitando, talvez, a propagação de mosquitos – espero que não da dengue, fui picada várias vezes. Alguns boxes estão fechados por grades enferrujadas.

Há pias no fundo dos boxes do lado esquerdo. As bancadas são as mesmas, de pedra, por vezes pintadas de alguma cor, empoeiradas. Nos compartimentos vazios acumulam-se sacos de plástico, folhas secas, depósitos quebrados, produtos pela metade, restos, pichações. Perto do banheiro feminino, devidamente trancado, o odor fica pior.

No canto esquerdo, acima dos banheiros, surge uma área mais elevada (para que serve?), de escadas tortas e corrimão enferrujado. Lá temos uma visão geral do mercado. O telhado é feito de amianto, as antigas colunas de ferro foram cimentadas. Toda a estrutura está bastante deteriorada, mas ainda resiste ao tempo. Cerca de cinquenta boxes se espremem no espaço, criando corredores estreitos entre si. Do ponto de vista da BR-116, as carnes se concentravam do lado direito, e os cereais ao lado da entrada principal. Nos portões, melancia, feijão verde e tapioca eram vendidos.

À primeira vista, percebo que poderei visitar o mercado mais vezes do que o planejado. O lugar não parece tão perigoso, as pessoas são simples e com o tempo talvez se acostume com minha presença.

Mirian Martins da Silva Melo trabalha no box 3, fazendo marmitas para clientes das redondezas e de fora, a maioria deles já fixos. Desde 1991 está por lá todos os dias, incluindo “sábado, domingo, dia santo, feriado”. Chega de manhãzinha e sai 13h, 14h. “Aqui era muito bom viu”, afirma com convicção, informação confirmada por um de seus clientes mais assíduos, seu Roberto Pinheiro. “Aqui era um movimento incrível”, emenda ele. Mesmo com as condições desfavoráveis, Mirian comenta que a freguesia da Aerolândia é boa. “Esse bairro aqui não é muito pobre, não”. Ela tenta conciliar a atenção entre a comida que ferve no fogão e minhas perguntas. Pelo celular, pede para alguém levar o gás, que havia acabado naquele instante. Meio dia é impossível falar com ela, preparando os pratos. Ocupada no mexer da panela, medir dos temperos, cortar dos peixes – as cabeças apáticas dispostas em círculo numa bacia verde.

Tem quatro filhos, três mulheres e um homem. Os filhos de duas delas, Clóris e Geórgia, ambas mães solteiras, moram em sua casa. “Venho pro mercado pra fugir da confusão”, ri. “Eu num aguento, só saio do mercado quando ele cair”.

Ela conta que a qualidade do mercado vem diminuindo desde o governo do presidente Fernando Collor de Mello. “Morreram 48 boxes daqui, é uma vergonha”. Ela teme ter que sair dali, junto com as outras locatárias. “Vai virar bandidagem”.

Quando as reportagens de televisão a entrevistam, ela diz “esculhambar todo mundo”. “A Prefeita não tá nem aí pra gente!”, revolta-se. É uma senhora de voz e gestos enérgicos, o rosto moreno. Diz que a Regional VI, responsável pelo mercado, proibiu-a de falar mal do local e do poder público municipal.

Outro de seus fregueses é Francisco José da Silva, que come o prato “sagrado” de todos os dias na mesa do box 3: cuscuz, ovos e verduras. Ele afirma que caso o mercado fosse reformado, seria uma “mina de dinheiro”. “Se ajeitasse, os gringos viriam tudo pra cá”, prevê.

Mirian recebe ajuda diária de uma amiga, Rosa Bezerra de Andrade. Ela coleta o nome das pessoas de uma empresa que vão querer marmita, que variam entre 20 e 30. “Não cobro nada não, só na amizade”. As duas se conhecem há dez anos, quando o marido de Rosa ainda era vivo.

Ela é uma senhora baixa, morena, de cabelos cacheados, presos por um elástico num rabo-de-cavalo baixo. Foi criada no Rio de Janeiro, morou seis anos em São Paulo e voltou pra Fortaleza. Para ela, a Aeolândia é muito perigosa, tem medo de tiroteio. “Depois das 21h, tem que andar com um olho no padre e o outro na missa”.

Em minha segunda visita ao mercado, notei outras presenças além das permissionárias. Um grupo de homens descamisados conversavam perto da banca da dona Alda. O receio foi imediato – viver em metrópoles nos ensina que o desconhecido pode significar perigo iminente. Aprendemos a temer o outro, envolvemo-nos na bolha de proteção paralisante que nos faz desviar de bicicletas, separar o dinheiro em vários compartimentos, andar com a bolsa atravessada para o lado oposto da rua, temer grupos de homens descamisados.

Claramente, eu destoava dali. Calças jeans em vez de shorts, olhar atento aos objetos que me cercavam, papel e caneta na mão. Daquela vez, estava acompanhada por um grupo maior de pessoas, que realizavam um documentário sobre o mercado como parte de nosso projeto: Samuel, Victor, Tarcísio. Em pouco tempo, os homens começaram a conversar com o Victor, aparentemente em tom descontraído. Eles nos chamaram, nos apresentamos. “Precisa ter medo não”, disse o Eduardo, conhecido como Tico.

De fato. Tico, Delvano, – conhecido como Capitão Gancho, ou mãozinha, devido a uma mão atrofiada – Rafinha, e os irmãos e vigias Pedro e Davi estavam sempre ali, seu “ponto de encontro”, nos tratando bem todas as vezes. Quando os conhecemos, tiramos uma série de fotos deles. Entregamos “reveladas” uma semana depois. O Tico ficou tão feliz, foi correndo aos pulos avisar aos outros.

Mesmo com a recepção amistosa, tínhamos receio em alguns momentos. Quando aparecia alguém diferente no grupo, quando eles pareciam tão alterados que não nos ouviam direito, os olhos muito vermelhos. Mas é como a dona Alda diz, entre suspiros, “eles fazem as coisas deles lá, mas não fazem mal a ninguém”.

Hoje a estrutura de ferro encontra-se imersa em grandes blocos de alvenaria. O concreto branco se espalha no teto dos boxes, nas laterais e internamente, criando novas subdivisões, modificando a forma de enxergar o lugar. Os adornos das fachadas vermelhas de ferro fundido estão entre as poucas coisas que se mantêm originais permitindo relacionar o mercado a seu gêmeo, a alguns quilômetros de distância.

Deixado para trás, o lugar resiste à falta de zelo e ao tempo porque, também, as pessoas resistem.

Imagino uma maneira de transitar com mais sutileza pelo espaço. Talvez com menos pressa e o hábito: passar vários minutos num só lugar, descobrir as vistas em vários ângulos. Controlar a euforia, colocar o bloquinho e a caneta pulsante de lado. O mercado é enorme, e mesmo com as sombras formadas pelo cimento sobreposto ao ferro, os entulhos e as pichações, é suntuoso. Como fazer com que as palavras traduzam suas cores, cheiros, espaços? Devo injetar tanto de mim nessas linhas, para além dos desenhos de coisas que significam coisas. Meu texto, sinto, também deverá ser permeado por esse silêncio.

Pedro Paulo Moreira da Silva



Em nosso primeiro encontro, Pedro estava recostado no portão de ferro do mercado, próximo ao box da dona Alda. É um homem robusto, moreno de sol, com feições indígenas. O olhar é sério, ainda que não seja rígido. É sóbrio e cansado, riscas vermelhas denunciando as noites mal-dormidas.

Pudera. O Mercado da Aerolândia é sua principal morada, onde despende boa parte de seu dia: fica ali de seis da manhã ao meio dia. Vai para casa, almoça, faz a sesta, assiste um pouco de televisão. Programas de variedades, policiais, reprises de novela, talvez. Às 14h, ou um pouco mais tarde, ele retorna ao local, do qual só sai quando o novo dia exhibe seus primeiros sinais, pintando de cinza-claro o asfalto grosso da BR. “Dou só uns cochilos”, conta.

Nascido e criado no bairro, na Rua Capitão Vasconcelos, ele conhece a maioria das pessoas da área. É amigo do grupo de homens que todos os dias ocupa o mercado, ponto de encontro para “conversar e beber cachaça”.

Parece-me que algo o destaca dos outros, não somente o encargo de vigia, que divide com o irmão Davi. Os amigos brincam, se empurram às gargalhadas, enquanto ele apenas observa. Seu discurso aparece descontínuo, repleto de digressões. Sentenças incompletas são retomadas mais tarde, a voz calma, fanhosa, um tanto aguda.

Eu sou solteiro, moro lá em casa. O meu dia-a-dia é quando eu quero fazer meu lazer, eu saio com os menino aí, vou curtir. Hoje era um dia que nós ia pra Caça e Pesca, e lá nós já ia pra... pro outro canto lá. Aí num deu certo. O resto da minha vida, agora é só curtir minha vida. Porque se a pessoa não curtir, aqui é só uma passagem. A gente só tem uma passagem aqui, e pedir a Deus o perdão dos pecado e depois o negócio é lazer. É curtidão, agora. À noite, com mulher, a gente pega aí e sai, vai pracolá, porque acolá que as prostituta é tudo é por ali.

Ah, aqui era calmo, era muito... Era muito diferente de hoje. A evolução vai mandando. Os menino andava com uma baladeira, hoje andam com revólver. Era no meu tempo. Naquele tempo brincava, hoje em dia não brinca mais muito não, porque antigamente, também, não tinha muito tráfico, começou a coisar as ruas. Agora os carros, se qualquer pessoa, até um adulto, pode ser atropelado, quanto mais uma criança.

O mercado, naquele tempo, Ave Maria! Sempre foi desse jeito. Sempre foi dessa cor. O mercado naquele tempo era um mar de rosas. Meu pai aqui, eu tinha meus quatorze, quinze ano, eu tinha dinheiro pra tudo à noite. Só pra levar as coisa pro estacionamento aí era tudo lotado. Aqui dentro, aqui a gente barruava nas pessoa, aqui. Funcionava de seis da manhã às seis da noite. E dia de quinta-feira até mei-dia, é pra lavar o mercado.

O pai vendia fruta e verdura. Era um dos maiores vendedores daqui de dentro. Tinha o que disputava com ele, seu Dadá, mas tinha nada não, sempre foi tudo amigo aqui, graças a Deus. Eu ajudava, meu irmão mais véi, principalmente. Eu ajudava, mas eu fazia minhas putarias, saía. Eu só ficava dia de sábado e domingo mais, que era o dia do dinheiro! (risos) porque era... Ora! Era muita pessoa pra atender e o pai num podia atender muita gente nem meu irmão, e eu ficava pra atender e receber o dinheiro. Eu carregava, butava, o cliente comprava e eu levava pro carro, né. Levava pro carro e eu ainda ganhava, às vezes, ainda ganhava do ganho do meu pai. Fora o que eu ganhava ainda, né? Por baixo dos panos. Pai tinha cliente de todo canto. Porque o pai trazia produto bom, os pessoal gostava. Vinha gente de fora. Muita gente, o pai tinha muito cliente do pessoal da Base.

Antigamente aqui era campo de aviação. O meu avô falou pra mim, antes de ele morrer, ele disse pra mim.

Graças a Deus o pai comprou uma casa que nós mora hoje em dia, graças ao mercado aqui. Porque ele ganhou e conseguiu comprar a casa. Só um pedaço do quintal agora que ele vendeu foi dez mil conto, porque o cara precisou lá, o vizim, o pai vendeu por dez mil, por isso. Agradeço ao mercado, o pai, tudo que o pai ganhou, a casa. Fosse vender o restante agora, foi avaliado em cem mil.

E a dona Alba que trabalhou aí no meu tempo, uma senhora que eu menino, tinha uns 14 anos quando ajudava o pai aí, ela num veio? Tá com uns quatro mês. “Dona Alba!” ela olha prali, ela olha tanto. “Nunca pensei”, “É, dona Alba?”, ela disse, “É”. É isso mesmo. Desse box aqui já morreu, foi o Haroldo. Conheço tudim. O Haroldo morreu, ele saiu desse box aqui foi vender e comprar carro. Desse detrás aqui morreu, que era chamado Barra de Aço. O Joaquim ainda é vivo, que era desse box aí, desses aí tudim, do de lá o seu Dadá é vivo, o Nelson, filho dele, morreu. Morreu o outro, morreu o Mauro. Daquele lado tudim morreu.

Frequentador desde o “tempo que o mercado era mercado”, Pedro está habituado ao ambiente desde os oito anos de idade. Foi envelhecendo junto com a estrutura: enquanto ganhava centímetros, barba, novas feições, o prédio adquiria ferrugem, fendas, novos muros emparedados. Os contornos de um e de outro modificavam-se com o passar dos anos.

De acordo com ele, a época de ouro do local foi nos anos 80, quando seu pai ganhou mais dinheiro com as vendas. A partir de 1995 começou o abandono, “esculhambou-se”.

Meu pai saiu daqui de cabeça erguida, em 2000. Meu irmão ficou, aguentou até 2005. Aí acabou tudo, o mercado. De 2006 em diante, começou. Depois da morte do seu Canelinha, que vendia panelada naquele box ali, seu Dadá, que era muito amigo dele, também foi-se embora. Ficou o lado de lá neutro, ficou só o lado de cá. Porque era um dos mais velhos que tinha aqui, seu Canelinha e o seu Dadá. Incluindo meu pai também. Meu pai foi mais por causa de saúde.

Abandono total da Prefeitura foi agora, de quatro meses pra cá. Ela abandonou o mercado. Aliás, só fico aqui por causa delas aí à noite, por causa da algazarra que eu faço também, por causa da Maria, da dona Alda e por causa dela aí. Nós fica aqui. Mas tem futuro aqui, não. O futuro que tem aqui, se coisasse, se nós sair aqui, é o vandalismo tomar de conta disso aqui, esbagaçar tudo.

Até agora, a Prefeitura tá tratando com isso aí ainda. Com água e luz, isso aí tá tratando. Não foi cortado nada, a Prefeitura não cortou água nem luz. Só tirou os funcionário daqui e tudo. Aqui e acolá vem um funcionário aqui, que é o que diz, na hora que elas quiserem desistir, vai fechar o mercado. Mas elas não querem desistir. Vem um encarregado da Regional 6 lá, diz assim “ah, vocês não quiser eu tranco o mercado aqui, pronto. Pode saírem, mas elas têm direito a uma indenização”. Não é assim, elas têm direito.

E tem uma coisa, se certas partes que tiver aí pra cair, um dia cai na cabeça d'um. Porque se cair morre na hora, viu. Qualquer um! Caiu uma vez uma peça ali, tu é doido? Caiu foi um pedaço de ferro, se ali fosse na cabeça d'um acolá podia ir direto pro IML, dali. Tu é doido (risos)? Foi, porque tava condenado, tava

condenado. Sempre nós ficava ali, se uma bicha dessas viesse, viu. Se nós tivesse lá e desabasse, tinha que ser indenizado nós tudim. Matava nós tudim.

Dentro dos boxes num cai nada não. Tenho medo de cair é lá de cima (risos), lá de cima que a estrutura ainda tá coisada, a estrutura mais assim, lateral, dele. Porque a sustentação dele inda é muito boa e tudo, é só nas laterais, as de frente e assim. Mas assim, eu não tenho muito medo não, de cair uma peça.

Trabalhei em transportadora, trabalhei assim, de segurança. Eu tô esperando é ser chamado prum negócio aí, tô esperando ser chamado pra mim sair daqui. Eu tenho casa, graças a Deus, apoio de família, eu tenho tudo. Tô com documento e tudo, só pra mim ir. Pra mim sair daqui, com carteira assinada. Como o meu irmão tá agora, o mais velho.

Eu tô desde abril desse ano. Mas ano passado eu também fiquei, aí eu tive problema, aí eu saí. Eu tô fazendo aqui um bocado de tempo, eu fico mais de vigiar isso aqui por causa dos menino, que todo mundo aqui me conhece e me considera. Mas aqui já quiseram pular pra roubar o box dela, tem muita mercadoria dela. Aí eu: “ó, cara, faça isso não. E tal. Num sei o quê e tal”. O cara vai e pula de volta. Arriscando a minha vida. Meu irmão tá na Regional 2. Já tá empregado. Tá com um ano e pouco, vai tirar férias agora, no mês que vem, em outubro, e eu?

Minha única fonte de renda não é isso aqui não. É o que faço por fora. Ontem a doutora Célia me chamou pra fazer um serviço lá, sábado, eu fui. Já ganhei um dinheiro com ela, lá. Trabalho avulso. Naaaam. Se o cara chega aqui e disser assim, “rapaz, dá pra tu ir comigo lá pro trabalho de segurança lá no restaurante, fazer isso, isso, isso, passa pra ficar até no outro dia”, eu vou. Ora!

Quando meu irmão saiu, nós saímos, dentro de poucos dias aqui foram um bocado de coisa. Foi levado, só do bujão dela aí, foram levados três. Chega ela já tava com raiva. Ela comprava um, o cara vinha e levava outro. Depois que nós entremo aqui, já tamo com quatro mês, nada. É porque é consideração. Porque eles conhecem, e eu também conheço um bocado. “Tenta pular lá pra dentro, não, cara. E tal, num sei o quê”, tento dizer isso. Dois já tão no presídio. Nós disafiemo ele. Aí Deus é bom, bom pai, e ele cortou as forças. Foi-se embora, ele. Saiu.

Foi de noite. Ora, se fosse de dia? De dia aqui não acontece nada não. É perigoso assim... Mas eu ainda tenho medo, ainda, de noite. Quando eu tô aqui. Só em dia de jogo que eu vou assistir jogo, e eu gosto de ir ali pro Baião, gosto de assistir jogo, eu tenho medo de chegar aqui e tá tudo arrombado. Fico até de manhã. Aí eu divido com meu irmão: metade, metade. Agora eu gosto mais de ver o dia amanhecer, quando é de três em diante eu fico. Às vez nós abre e sai fora. Aí ela também dá um ajuda aí, paga um pouquim, ela da banca.

À tarde num tem nada. À noite aqui é tipo uma casa de terror. A luz tá queimada. Às vez é até bom tá queimada mermo. Porque tando no claro a pessoa fica vendo e eu vendo, também. Mas aqui tem uma ajuda. Às vez chega um amigo, “rapaz, num dá pra entrar aí?”. “Dá, entra”. Aí fica conversando comigo, por aí e tal. Briga com a mulher e vem, onti um brigou com a mulher e dormiu onti aqui. Pronto, já me ajuda. Fica conversando, e tudo.

Pra passar o tempo, é escutando música. Ainda bem que ainda tem energia. E água gelada. Que eu gosto de tomar água gelada. Taí, a geladeira tá até desligada ali, passo a noite assim, andando. Tem uma amiga nossa que é lá da frente, acolá, que mora num quitinete, a Poliana. Ela é da bagaceira, ela bota o som bem alto e

eu digo a ela, “Poliana, bota o som aí, até altas hora, aí”. E o som entra aqui todim, é mermo que tá aqui. Aí fica, os contato, eu e ela. Sempre vou lá no portão, volto, vou no portão lá. É uma cortiça, sabe, da noite. Muita pessoa aqui que entra, à noite aqui. Assim, amigos, que eu deixo entrar. Só abro o portão... Esse que tava aqui, esse outro que tava aqui. Mas nem pra todos eu num abro não. Pra entrar, pra conversar, só quem é meus amigo e eu sei quem é o endereço fixo e tudo. Que é o Rafinha, que é o Delvano... Só os amigo que tem credencial que entra aqui.

Depois da meia noite não há silêncio maior do que o dali. Até o horário, ainda se ouve as conversas no bar da Lôra ou os gritos da torcida em campeonatos de futebol dos times suburbanos na quadra. Mas a madrugada é impiedosamente muda. Sentado no sofá velho da ala direita, não é preciso concentrar-se muito para ouvir ruídos mínimos, inaudíveis de manhã e à tarde. Latas arrastam, gatos ronronam, cinzas espalham-se. Os minutos passam areados, como numa ampulheta. A madrugada é o mais longo dos turnos.

Fico imaginando os muitos fantasmas que transitam ali, esperando anoitecer para ficarem mais visíveis. Os vendedores dos boxes que já partiram, as lendas urbanas que devem se esconder sob a poeira de um vão escuro. Os espectros das lembranças, mais vivos do que nunca.

Andando de um lado para o outro, ele espia as janelas da vizinhança iluminadas, trava os contatos possíveis. De repente, um som brusco. Batidas no portão, um corpo que cai, uma mercadoria mal posicionada. Risco na parede, a brasa circular do fumo acende. “Às vezes tem usuário, tem que ir com cuidado”.

Eu com elas? Com a dona Alda eu conheço ela e muito respeito, porque é das antiga, né. É do tempo do meu pai, é mais diferente. Mas dessa que não é das antiga, eu não tenho muita coisa não, mas com a dona Alda, eu muito respeito. Ora, com a dona Alda ali eu tinha 13 ano. Ela quer sair e tal, ela se sente assim, ela diz pra mim que sente uma coisa que, sabe? Que gosta ainda. Enquanto tá aceso, ela não quer ir ainda. O meu entender foi esse, dela. É isso mesmo, ela num quer ir não, ela num quer deixar o mercado ainda. Só se mesmo a Regional disser “Vou fechar, vocês vão simhora e tudo” aí eu acho que ela saía. Mas se não for, eu acho que ela não sai não.

Elas aí não, elas aí pode ter dez ano e pôco, dona Alda aí tem... Essa outra aí chegou um tempo desse, de noventa e pôco pra cá, meu pai chegou em setenta e tanto aqui com a dona Alda. Aí o respeito é diferente. Mas também trato, falo normal com elas. Elas não pode dizer nada, de dia não tá tudo certo? De manhãzinha, não tá tudo certo as coisa dela? Aí não pode dizer nada. E são tudo amiga dos menino aí.

Mirian, Maria e Loura pagam R\$ 20 diariamente, valor dividido entre os irmãos Pedro e Davi. Por mês, são R\$ 300 para cada. Pedro diz que “arrisca a vida pra ganhar mixaria” e não vê a hora de conseguir um trabalho formal, com carteira assinada.

Aqui vem muito mais, eu acho, é reportagem. Que eu tô achando até que não vem mais, aqui no mercado. Aqui acolá vem fazer aqui crítica, que é crítica pra Prefeita. Inda vem ainda porque é eleição, e eles vem fazer matéria inda aqui pra derrubar o candidato da Prefeita.

A irmã do Governador tava com a gente aqui semana retrasada, até eu disse a vocês. Semana retrasada tava aqui com a gente, conversou, fazendo campanha não pra vereador, só pro Roberto Cláudio. Eles vieram ver aqui, falaram com a gente, o pessoal veio ver aqui porque é política mesmo. Porque entre nós aqui tem um bocado de eleitor, seja o que nós seja aqui, tem um bocado de voto.

A última reportagem que veio aqui eu tava sentado aqui, aí o caba meteu a sola aí, meteram a sola aí que num sei o quê, num sei o quê, que tava pra cair aí, quando foi duas horas o cara da Regional chegou. “Pá, vamo fechar o mercado”. Foram pra banca da Lôra, tal, num sei o quê, começou a questão aqui, “Não, vai fechar não”, aí pronto. É só não criticar. Eles querem criticar o mercado, se eles tão aqui e num pode criticar. Quem criticou foi ela aí, pra reportagem. O homi lá da Regional viu a reportagem e veio. Ia fechando o mercado. Ela disse aqui que tava sem líder, falou besteira e ia prejudicar as outras duas e ela mesmo. Porque o caba veio foi pra fechar. A Lôra veio dar barraco aí, falou, falou a Maria, falou... Aí eu peguei e disse “Quem foi que falou?”. Dona Mirian.

Se você tivesse vindo nesse ano no dia do aniversário do mercado, tinha uma faixa três meses, bolo e tudo, cês tinha visto. Foi 44 ano, foi o Motoca que fez que é candidato, tudo por político, o Motoca, que é candidato a vereador aqui pela Aerolândia fez. Veio Acrísio Sena, veio Joaquim Rocha, veio vereador, veio a reportagem do canal oito, as repórteres reportaram aí, entrevistaram aí, aí fizeram aí, dero bolo, refrigerante pros pessoal. Quer dizer, e eu só aqui, só olhando pra eles.

“Só passa um carro véi de som aí”, ele reclama. Explica-nos que certos candidatos aparecem sempre na Aerolândia prometendo “mundos e fundos”, mas não fazem nada. Confessa que não sabe em quem votar para Prefeito embora enumere os nomes que não são dignos de confiança por diferentes motivos.

Fala animadamente de Célia Dantas, Presidente da ONG Centro Ceará Voluntário que trabalha na campanha do candidato a vereador Acrísio Sena. Ele conta que ela apresentou uma proposta de reforma para o mercado com dois andares.

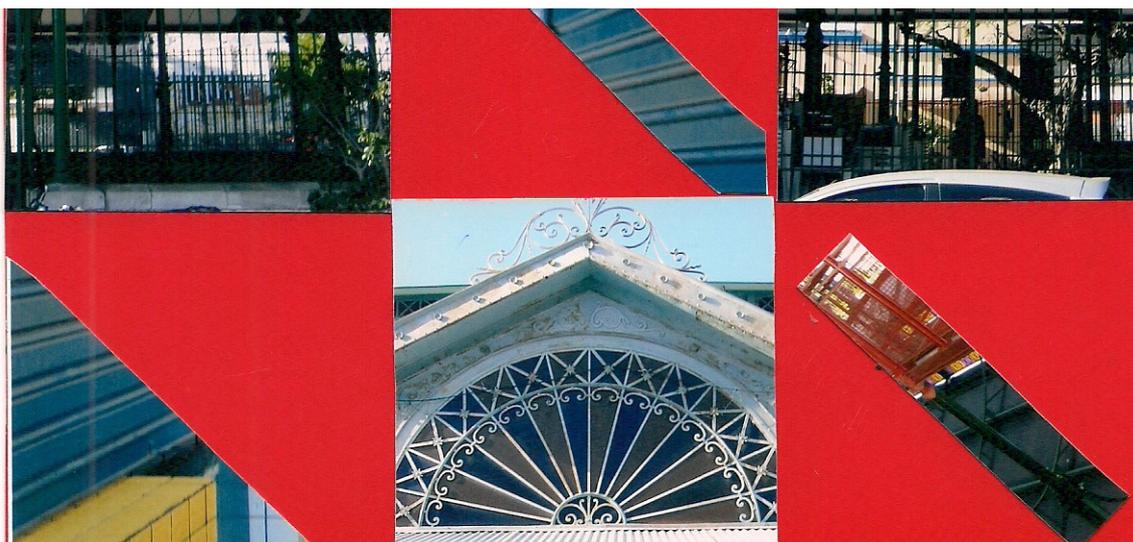
Da reforma eu queria que fosse reformado e fosse tipo como a dona Célia disse, de dois andar em cima e assim uma função, como ela falou que eu tô acreditando nela. Ela disse que viu o plano e disse que ia ser artesanato, uma coisa, embaixo lanchonete. Uma coisa de tudo, de carne vai ser separado, em cima vai ser só artesanato e confecção, embaixo vai ser aqui outras coisas. Se for desse jeito vai ser muito bom, eu queria que fosse assim. É pra fazer, porque tem esse programa agora, da Copa, aí tem uma sucata dessa aqui, o pessoal passando aqui tudo na BR, aqui, tem que fazer.

Desde o tempo que eu sou gente que tem esse mercado, e eu acho que não pode deixar de existir não. Esse mercado aqui já é há muitos anos tradicional. Aí o bairro ia ficar pior ainda. Porque aqui tendo o mercado os pessoal vem comprar, não tem só um canto pra comprar, vai ter várias opções, os outros não vão querer vender caro com o outro vendendo mais barato, é isso. Por isso, o mercado. Se o mercado for reformado essa feira sai daqui, já sei de tudo, já. O mercado não tá funcionando, a vigilância só vai quando for construído aqui, que vai ser, que eu tenho fé que vai ser, aí muda tudo. Muda. No tempo que o mercado era mercado,

a vigilância sanitária vinha aqui. Se tivesse alguma coisa aí, tinha um que vendia carne da moita, carne sem ser com nota fiscal, o Carlim, a vigilância, levava a carne. Tinha moral o mercado. Hoje em dia não tem. A vigilância sanitária vem uma vez perdida na feira e leva as carne deles. Eu acho até um crime, porque eles tão também pra ganhar o pão de cada dia.

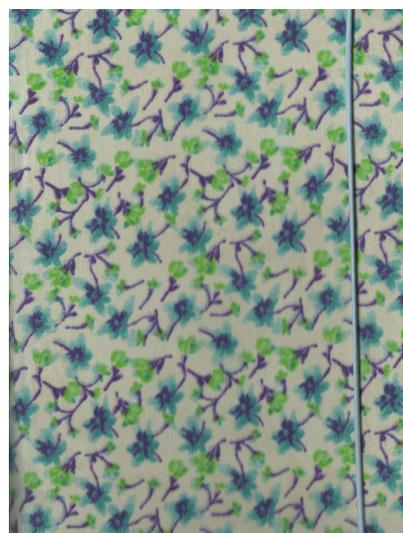
Rapaz, o significado desse mercado pra mim agora, do momento, é uma coisa muito boa. Pra mim, e foi muito boa pro meu pai. Que o meu pai trabalhou aqui 40 e poucos ano, e foi muito boa pro meu pai. E pra mim sempre ele vai ser uma coisa muito boa. E ele sendo, com a reforma, vai ser mais boa ainda.

Há 32 anos não vê nenhuma reforma no mercado. “Aqui tá muito precisado de uma reforma. Certas coisas não querem modificar muito, mas aqui queira ou não queira tem que fazer uma reforma”. Diz que está tudo caindo, uma da parte calçada desabando.



mercado dos Pinhões
03/09/12

São 24 folhas
Corta ao meio e em
seguida dobra ao meio.
Divide em pacotes de 7
Depois marca 02 cm em cada
lado duas vezes. Em seguida
abre as 7 folhas e com a ponta
da Tesoura fura as folhas, nos
pontos que estão marcados



Minhas costas doem. A maioria das pessoas sempre se refere ao artesanato como uma atividade relaxante, que livra de males como depressão e tédio. Mas a maneira como me curvo em atenção ao caderninho que costuro me dá dor.

Todas as outras parecem estar concentradas, aqui e ali uma conversa paralela me tira do torpor das dobraduras no papel reciclado. Dona Carmem trabalha com artesanato desde os 17 anos e, diz ela, toda sua jovialidade se deve ao ramo. As outras irmãs parecem mais com sua mãe, de tão envelhecidas. A experiência é tanta que ela se apressa em relação às outras e não espera as instruções da Mel, a professora da oficina.

Existe uma certa insegurança em encadernar. Você enfia a agulha de um lado, sai do outro, vai pra baixo, sai de novo, sobe no burquinho anterior, pula pro terceiro miolo e assim vai. Aos poucos, as mãos vão se automatizando nesse processo e, quando você se dá conta, está completamente perdida. Aí começam os “Mel, vem aqui”, ou “Mel, tô fazendo certo?”. Esse tipo de coisa exige prática que poucas de nós temos, apesar de muitas das participantes já serem veteranas nos variados cursos do mercado.

Semana passada, quando entrei de intrometida na oficina de pintura em tecido, foi do mesmo jeito. Digo intrometida por:

1. Não ter feito a inscrição.
2. Ser a primeira vez que participava de uma.

Latas de conserva de molho de tomate e ervilha com água, três pincéis para cada, variadas cores de tinta para tecido. Josy, a artesã que nos orientava, nos dá um tecido de algodão branco fino, um papel carbono e outro com desenhos: duas flores, um par de frutas, um pássaro, um sino. Para passar a figura da folha de ofício branca ao pano devemos posicionar o desenho em cima do carbono e cobri-lo com lápis, de forma a marcar as linhas na superfície de tecido. Só então começamos a preencher de tinta.

As outras participantes já tinham feito o mesmo curso no ano passado, mas constantemente pediam alguma direção à Josy. “O miolo da flor é de que cor?”. “Qual a cor do pintinho?”. E ela dizia a cor correspondente à dúvida.

Engraçado que em certas ocasiões, quando elas perguntavam qual a cor certa para um desenho geral – uma flor, por exemplo – a professora respondia, num misto de condescendência e firmeza, que ela queria que pintássemos livremente. “A pintura é livre, pintem da cor que vocês quiserem”. Mas o miolo é amarelo. E tem que ter tracinho branco na folhagem. Ponto final. Ela olhava torto para mim quando eu dizia que não queria fazer o tracinho. “Tem certeza? Fica muito morto”. Eu sorria amarelo em resposta, para não deixá-la desgostosa.

As alunas (só um rapaz participou, o Rubens) estavam sentadas ao redor de cinco mesas de plástico, duas de um lado, três de outro. A maioria mora próximo ao mercado, salvo uma ou duas que vieram de depois da Avenida Santos Dumont ou da Barra do Ceará. O transitar para pegar novas cores na mesa vizinha era constante. Assim, era possível ver o progresso das colegas, os tons e combinações escolhidas. As mais experientes misturavam as tintas com facilidade, tecendo degradês suaves. A prática leva à perfeição. Retornei não muito satisfeita com meu trabalho, camadas tristemente chapadas, sem nenhum volume. Tentei colocar uma sombra na flor que pinte de rosa claro, mas pareceu que minha pincelada estava um tanto grosseira para detalhes. A professora alertou que os

retoques de finalização dos desenhos seriam feitos ao longo do curso, não deveria me angustiar.

Às vezes, quando dava conta de mim, estava mordendo os lábios. Como se de alguma forma aquilo fosse me ajudar no traçado da pintura, para não estourar os limites que a borda do desenho nos impunha, e pintar do jeito correto, de acordo com o que nos foi estabelecido pelo modelo. À noite, entretanto, sonhava que era Monet. Minha técnica onírica preferida era o pontilhismo, cheguei a pintar milhares de pores-do-sol iguais ao de Saint-Georges Majeur au Crépuscule. Bastava fechar os olhos e as cores se misturavam, como se eu sempre tivesse tido o dom para aquilo.

Uma senhora de óculos, cabelos presos, semblante rígido, me chamava atenção diversas vezes. Ilderline tem a voz altiva, que se sobrepunha às demais pelo volume e inflamação. O timbre marcava as constantes repreensões durante os dias de pintura em tecido. “Não deixem a tinta aberta!”. “Quem foi a irresponsável que não lavou os pincéis ontem? Hoje ele tá tão duro que as cerdas tão brigando umas com as outras!”. Todo mundo calado, ninguém esboçava reações que os pudessem acusar. Penso se teria sido eu, mas não me manifesto. No fim da aula, porém, ela amenizou, esboçando um sorriso. “Gostei das cores do seu passarinho, ficou lindinho. E o dela, azul com a azul? Olha como ficou bonito, esse”.

A professora nos pediu para sermos ágeis na nossa primeira pintura oficial em um pano de prato. Os desenhos disponíveis eram dois muito parecidos entre si, sequências de três legumes. Escolhi o primeiro, um chuchu, um tomate e uma berinjela. Perguntei à Josy se podia escrever um nome embaixo do desenho. Ela concordou, meio a contragosto. Escrevi ALDA no papel nas letras garrafais que aprendi na escola, tão usada em meus cartazes feitos com cartolinas de todas as cores. Em outro papel, MIRIAM. Decidi que esse primeiro trabalho finalizado nos Pinhões não vai pertencer somente a mim, mas, também, às pessoas que me marcaram na outra metade do mercado, em outra metade da cidade. Uma maneira de ligar os gestos das mulheres de cá com as de lá. “Quem é Alda?”. “E Miriam?”.

Quando os dias de tintas e panos chegaram ao fim, identifiquei-me como estudante de jornalismo, conversei sobre o projeto e lancei uma proposta de oficina para a semana seguinte. Seria um curso misto de quatro dias. Nos dois primeiros, de cadernos artesanais, achei que despertaria mais interesse; nos dois últimos dias, seriam feitos cartões postais. Isso traria o olhar das alunas para o próprio espaço do mercado, já que as fotos dos postais seriam tiradas por elas mesmas nos arredores do local.

Fiquei surpresa de ver a Josy aparecer no segundo dia da oficina, de cadernos artesanais. Ela não havia participado do primeiro dia, mas conseguiu recuperar o atraso e terminar o caderninho a tempo. Foi bom ver os caderninhos prontos, todas elas satisfeitas com o fim da oficina.

Na oficina de postais havia menos gente, o que não me surpreendeu. Conteí seis pessoas, cinco a menos em relação ao dia anterior. Conversamos um pouco, dividimos impressões sobre a estrutura de ferro que nos cercava.

A dona Carmem ficava imaginando como carregaram aquelas peças tão grandes – aí eu olhava pro teto – do porto do Mucuripe até o local onde o mercado ia ser montado. Eram transportadas por cavalos? Dona Brígida disse que aquela área do mercado era um monte de vacarias. A Evilene contou que antigamente era areia de praia mesmo. A Fátima, sotaque discreto puxando o “t”, reclamava da falta de estrutura durante os eventos: a comida acabava rápido, os banheiros eram impossíveis porque balançavam demais.

Após o lanche das três horas, nos dividimos em três grupos para fotografar a área. O gesto parecia ser uma descoberta, sobretudo nas câmeras maiores, semi-profissionais. Puro espanto. “É assim que segura? Ahh, entendi!”, e miravam as poças, reflexos, bares, placas, bancos. Os vitrais eram os mais enquadrados, ficava tão bonito aquela forma destacando-se na escuridão do contra-luz. Josy me falou que estava acostumada a bater fotos só mesmo no celular, “assim é muito melhor”. Ela é a última entregar a câmera.

Minha preferida é a dona Brígida. Ela faz o tipo come-quieto. Em seis dias da oficina de pintura em tecido – certo que todas estavam concentradas –, acho que ouvi a voz dela uma ou duas vezes. Pra pedir tinta. Achava que ela não falava mais. Não deu nem cinco minutos fotografando, no primeiro dia da oficina de postais, ela virou outra pessoa. De repente, eu tinha do lado uma fotógrafa de, o quê, 70, 80 anos? “A senhora aproxima nessa rodinha, nesse anel que gira. Tá vendo? A senhora olha por esse buraco aqui, não dá pra ver na tela. E aperta nesse botão prateado pra bater a foto. Isso”.

Saíram as duas, muito faceiras, ela e a Marcinha que, não esqueço nunca, disse que fazia as oficinas porque, desde que entrou na menopausa, “sentia umas coisas ruins” e que os cursos “faziam bem pro espírito”. Fotografaram a pracinha, a Márcia pendurada no batente do mercado, a cozinha da moradora de rua ali dos Pinhões (dizem que matou os dois maridos, lenda urbana), até a dona Teté. Fomos lá, batemos palma no portão, elas chamando pela dona Francisca. “Ô sol”, veio se aproximando devagarinho. Eram umas quatro da tarde.

No dia da montagem dos postais, novas alunas apareceram. Marlene é esguia, cabelos muito curtos, deve ter por volta de 40 anos. Lembra-me minhas tias por parte de pai, os olhos grandes e expressivos, exceto pelo sotaque paulista com erres puxados. Ela falou que amava fotografia e mostrou-me um álbum com fotos de seus conhecidos. Faz ainda lanches como bolinhos de chuva, rabanada e trufas com chocolate Garoto. Concorrência pesada para as tapiocas da Evilene. A outra aluna é dona Angélica, uma senhorinha robusta de óculos de grau com armação rósea. É amiga de Fátima, ficou sabendo da oficina por ela. “Queria ter vindo pra de cadernos artesanais também”.

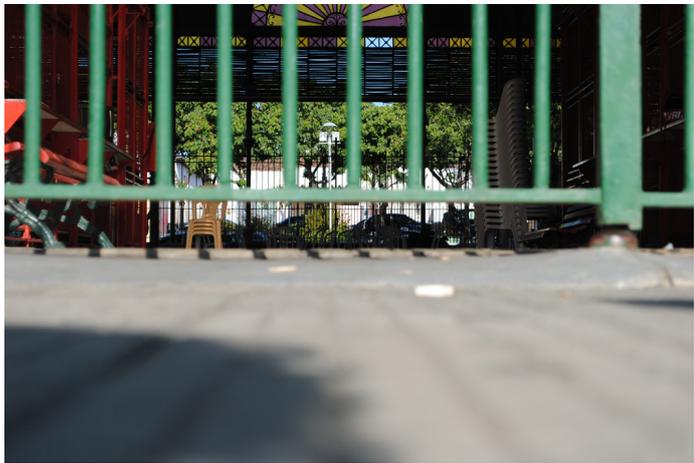
Elas pareceram meio perdidas na hora de montar os postais. Eu também estava. A Lara, colega que convidei para ministrar a experiência, nunca tinha feito colagem antes. Fomos explicando, meio atropeladas, o que queríamos que elas fizessem. Deve ter soado estranho, porque geralmente elas têm um direcionamento mais seguro do que fazer: qual cor usar, que desenho fazer, por onde passar a linha, como colar, cortar, montar.

Com um modelo feito às pressas, a Lara foi explicando que era preciso muito cuidado no corte das fotos, mas que “nada se estragava”. Fizemos até marcadores de página pra aproveitar os restos dos papéis cartonados verde, vermelho e preto – as cores do Mercado. As fotos impressas ficaram incríveis, realmente existe algo de saudoso em ver aquelas imagens no papel. São palpáveis, parecem eternas.

Deu pra entender quando elas tiveram pena na hora de cortar as fotos. Pelo menos uma de recordação elas guardaram, uma foto de si mesmas. Todo o cuidado inicial de tentar cortá-las foi sendo aos poucos substituído pela vontade de criar, de montar aqueles quebra-cabeças.

Foi difícil me despedir delas. Brígida, Sandra, Marcinha, Carmem, Evilene. Senti um aperto no coração. Depois de três semanas de convívio, você se acostuma, mesmo não as conhecendo bem. Dei um abraço em cada uma, esperando que realmente elas me chamem de novo pra dar alguma oficina, que entrem em contato de alguma forma – dei meus telefones pra dona Brígida.

Quem sabe alguém reaparece na oficina da Aerolândia?



Uma televisão ecoa dentro do mercado. Um vigia fardado está sentado em uma cadeira, mexendo no celular. Vez por outra, volta a atenção ao Vale a Pena Ver de Novo, quadro que dessa vez está reprisando a novela Da Cor do Pecado.

Erguido em toda sua imponência, com seus vitrais coloridos, o mercado está vazio. A poeira assenta silenciosa nos dezesseis boxes vermelhos. Os sons vêm somente do lado de fora: carros passam apressados nas ruas laterais, um martelo bate os pregos nas tábuas de madeira da construção de um prédio ali perto.

O mercado atravessa a tarde sem grandes perturbações. Enquanto o sol vai mudando de posição, as sombras vão tomando conta do lugar, sempre alvo de uma ventania alvoroçada. Alguém chega a espiar curioso por entre as grades dos portões trancados a cadeado. Apesar de ser uma construção aberta a todos os olhos, vista por todos os ângulos, ela é inacessível. Não é permitido entrar.

Quando centro comercial do bairro, o local era habituado às manhãs movimentadas, vozes em atropelo, pernas apressadas. Agora, as primeiras horas do dia passam por ali praticamente invisíveis, no branco das horas arrastadas.

Afora as noites de sexta e domingo, quando acontecem o chorinho e o forró, somente nas manhãs de terça é programado outro evento nos Pinhões: a feira de produtos orgânicos da Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO). Apenas metade do mercado é ocupado por caixotes de tangerina, espinafre, pimentão e outros gêneros frescos. Bem cedo a feira se inicia, se estendendo até pouco depois de 13h, quando o lugar, senão ocupado por uma oficina, fecha as portas.

Num movimento inverso ao seu passado, o mercado desperta, de fato, somente à noite: é quando se infla, criando vida. Pela manhã, já cansado, anula-se em um casulo de sono denso.

Em uma dessas tardes, resolvi sentar a uma das mesas do bar do Cazuzu. Enquanto o sol desbotava no céu todos os tons até sobrar apenas um azul acinzentado, observei o entardecer do mercado. Vi cada detalhe da estrutura bem talhada. Se por um lado, em comparação ao mercado da Aerolândia, o local está em excelente estado, por outro, algumas esfoladuras – vitrais quebrados, calhas tortas, luz queimada – desmentem sua manutenção. Durante uma das oficinas, enquanto estava concentrada na atividade, ouvi um baque surdo e estilhaçado: um vitral acabara de cair.

O prédio chama atenção de quem passa, surpreendendo até os que o veem cotidianamente, mas não fala de si mesmo.

A memória, quando retida a documentos no interior de caixas (estas presas a outras caixas), não chega ao discurso da população que habita a cidade. Limita-se aos que viveram a experiência ou ouviram narrativas sobre ela. Boatos, conjecturas, ideias – quase nunca ditas para um grande número de pessoas. Compartilhar memórias é convidar todos a participarem do espaço, tornando-o mais que físico: também simbólico. As vigas, adornos, pisos, podem criar uma estrutura bela que, no entanto, não passará de um santuário majestoso se não for preenchida por recordações vivas dos que passam e permanecem.

Luzia Alves Torres



Mudei várias vezes o gravador de lugar. Eram perto de cinco horas da tarde de uma sexta-feira. A Luzia se mexia sem parar: ia de um lado a outro arrumando mesas, cadeiras, preparando sanduíches, limpando e organizando tudo para a noite do chorinho. Ao contrário das outras entrevistas, fiquei em pé, tentando acompanhar o ritmo dela. O mercado estava vazio. Ela era a primeira locatária a chegar, mesmo tendo menos mesas para servir.

A pele da Luzia é lisa, morena. O cabelo, de franjinha, estava preso num rabo de cavalo, provavelmente pela praticidade. Ela usa óculos. Raramente titubeia. As palavras saem incisivas, rápidas, sem chorumelas. Honestas.

Nunca tinha vindo aqui. Conheci através do jornal, eu vi um anúncio no jornal... Foi um bichim bem pequeninim, bem pouquim. “Menino, sabe de uma coisa, vou entrar nessa? Vou olhar”. Eu imaginava que aqui era muito movimento, todos os boxes funcionando, era aquela festa toda, ah, o mercado é muito bom. Cheguei aqui, que eu vi, imaginei que na licitação fosse os boxes todos ser preenchidos, né? Só que não foram preenchidos. Só eu! “Valha-me Deus! Cadê o povo? Cadê o povo daqui? Tem ninguém querendo um negócio desse, só eu?”. Mas tô satisfeita. Tô achando ruim, não.

Meu nome é Luzia Alves Torres e eu sou comerciante, né. Tenho 50. Parece não, né? Todo mundo diz isso, quando eu falo minha idade ninguém acredita. Eu gosto da comida, de fazer comida. Me identifico com isso. Se eu tivesse condições, eu fazia era uma faculdade de Gastronomia. Mas gosto. Veio a licitação, vim conhecer o local, gostei, me identifiquei, porque eu sou artesã também.

Começou em setembro, dia 21 de setembro. Aí eu recebi em fevereiro o box. Tudo que eles me pediram eu levei. Certidão negativa, até aquele negócio da Polícia, essas coisas tudo eu levei. Eu ia lá de vez em quando, duas vezes por semana, no mínimo, eu ia lá. Tinha semana que eu ia três vezes por semana. Burocracia mesmo, geral, sabe? Não é nem ruindade do povo não. É porque tudo que vai pela Prefeitura tem a burocracia, tem que não um sei o quê, tem que passar por fulano, tem que passar por sicrano, entendeu? Então tudo tem as vias.

Antes de trabalhar no Mercado dos Pinhões, Luzia era dona de uma escola de informática, que montou com o ex-marido. Após quase 20 anos de trabalho, abatida pelo cansaço, vendeu o estabelecimento repentinamente. “Tava tudo pago, tinha tudo pago, conta, luz, telefone”.

Quem a vê correndo daquele jeito não imagina que ela passou por uma depressão tão profunda. Ela parece ser uma pessoa extremamente pragmática, daquelas que, se veem um problema, tentam logo resolver. Sem firula nenhuma.

Lidar com tudo, em geral, com as pessoas, é muito bom. Eu gosto. Então, eu já tinha esse... eu tenho essa coisa pra comércio. Essa queda pra comércio, pra lidar com circunstância do dia a dia, eu não me aperreio muito, não. Nem com bêbo, nem com bom, nem com ignorante. Sei tirar de letra. Tanto que chega um bebozim aqui, eu tiro de letra, chega um muito ignorante aqui, eu tiro de letra. Vou tirando de letra, sabe?

Algumas vezes ela saía do box – o que me deixava meio atrapalhada – para tentar resolver alguma coisa. Seu Raimundo, um senhor que anda ali por perto, estava ajudando a arrumar

as mesas e a limpar uma espécie de filtro industrial para água de coco, daqueles que parecem um coco gigante, só que invertido. Na parte de baixo, é acoplado um mecanismo para a saída de água, exatamente como um bebedouro refrigerado.

A saúde tava debilitada. Tava muito depressiva. Doente. Adoeci. Fiquei muito mal mesmo, não por ter vendido, que eu já tava cansada, o corpo, a mente, tava tudo muito cansado. Acho que passei bem uma semana dormindo direto. Ô vida boa. Tinha coragem nem de tomar banho. Tava tão satisfeita dentro da rede (risos). Mas eu sabia que tinha que voltar a trabalhar. Tinha que voltar porque eu tinha que manter a estrutura da gente. O senhor passou água, seu Raimundo? Ô, meu senhor, o senhor é nove vírgula cinco, porque dez é Deus, viu. Dez é Deus. O senhor é nove vírgula cinco.

Quando eu vim pra cá eu vim pra vender comida também. Vatapá, essas coisas, ia fazer camarão, eu queria fazer espetim de camarão, coisas diferentes, tá entendendo? Eu trabalho com comida. Disseram que eu não podia vender comida. Tinha que vender lanche porque aqui era um café. Aí como eu queria o ponto demais, cadê o outro panim que eu tirei? Eu queria o ponto demais, então eu não discuti, só que meu contrato diz que eu posso vender comida. Eu nem faço mais questão de vender comida. Eu já tô satisfeita, tô fazendo o ponto com café. Aí o povo já procura bolo, já procura uma coisa, procura outra, faço mais questão... Deixa elas duas mesmo.

Além da Luzia, duas outras vendedoras ocupam pontos no Mercado: Luzia (uma xará da entrevistada) e Fátima. Ambas vendem pratinhos típicos, os famosos pratos feitos (PFs). Vatapá, paçoca, baião, linguiça, arroz e salada de maionese com feijão fazem parte dos dois cardápios. A outra Luzia também é uma senhora morena, mas alta, de cabelos crespos castanhos presos com uma faixa. Ela tem os olhos inchados de alguém que acabou de acordar. O vatapá da Fátima é maravilhoso, pastoso e macio, sem ser apimentado demais.

Eu só vendo o que é bom. Eu tenho isso comigo, acho que é por isso que não ganho dinheiro. Ó, caipirinha. Só quero vender caipirinha de vodca boa. Eu não vendo vodca ruim. Só quero vender o que é bom, o pessoal reclama aqui, diz que eu quero... Mulher, querem que eu venda a caipirinha por seis reais. O pessoal não volta mais pra beber. Vai ter uma dor de cabeça tão desgraçada no outro dia, que vai se lembrar que bebeu aqui. Vou vender bolo de padaria? Tu acha que um bolo desse se compara com bolo de padaria (risos)? Eu só gosto do que é bom. A pessoa compra um pedaço de bolo hoje, volta pra comprar. Mas se compra um bolo ruim, não volta mais. Se ele comer um bolo bom, ele vai dizer lá naquela mesa, lá na ponta, "ali tem bolo bom". Mas se ele comer bolo ruim aqui, ele vai dizer lá na mesa que comeu um bolo ruim aqui. É mais fácil você arranjar dez cliente pra lhe esculhambar do que você arranjar um pra lhe elogiar. É desse jeito.

Havia três bolos na bancada, protegidos por embalagens de plástico transparentes. Uma torta com calda de chocolate recheada, um bolo-pudim (metade de cima pudim, metade de baixo bolo) de "Leite Moça mesmo" e o último, um bolo fofo enorme, de queijo com manteiga. Fiquei tão extasiada com o tamanho e a cor douradinha, que resolvi comprar depois da entrevista. Uma delícia.

Não tem água dentro do box, aí suja ó. Trago tudo cortado, lavado, no ponto de usar. Frito. Vou só montar. Já trago queijo, presunto, presunto tem que escaldar, eu escaldo. Esse presunto já foi cozido hoje. Trago tudo pré-pronto pra poder fazer. As coisa pouca eu lavo ali às vezes. Numa maior necessidade, eu lavo ali fora. Até o gelo eu guardo, o gelo que sobra. A Prefeitura não dá nada não, a gente paga aluguel, paga a luz, paga tudo. Quatro, cinco mesinhas são da Prefeitura, que eles usam. Mas essas mesas que a gente trabalha são nossas mesmo. Essa mulher daí trabalha com as mesas alugadas, ela aluga toda semana. Mas as minhas são minhas mesmo, eu comprei dez mesas.

Diferente das muitas mesas das outras vendedoras, as mesas do Café Cultural – esse é o nome do box da Luzia – são verde-oliva, combinando com o ambiente. Cerca de seis mesas ocupam o pequeno corredor que leva da entrada oeste para o centro do mercado, espremidas entre os boxes vazios. As toalhas também dão um toque especial: são quadriculadas, verde com branco, em dia de chorinho; e de chita colorida nos forrós pé-de-serra. Os clientes das outras bancas sentam em mesas sem graça, vermelhas de um lado, azuis do outro. É muito claro o esforço de Luzia em se esmerar nesses pequenos detalhes.

Minhas cunhada, eu não pago ninguém pra me ajudar, não, só dou a merenda delas. Ajeito tudim. Tudo é cunhada. Eu já começo a chamar, “bora, bora ajudar, que o negócio é bom”. No final toma uma cervejinha, por minha conta, claro. Eu não vou cobrar pras mulher. Vem pra me ajudar e eu ainda vou cobrar? Eu agrado muito elas também.

Acho o nível até bom das pessoas que vêm. A gente conhece pelo modo que se trajam, que se comportam, é um povo com mais educação. Não tem confusão, não tem briga, aí você já vê que o nível é melhor das pessoas. Porque num canto que tem briga, você vê que o nível tá bagunçado. Mas no caso aqui não tem. Briga, discussão. Isso é o lazer do povo, isso não deixa de ser um lazer inda mais pras pessoas mais pobres. O povo mais humilde, né? Tem tanta gente, daqui a pouco começa a chegar, mas você vai ver o público.

No dia do forró vem mais jovem. Não é só o povo já de idade, não. Mas vem todo mundo. Nesse dia mistura mais um pouco. Tanto é que, nesse dia, a gente não pode vender garrafa, porque já vem mais jovem. A gente é proibido vender garrafa, só usa mais é copo descartável, tudo descartável. Tem mais gente pra beber, um público maior de gente.

No evento de hoje, por exemplo, vai dar muita gente porque a banda é boa, é Jovem Guarda, então o público de 50 anos, 60 anos já se identifica com as músicas, já vem porque quer lembrar seus amores, suas paixões, né, seu Raimundo? Vem tentar se agarrar com o povo, vem matar a saudade (risos)! Paquera, namora, marmenino! Já deu até casamento (risos). É! Se tivesse evento todo dia eu vinha. O projeto não é esse? Eu queria vir todo dia de tarde, vinha pro café. Fazer chá... Tem que ter público, né? Tem que ter divulgação.

Luzia de vez em quando é paquerada por alguns clientes mais saidinhos. Ela, separada depois de um longo casamento de 30 anos, dispensa logo. “Eu com essa idade, minhas filhas tudo criada, despreocupada da vida, eu vou atrás de sarna pra me coçar? Tu é doida, é?”

O povo só vem pra beber e dançar. Os idosos é que bebe mermo. Todos bebem. Bebe cerveja, bebe uísque, eles bebem! Bebe e dança, minha filha! Às vezes dança mais do que um jovem. Os idososim daqui dança mais do que jovem, né não, seu Raimundo? É doida, mulher! Troca a camisa e volta, porque tá suada! Sério.

Eu me dou bem com todo mundo. Já tenho clientes. Vendo a comida das outras vendedora, a comida delas tudim eu vendo. Vou lá e pego a comida, minha comanda tem a mesma escrita que elas têm. É lógico, vou bem deixar de vender? Meu cliente vai querer comer, eu vou dizer que não tem? Vou lá e compro. O cliente quer churrasco, eu vou buscar lá do outro lado da rua. Compro, mas vendo do mesmo preço. Tem os 10%, tá entendendo? Já serve. Ruim é diabo de nada, aprenda isso, viu? Se eu vendo qualquer coisa, já é bom. De grão em grão a galinha enche o papo.

Normalmente, o público entra no mercado por dois portões laterais, no eixo norte-sul. A entrada que dá para a praça sempre fica fechada, pois é onde fica montado o palco. O portão que dá pra Nogueira Accioli é esquecido, pouca gente passa por ali. E se passa, é direto para o centro do mercado.

Não existe esse negócio de dizer “Ah, não vendi nada”, todo mundo vende alguma, se disser esse negócio que não vendeu nada tá mentindo. Dá pra todo mundo. É só porque as pessoas já são tão acostumadas a ver só esses dois boxes há muitos anos, que era só um né, só o da Luzia... É porque as pessoas entram pelas laterais, não entram por aqui. Então é isso que dificulta também. O povo entra mais por lá.

Eu tô tentando fazer o que eu posso. Já botei essas prateleiras, no meu caso eu tô tentando criar espaço, porque não tem muito espaço aqui. Não pode furar, mandei fazer esses ferro, pra encaixar. No meu ponto de vista, eu tô tentando. Eu acho que cada um que tem seu box, tem que limpar, um box desses é chei de poeira. Pode entrar que cê vê. A pessoa chega pra trabalhar com comida, mulher, num negócio desses, imundo desse jeito. Eu já vim aqui, sabia? Já vim ajeitar, de manhã.

Três banners enfeitam o box. O de cima traz o nome “Café Cultural” escrito em letras brancas sobre o fundo vermelho. Na parte de baixo, fotos de (acompanhadas dos próprios nomes) tapiocas, bolos e pães de queijo chamam a atenção dos passantes. Por ser um patrimônio tombado, nada da estrutura do mercado pode ser modificado. Penso que os boxes são ainda mais especiais por sua raridade. No Mercado da Aerolândia não existe mais o mínimo vestígio deles. Para contornar a situação, Luzia fixou os banners com tiras de plástico entre as grades. As prateleiras, nas quais se enfileiram bebidas, também seguiram um sistema semelhante, mas com peças de ferro. Curiosamente, a geladeira foi toda pintada de vermelho para combinar com o box.

É tudo de isopor descartável, eu já botei copo pra uísque, copo pra cerveja, que não pode... Porque você tomar um uísque num copo de plástico, o caba pagar

seis reais pra tomar uma dose de Red ou de Black, e tomar num copo de plástico mole, mulher, isso é cruel. Vamo ter paciência, né?

Pode não, usar copo de vidro, mas um dia desses chegou um bacana... Não podia, eu pego as pessoas pela palavra. Chegou um bacana e pediu uma dose de uísque, eu levei num copo de plástico. Quando eu levei ele pediu copo de vidro, eu disse "Olha, é proibido aqui no mercado", mas tinha um administrador aqui, que disse "Não, pode usar copo de vidro, só não pode é lavar aqui" aí eu disse "Ô, benção!", peguei pela palavra, entendeu? Porque outro dia eu cheguei, a mesma pessoa que disse que eu podia disse pra mim que era proibido. E a mesma pessoa disse pra mim que podia. Eu peguei pela palavra. No outro dia eu comprei copo de vidro, e ninguém me chamou a atenção. Então, se pode, pode.

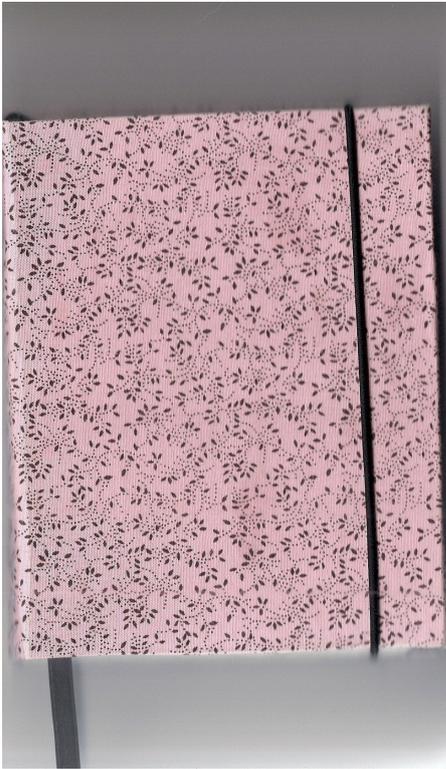
O pessoal aqui reclama muito da administração. Não do povo que não tá aqui, mas do povo que tá aqui dentro. Os que tão lá fora ninguém tem nada contra eles não. Mas os que tão aqui dentro mesmo querem ser mais do que todo mundo. Passar por cima do povo. Se passasse o dia trabalhando, olhando, zelando, procurando clientela, fazendo o marketing do mercado, você tem telefone pra isso! Avisando às associações, às coisas. Muita coisa pode ser feita se tiver boa vontade. Aqui era pra parar ônibus, ter esses box tudo funcionando, né não, seu Raimundo? Os ônibus de turista parando, chei de gente descendo de todo jeito, francês, alemão, italiano! (risos) É, mulher! Ter a castanha, essas compras que o pessoal compra no Mercado Central era pra ter aqui do mesmo jeito!

Em cima da geladeira, uma televisão 14 polegadas está ligada. No fundo do box, uma estante de caixinhas de vidro contém centenas de bombons, chicletes, pirulitos. Um pequeno móvel de gavetas branco e balcão acinzentado, imitando pedra, é usado para abrigar o microondas. Uma chapa onde Luzia faz suas tapiocas fica ao lado.

Eu me identifico com essas coisas assim. Eu quero botar é outro box de rede. De vender castanha, essas coisas bem regionais. Porque meu pai vendia rede. Ele morreu tá com três meses e tem muita rede parada. A gente quer continuar esse comércio e rede é coisa que todo mundo gosta. Eu tô pensando seriamente, é porque a gente se mete com tanta coisa, que eu vou botar. Porque é muito fácil reclamar sentado numa cadeira, esperando as horas passar, viu, minha filha? É muito fácil a pessoa reclamar sentada numa cadeira, esperando as horas passar. O povo gosta é de peito pra mamar. Se tiver um peito a negada mama e ainda pede umas bolachinhas.

Só espero que ninguém me tire daqui. A briga vai ser é grande, eu vou brigar (risos). É o meu meio de vida no momento. Não posso investir um bocado de coisa dessas pra a pessoa com um ano dizer que eu tenho que sair. Não tem cabimento um negócio desses. Concorde comigo ou não? Eu investi mais de cinco mil na época. Por incrível que pareça, aqui tem mais de cinco mil reais. De equipamento, de tudo.

Eu tava muito doente, melhorei muito depois que eu vim pra cá, que eu tava numa depressão terrível. Isso aqui pra mim é vida. Ver as pessoas jovens brincando, se divertindo, tudo isso é muito bom pras pessoas. Ver a alegria das pessoas. É muito bom você ver a animação. Gosta não?



Entrei na Hermínio Barroso. Talvez eu tenha confundido com a Sargento Hermínio, uma rua conhecida da cidade, percebo isso agora. Não chegava a ser um beco, mas uma rua bem estreita. Confesso que tive medo. Nunca tinha adentrado a Aerolândia (ou Lagamar? Ou Alto da Balança?) daquela forma, sem certeza. Mas de acordo com as instruções da moça que falou comigo pelo telefone, era aquele o caminho.

Alguns homens sentados na calçada da esquina conversavam. O resto da rua era vazio, no fim dela dá para ver o canal do rio Cocó. Suspirei aliviadas quando vi no muro “Fundação Marcos de Bruin”. Estacionei em cima do meio fio, enquanto uma senhora se aproximava do portão.

A Fundação foi criada em 1992, em homenagem ao alemão Marcos de Bruin, que realizou serviços humanitários na região. Com apoio da ONG Amigos e Amigas da Alemanha, o lugar também foi erguido e mantido, em boa parte, com o esforço da comunidade que vive nos arredores. As pinturas em tintas coloridas nas paredes internas refletem a maneira como as mudanças acontecem ali: a várias mãos.

Apenas três pessoas se dispuseram a participar da oficina de cadernos artesanais. Isabel, a única que chegou pontualmente às 14h, Jean e Valnice, funcionária do local. Ninguém parecia muito animado, mas foram assim mesmo. Pouco tempo depois, chegaram mais dois, Patrício e Marcelo, que devem ter uns treze, quatorze anos de idade. Devem ter odiado a encadernação.

Perguntei um pouco sobre cada um. Se morava por ali, o que fazia na fundação, o que achava do bairro. Depois ficamos em silêncio, nos dedicando a costurar os papéis. Dava para ouvir os risos de crianças brincando lá fora. O ambiente é tranquilo e sem grandes perturbações.

Jean era um dos mais participativos, sempre com um comentário oportuno sobre algum assunto. Está na fundação desde criança, cresceu percorrendo os poucos metros entre sua casa e a ONG. Começou no coral e foi enveredando, aos poucos, para outros cursos como teatro e artes. Às vezes canta baixinho, a voz afinada cuja extensão o enquadra ora em tenor, ora em barítono. Disse que se apresentou em Viçosa do Ceará, no Festival de Música na Ibiapaba que acontece todos os anos. “Eu também já participei”, comento. Conversamos animadamente, percebendo semelhanças e compartilhando impressões. Ele tem 18 anos e, embora tenha convivido com os sons desde muito novo, vai fazer Enem e tentar arquitetura ou design de moda.

Após o término da oficina ele tirou uma série de fotos de cada uma de nós, dos cadernos, do grupo junto. “Coloco no Facebook”. Prometeu que seria nosso guia em um tour pelo local, o que acabou não acontecendo pela falta de tempo. Talvez depois. Duas semanas após do fim da oficina, Jean me liga perguntando qual o tipo de papel que usamos para a capa do caderno. Já tem encomendados dez iguais ao seu, vai vender por R\$ 15 a unidade. Fico feliz enquanto explico onde encontrar o papel paraná, essencial para seu novo empreendimento.

No segundo dia, destinado à confecção das capas, uma nova aluna chegou, prima da Isabel. Animada, ela conseguiu alcançar os outros em tempo hábil, assim como a Josy, no Mercado dos Pinhões.

Uma das melhores coisas da oficina era o momento do café, tanta gente reunida na cozinha, rindo e conversando. Café bom é assim, docinho e regado

a histórias intermináveis, porque no aconchego da mesa redonda o tempo não importa tanto. Conversei com administradores, professores e alunos da fundação, enquanto pegava mais uma bolacha Cream Cracker. Estavam satisfeitos, pois o último curso de artesanato tinha sido há anos atrás.

Segundo Jean, quando as pessoas se referem ao Lagamar já é com preconceito. Até “dobrou a língua” de uma repórter que tentava tirar dele uma fala – provavelmente falando mal do bairro. Não sei o que esperava encontrar. A má fama do lugar me assusta. As pessoas com que falei no próprio mercado dizem que aquela área é tranquila, mas “pros lados de lá” (uma referência ao Lagamar?) era um perigo sem tamanho.

Encontro-me nessa situação ao mesmo tempo em que leio Cidade Partida, um livro-reportagem do Zuenir Ventura. Ele passou dez meses visitando uma favela no Rio de Janeiro, considerada uma das mais perigosas do Brasil. Fortaleza, atestam pesquisas e matérias de jornais, vem aos poucos cunhando seu status de cidade violenta. Pessoas com medo de sair na própria rua, do curto trajeto para chegar ao ônibus ou carro. Mas sempre dizem: “e que lugar não é perigoso?”

Um amigo meu foi assaltado perto de casa, quando ia pegar a irmã mais nova em um cursinho. Levaram o carro e tudo o que tinha dentro – iphones, ipads, celulares e afins. Na correspondência, Aldeota. O bairro das elites, dos muros altos, do “sorria, você está sendo filmado”, do “não buzine, abaixe os vidros, mostre sua identificação” não seria supostamente o mais seguro? Passei poucas horas com os alunos da fundação, mas seriam pessoas com quem eu poderia gostar de conviver. É só a geografia que nos separa?



O Mercado da Aerolândia estava vazio. Um dos únicos indícios de que alguém estava por perto era um celular ligado a uma tomada, perto dos painéis de eletricidade da entrada. Um gato brincava com um rato morto. De um lado para o outro, ele jogava a comida. Às vezes carregava o rato na boca, cuspiam fora, voltava a fazer malabarismos.

Montinhos de cinzas pelos cantos me avisam que alguém usa o local para fumar crack (em que hora do dia?). Restos de roupas e fezes exalavam um cheiro insuportável. Parecia um museu aberto à visitação, mas nenhum dos artefatos era poupado pelo tempo. Dentro de um dos boxes centrais, um colchão sujo estirado no piso.

Pequenas coisas mostravam como as pessoas habita(ram) o mercado. Um adesivo de “Juraci 15, o Prefeito da gente” colado a uma antiga vitrine. Filhotes miúdos se espremiam em cantinhos obscuros, miando pela mãe. Certo dia, vi uma senhora limpando-os e colocando remédio em seus olhos. Havia pedaços de comida e potes de água para os animais, algo parecido com baião-de-dois. Passando pelo lugar onde os restos de alimento estavam, dona Alda disse: “o pessoal aqui num gosta de limpeza não”.

Na esquina entre dois corredores, um armário quebrado, semiaberto, não guardava nada dentro de si. Mirian me contou que estava lá há alguns meses. “Era pra dar aos pobres, mas nem eles quiseram”, relata. Na parede de seu box há escrito, em letras azuis “Almoço, 6 reais”. No momento em que olho, um inseto colorido caminha por sobre o nome. Um quadro de Santa Luzia – os olhos em um prato de ouro – enfeitava o interior do box.

Uma merendeira de criança jogada no chão, em meio a restos de lixo (tive uma igual quando era pequena). Três medidores Schumberger, da Companhia Energética do Ceará (Coelce), corroídos pela ferrugem, as tampas despencando. A fiação do local já foi condenada, afirmou Mirian.

Uma torneira pingando, pingando, pingando...

“Sou o Cobrinha. Me dá uma dose Pedro”.

No desenho, um índio de saiotos de palha está de cigarro na boca e uma garrafa na mão. Azul, verde, vermelho e amarelo em giz de cera são as cores que coloreiam as paredes gretadas do mercado. Outra ilustração, essa mais elaborada, mostra um mergulhador de snorkel e pés de pato ao lado de um cavalo marinho e de uma âncora.

Outros desenhos se sobrepõem a esses. Um coala (ou uma preguiça) sorridente foi esboçado com restos de carvão na parede. Um navio de velas insufladas pelo vento imaginário acompanha um golfinho.

Próxima às imagens pintadas pelo Delvano, o Capitão Gancho, na parede do mercado, uma calcinha do tipo tanga vermelha com renda está pendurada por um prego. As inscrições anunciam:

A calcinha da Jordania

A gostosa do mercado.

Um enorme pedaço de espelho quebrado foi também pendurado logo acima de um sofá azul rasgado, sujo e velho, onde os frequentadores mais assíduos do mercado, atualmente, costumam passar o tempo, entre um gole e outro de Sapupara. Quem será a Jordânia? Será que é namorada de um deles?

Adiante, do lado da entrada para a BR-116, um box está cheio de cavaletes de madeira dobrados e apodrecidos pela umidade. Outra pintura, essa mais detalhada, mostra um mar azul e um pescador. Em frente ao portão, uma placa alerta:

Proibido entrada de bicicleta

À noite, as entradas do mercado lembram uma gigantesca boca aberta, com dentes afiados de metal. Trancafiado, mal se percebe seus contrastes e formas, que nos fazem identificá-lo durante o dia. Buraco negro sem fim.

Alda Ferreira Moura



Alda Ferreira Moura. Já havia tomado nota do nome antes mesmo da primeira visita ao Mercado, quando apenas perscrutava livros, jornais, documentos sobre o tema. Ela era entrevistada de uma matéria de jornal impresso sobre as más condições do local. Seu depoimento resumido em aspas mínimas.

Quando cheguei ao mercado, logo a procurei. Desajeitada, perguntei uma sucessão de coisas pessoais, num bombardeio interrogatório. Ela respondia desconfiada, frases curtas sem expressividade.

Sempre no box 15, me explicou que os boxes vizinhos - 14 e 16 - também são dela, mas já estão em desuso: está saindo dali, gradativamente. O desânimo mora na voz trêmula, intercalada por suspiros longos. "Ai, ai".

Aos poucos fomos nos conhecendo, compreendendo nossos ritmos. Nessa altura, dona Alda já me recebia com um sorriso largo, punha as mãos no queixo e começava a jogar conversa fora. As opiniões mais soltas, o habitual cansaço, os conselhos. Por vezes me demorava ali até demais, ou retornava mais de uma vez por dia.

A senhorinha magra de cabelos brancos cacheados, tiara na cabeça e vestido de algodão lembra minha bisavó, cuja presença não pude desfrutar por muito tempo. Bivó Delmira era também assim, fina, branca e boa como a dona Alda. Isso me fez sentir, cada vez mais, uma ternura por ela.

Quando começou, no dia que iniciou o mercado eu entrei. Ai, Deus.

Vivia costurando em cima de uma máquina, dia e noite. Em cima, não... um dia desse eu conversando não sei com quem, "ah, minha filha, já sofri tanto", eu dizendo, né, "sofri tanto, já criei meus filhos, vivia em cima de uma máquina pra costurar". "E como é que você costurava se ficava em cima de uma máquina?" (risos) Eu digo, "ah, é maneira do matuto dizer". Pra homem e pra mulher. Calça, camisa, vestido, verso e viés. É bom porque eu criei meus filhos tudim com a costura. Foi o tempo que eu vim pra cá, costurava muito, de dia e de noite. Aí meu filho tinha vontade "Mãe, se Deus quiser eu tiro a senhora de cima dessa máquina". E tirou mesmo, o que me ajudou foi isso aí.

Eu tenho sete filhos. Mas aqui comigo mesmo só mora uma filha. Ela já tem 40 anos. Só nós duas. Em cima mora um casal, a gente construiu em cima, mora um casal e dois netos. Nasceu nenhum aqui em Fortaleza, não. Fui trazendo... Foi em Limoeiro do Norte. Eu propriamente nasci em São João do Jaguaribe, morava lá antes de morar em Limoeiro do Norte, casei lá e depois vim embora pra cá.

Meus filhos tudo trabalham. Tem o Lavoisier que é da Patrulha Rodoviária Federal, hoje tá aposentado. Tenho outro filho que é engenheiro, mora lá na Aldeota. Minha família já é toda criada. Tão me criando, agora. Lavosier que a gente chama... Geralmente todo mundo chama, mas propriamente dito o nome é Lavoasier, que é nome francês. A gente chama Lavoasier, mas é la-vo-l-si-er. Que é francês o nome, mas ninguém vai atrás disso. Aí pronto, os outro eu botei tudo no "L". Lavoisier, Lamartine, Luciê. As meninas é Leuva, Liduína, Laurice, tudo no "L". Nem eu sou no "L" nem meu marido (risos). Mas eu botei o primeiro aí continuei.

Dona Alda nos fala que nenhum dos filhos seguiu o ofício de comerciante. Por causa disso, ninguém deu sequência ao seu legado no Mercado da Aerolândia.

Para ela, a máxima “o trabalho dignifica o homem” é dia-a-dia, lema intrincado nas ações rotineiras. Traz à tona reclamações sobre o ex-marido que bebia muito evitando, dessa forma, qualquer tipo de emprego. “Esse pessoal que bebe num trabalha”, entristece-se. Ela mesma diz que só contrata gente que saiba fazer o que deve direitinho. Se a vida lhe exigiu competência, é justo que exija também do outro.

O mais velho, Lavoisier, que ele veio trabalhar na Polícia Rodoviária Federal, e ficava um negócio ruim, vai pra lá, vem pra cá. “Mãe, vamo embora morar lá em Fortaleza. Vamo e tal, não sei o quê”. O Lamartine veio estudar também na escola técnica. Eles estudavam aqui, ficava tão ruim pra eles irem pra lá e vir pra cá. Decidi vir pra cá.

Antigamente não tinha tanto emprego como tem hoje, né. Especialmente vindo do interior assim, que é difícil. Agora, um negócio assim é que eu não queria que ninguém ficasse sem estudar. Queria um emprego, contanto que estudasse, né. Porque a gente já não tinha uma casa pra morar, já não tinha emprego bom, ficar num emprego que... Minha intenção era comprar uma casinha. Foi dureza muita, muita dureza. Deu certo, Deus quis.

O que eu queria, eu quero, eu tenho, o que antes eu achava impossível, humanamente impossível era possuir um canto pra morar. Será que um dia eu não vou ter direito de possuir um canto pra morar, meu Deus? Tenho trabalhado tanto na minha vida. Aí meu filho mais velho dizia, “mãe, a senhora é muito sem esperança nas coisas”. Eu digo, “não, não, eu tenho feito tudo, tudo, tudo, pra conseguir”. “Mas, mãe, também não é assim, não”. Eu digo, “eu sei disso, num sou criança, não”. Taí, é pequenininha, tá só eu e uma filha. Que mais? Pra que casa grande?

A casa de Alda fica numa vila com um portão fechado a cadeado. Todo morador tem chave e, quando se é visita, deve-se bater palmas ou gritar por alguém.

A sala dá direto para a cozinha, enquanto uma escada em caracol leva para os quartos de cima. O calor adentra o cômodo abafado por essência, o que faz com que a anfitriã ligue ventilador para nos refrescar. Ela abana-se, recosta-se na cadeira de balanço tentando encontrar uma posição confortável.

Vai à cozinha e retorna com copos de Guaraná. Numa bacia traz também alguns cachos de uvas verdes, recém-saídos da geladeira. Segundo ela, uva só é boa se for geladinha.

A religiosidade estampa as paredes com dois quadros de Nossa Senhora e um do papa João Paulo II. De um lado da TV, uma bíblia negra com letras douradas, do outro, uma fotografia sua dentro do box 15, ainda lotado com toda sorte de produtos.

Eu arranjei um ponto pra vender coisa ali, os meninos, aí disseram, “vamo fazer um mercado. Vamo ajeitar um mercado, fazer um mercado”. Eu era doida por um ponto, Ave Maria, vivia olhando pra achar um ponto. Mas como? Eu falei com um rapaz que trabalhava lá na Prefeitura, aí ele botou meu nome lá na lista das pessoas que tinha direito, né. Mas era gente e muita. “Você vai arranjar”. Eu disse “eu sei”. Quando terminaram o mercado, Ave Maria! Era uma lista que não tinha tamanho, de gente. Bem pouco ponto, vinte e não sei quantos pontos. Vinte e

dois, parece que é. Ave Maria, quase que enlouqueço. Eu arranjei um box, arranjei assim, arranjaram. Quem tem dinheiro hoje em dia é que arranja as coisas, né. Eu não tinha.

A minha menina ajudava. Meu filho que fazia as compras no fim do mês, fazia as compras na Governador Sampaio, em todo canto, fazia as compra e vinha de lá, que eu mesma não podia... Mas sempre eu ia também fazer minhas compras. O Lavoisier trabalhava na Rodoviária e não podia, a menina também não podia porque estudava, a outra que era doente, problema no coração... Quando a gente quer trabalhar e precisa trabalhar, a gente enfrenta tudo e vai em frente e consegue. Deus ajuda, né. Tem isso também. É difícil.

Naquele tempo não tinha esses supermercados, né? Era nas mercearias que o pessoal comprava tudo, quando ia, ia pra mercearia. Feijão, arroz, açúcar, farinha, tudo, tudo, até cachaça eu vendia (risos)! Naquele tempo num tinha bar, não tinha esses comércio. Supermercado, não tinha nada, aí depois foi proibido. Vender cachaça no mercado. Porque era um mercado público, não podia. Eu digo ainda bem, que eu num gosto de bebida mesmo.

Não tinha nem essa quadra, num tinha, quando eu comecei ali. Era ali, os meninos jogavam naquela poeira, na terra, depois foi que puseram essa quadra. Ali era uma porcaria medonha, era lixo, era tudo ali ao lado do mercado, horrível, horrível, horrível. Depois que fizeram a quadra pelo menos afastou essas coisas, né... Mas é bom trabalhar. Às vezes, chego lá no mercado, “dona Alda, a senhora ainda tá por aqui? Valha, tanto tempo”. Eu digo, “não, faz pouco tempo que eu cheguei, já tô de saída!”. “Não, eu quero dizer assim, o tempo que a senhora trabalha aqui”, “ah, sim...”. “Mas por que que a senhora tá trabalhando aqui ainda?”. Aí eu olho assim, “tô. Tô trabalhando, tô continuando, trabalhando”. Essa semana eu não fui. Fui agora lá pegar umas coisas. Não vale a pena não, depois que tem os supermercado, ninguém vem mais, não.

Em seu box, estão expostos timidamente alguns tipos de plásticos, cereais, miudezas em geral.

Ela conta que a energia do mercado é a único custo que a Prefeitura cobre. Para manter a segurança, as permissionárias pagam diariamente um vigia. “Mas tem bem pouquinha coisa, fica é desanimado. Bom é quando tinha muita coisa”.

Saiu todo mundo, ficou só eu. Ai, ai. Tinha o Gadelha, tinha o Canelinha... Gadelha era um comércio. Tem seu Ednardo, que vendia carne. Tinha, sei lá, tanta gente. Ali era o fundo de um box, box da dona Francisquinha. Ficava em frente com os restaurante. Hoje nem tem restaurante mais. É, aí foram saindo, né, muitos porque saíram mesmo porque desistiram, acabaram. E outros porque foram fazer comércio em outros cantos... Eu não sei o quê eu tô fazendo ali. Não piso quase dentro do mercado.

Só tem nós três de mulher, né possível que três mulher não vá se entender, né. E mesmo quando era com os outros não tinha nada porque não precisava, né, precisava da união. Porque quando faltava uma mercadoria, “Quem é que tem isso?”, “Ali”, pegava do lado e trazia, o outro pegava e entregava, era assim, toda vida a gente foi assim.

Quando foi abrindo os supermercados aí deixaram, porque quem morava pra acolá não vinha mais pra cá, né. Quem morava lá também não vinha mais. Aí foi diminuindo, ao ponto de muitos tipos de mercadoria a gente deixar de vender. Eu fui deixando de vender mercadoria como feijão, arroz, açúcar. Porque eles compravam no supermercado, faziam aquelas feiras, como se diz? Mercantil. E a gente também foi parando, diminuindo. E eu também fui deixando de trazer aquela mercadoria, pra quê? Só pra dizer que tinha e não vender?

Primeiro foi aquele Mini Box que teve ali na BR. Você vai prum supermercado, tem tudo. Carne, peixe, tudo, tudo, tudo finalmente. Aí vai fazer o que em mercado mais hoje em dia? Não vai. Foi diminuindo, acabou. Acabou mermo. O pessoal de açougue, que vendia carne, peixe, tudo no mundo, tem nenhum mais. Nenhum. Tem uns box lá fechado.

Eu, pelo menos, minha freguesia diminuiu muito. E depois o pessoal fumando maconha lá dentro, entra um pessoal vai lá no banheiro, quando volta “Afe Maria, mulher, ai, dona Alda, tô apavorada!” eu digo “Que foi?” “Mulher, um bocado de homem fumando maconha lá na porta do banheiro, Deus me defenda” “Não, mas ele não fazem nada não”. Aí elas acham que é porque eu quero apoiar aquele pessoal ali dentro dizendo que não faz nada. Mas a gente tem que dizer isso porque eles não fazem, mesmo! Mas quem que acredita, né? Você entra num banheiro daqueles tem dois fumando maconha ali, você vai entrar no banheiro assustada não? Vai! Bem pertinho assim? Vai!

Em sua tranquilidade habitual, ela diz que não tem intriga com ninguém, nem no trabalho, nem na vila onde mora. “Todo mundo aqui é meu amigo”, assegura risonha.

Em dia de feira, todas as quintas, trava conversas animadas com velhos fregueses, clientes passageiros, pessoas que pedem pra usar seu box como provador de roupas das bancas a céu aberto.

Foi num desses dias, quando o box de Alda está mais colorido do que de costume, que resolvei comprar um vasilhame dela para lhe fazer um agrado. Só tinha um real contado no bolso, mas pude custear um azulzinho bonito, exposto na primeira fileira da bancada.

Mais tarde, quando fui me despedir, ela pediu que eu aguardasse um instante. Abaixou-se e pegou um pano de prato alvíssimo, no qual havia morangos pintados e a frase “Jesus está no seu coração”. “Tome, pra você não esquecer daquela senhora do mercado!”

Sorri agradecida e lhe dei um abraço. “Não esquecerei”, prometi.

Tem muita coisa, mas tá guardada. Porque ali também ninguém pode expor, não, porque se expor hoje, amanhã chega e não encontra. E é porque nós temos um vigia, pagamos. Mas não sei, é Deus. Porque roubaram o da vizinha, assim ao lado, que tem aquele box ao lado do meu, né. Esse ano já roubaram duas vezes, fora as vezes que roubaram aquele box da frente. Aquele do lado o rapaz fechou... roubaram também. Até hoje, meu Deus, muito obrigado, meu Deus. Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Roubaram da Mirian, a pobezinha, tanta pena, mulher. Roubaram os prato. Ela tem aquela comidinha, coisa pouca ali, né. Trabalhando ali. Roubaram os prato, ela chegou no outro dia não encontrou nada. Chorou foi muito. Roubaram o butijão de gás, carregaram. Chegou, cadê o butijão de gás? Nada. Agora há poucos dias roubaram de novo, o butijão de gás.

Não teve reforma nenhuma depois que eu entrei ali, nada, nada, nada. É, não houve necessidade não porque cada box tinha um locatário, tava ocupado, a pessoa zela por aquilo, né? Aí foram abandonando, deixando fechado, aí não dá certo. O pessoal foi ocupando pra beber, fumar maconha. Mas tá... Uma vez eu fui lá, peguei minhas coisas e vim mimbora, também não tem o que trabalhar. Em dia de feira até que melhora, o pessoal vem fazer as compras na feira. Vem gente olhar, agora é época. Sempre quinta-feira tá assim de gente.

Cair não cai não porque a estrutura é boa! (risos) No outro dia a menina disse "Mas dona Alda, a senhora não tem medo disso cair não, abandonado assim?" "Não, não é o abandono que faz cair, a estrutura é boa!" Mas quem é que vai, né? Com o tempo sem ajeitar nada, né? Mas aquilo ali não cai não.

"Essa aqui é uma coisa abandonada, tem mais nada não" "Os políticos vêm" "Porque querem ver como é que tá e dizer que vai fazer isso, isso, isso". Eu pelo menos não acredito não (risos). Se 10 acreditam, 20, 30 não acreditam. Porque político... Se a pessoa entrou na política, quer é se fazer! Vai querer se fazer, né? Porque é trabalhoso pra entrar, pra trabalhar. Tem que procurar se fazer porque é pouco tempo, não é 10, 20 anos. Não é o resto da vida. Político é só 4 anos e se for um bom político continua, né, se num for, cai. Tem que fazer alguma coisa! Meu filho foi se candidatar uma vez, eu fui rezar a Deus que ele perdesse. "Num gaste nada na sua política não, viu? Você vai perder!" "Ah mãe, que é isso? Diga isso não, pelo amor de Deus, a única pessoa que eu achava que tava rezando pra mim ganhar" "Eu tô rezando pra você perder" "Eu não tô acreditando não, mãe" "Pois acredite, que sou eu que tô dizendo". Ele perdeu, graças a Deus.

"É sempre a mesma história, já sei de cor e salteado", afirma sobre as visitas dos políticos em época de eleição. "Há 28 anos que ouço mentira!"

Em março deste ano foi realizada uma festa no estacionamento em frente ao mercado, promovida pelo candidato a vereador Motoca, responsável pelo "Instituto Motoca de Apoio às Comunidades Ciclistas e Motociclistas". A festa comemorou os 44 anos do mercado, data marcada por uma faixa afixada na entrada principal do lugar com os dizeres:

"Moradores abraçam o mercado e exigem investimentos Públicos.

Feliz Aniversários! 27.03.2012"

É, minha filha, viver a vida é fácil. A vida é dura pra quem é mole. Com muita moleza, aí cai.

Eu tô louca pra sair dali. Aliás, hoje faz bem quatro dias que eu não vou nem lá. Fui hoje, já fui lá, tirei as coisas e trouxe. Tô só tirando, só trazendo. Não vale a pena não. Também os menino não quer, meus filhos não quer que eu vá mais pra lá... É porque eu não tô querendo, se eu tivesse querendo não tinha quem me parasse não! Não tô querendo mais, já tem bem pouquinha coisa.

Tem gente que chega aí, andou aqui há num sei quantos anos no mercado. "Dona Alda, a senhora inda tá aqui, num acredito, num sei o quê! A senhora ainda gosta daqui?" "Acho que gosto, né. Se não gostasse num vinha, tá tudo abandonado". "Mas aqui tá bom?" "Tá" "Vem alguém?" "Não, tem nem o que

vender mais (risos)". Eu tô aqui porque eu tô acabando, agora eu tô tirando. E outra coisa, se a gente sair dali tem que pegar, esconder tudo, arrumar tudo, botar tudo escondido. Menina, mas num tem nada não, não adianta pegar nada não.

{ Não entendi o sussurro lastimoso, mas adivinhei que ia surgir transformação. A vila, uma loja, e dinheiro entraram-me nos ouvidos. O desalento e a tristeza abalaram-me. Explicavam a sisudez, as rugas, as explosões de pragas e de injúrias.

Infância | Graciliano Ramos }

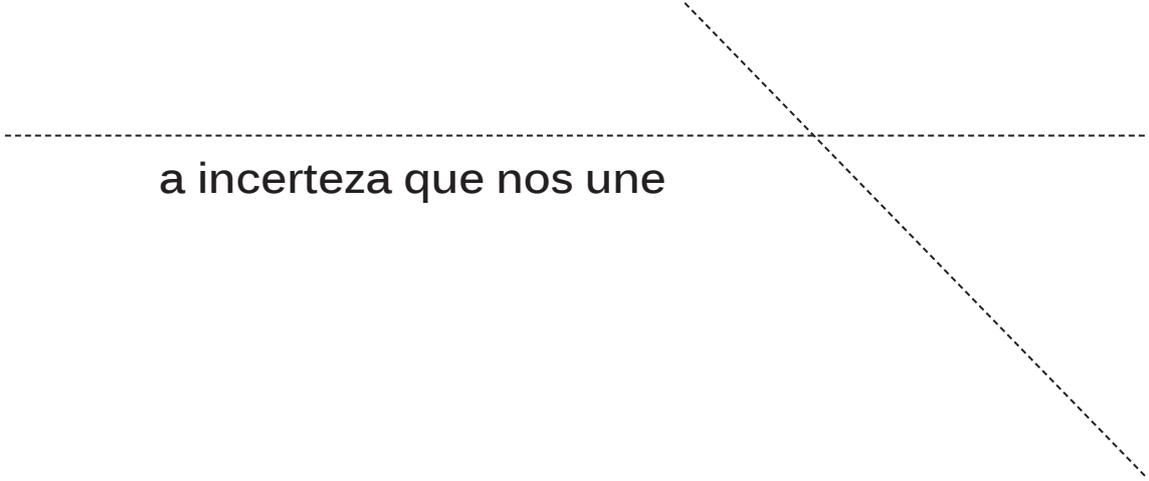
Eu já tô saindo mesmo por mais que ajeitem e ele fique bonitinho e tal, não vai voltar a ter aquele movimento que teve. Isso aí não tem nem perigo. Esse daí, o dia todo vai ficar de nem fechar porque tão roubando os portões, telha, logo num local tão bem visto, né? Quem passa, vê logo. Cê passa na BR... Era pra tá bem bonitinho, as telhas bem direitinhas nos cantos, todo pintadinho, as calçadas sem tá quebradas. Uma péssima imagem. Nós que trabalhamos nós não vamos conservar como tem que conservar. A gente conserva assim, varrendo, limpando pra não ficar cheio de imundície. Mas mandar fazer serviço ninguém vai, né? Pra manter bonitinho.

Pra mim o mercado tem um grande significado. Eu agradeço muito a Deus pelo meu trabalho no mercado, porque essa casinha que eu tenho aqui eu devo a ele. Ajudei muito meus filhos, minhas filhas. Só tenho a dizer que foi bom pra mim, tá sendo, senão não tava indo nadinha, né? Porque eu não tô fazendo nada mais ali. Os meninos dizem "Ô mania, mãe, de ir pra esse mercado!" eu digo "Ô, eu vou ali, chego e me encontro com as pessoas amigas, - Ô, dona Alda, a senhora ainda trabalha aqui!", aquele negócio todo. É bom! Convivência. Eu vou atrás de nada ali não, porque eu n não ganho nada. É bom trabalhar, é muito bom trabalhar sem ter perseguição nem nada, né, você trabalhar num canto "Ei, isso daqui tá errado!" "Ei, faça isso aqui assim!" é ruim, né? Mas você tem o trabalho, precisa do trabalho, tem que aceitar. Mas você trabalhar bem, vender, ver as pessoas amigas, chegar, conversar, é bom? É bom! Essa casinha que eu possuo é dali, do trabalho, graças a Deus. E é bom trabalhar!

O Mercado foi transferido da Praça Paula Pessoa para a Aerolândia em 1968. Tão logo, um conterrâneo de dona Alda vendeu seus boxes para ela, quando cada ponto era disputado.

Ali, ela se reinventou profissionalmente, de "domingo a domingo", desdobrando-se entre os fregueses que disputavam os produtos. Conhece todas as pedras e detalhes do pequeno trecho que separa sua casa do local, percorrido inúmeras vezes nesses 44 anos.

Agora, tenta deixar o espaço, encaixotando suas coisas nos menores pacotes possíveis para poder se demorar um pouco mais. Desconfio que seu coração está tão fincado naquele chão circunscrito por seus três boxes que, no dia em que ela for embora carregando a última caixa de miudezas, o mercado fecha suas portas de vez.



a incerteza que nos une

Um minuto antes das cinco da manhã, vejo a paisagem de ruas, casas e prédios iluminados pelos olhos redondo-amarelos dos postes de eletricidade. Algumas outras janelas acesas: será que, assim como eu, a cidade não dorme? Um insone em cada apartamento, à luz artificial, escrevendo palavras que se repetem em outros papéis e computadores e notebooks e ipads e tecnologias que não conheço, todas quadrados brancos, irradiando energia em códigos binários.

Agora o céu mais claro desponta por trás dos seis edifícios altos que ocupam metade da minha vista. O horizonte acordando parece o mar, o brilho suave de uma paleta munida de cores levemente misturadas. O degradê da manhã é laranja, amarelo, (talvez verde), azul claro, azul escuro, (talvez cinza). Vai se ampliando, desbota o negro superior em tons mais brandos. São 5h10 e sei que daqui a 20 minutos pressionarei o interruptor de minha parede para baixo, pois a cortina aberta já resolve.

Eu, preguiçosa em meus pijamas, compreendo que a cidade é gigantesca, o mundo maior ainda. Se eu forçar a visão, vejo ao fundo pontinhos brilhantes minúsculos, incrustados numa massa negra que pode ser qualquer coisa. É maravilhoso que possa ser qualquer coisa.

Nesse momento, milhares de transações comerciais estão sendo feitas, escolhas acertadas, sacos descarregados. Fortaleza existe em outros tempos, dinâmicas, ritmos, espaços, cadências. É um lugar só? É, ao menos, um lugar? Não sei.

É corrente olhar para fora da janela do meu quarto, pensar que a realidade são apenas esses prédios estranhos que me cercam, brotando da paisagem como as caixas de remédio que usava em minhas maquetes da escola. Se eu ficar de pé, percebo que são muito mais caixas do que antes eu contabilizara. Ao lado direito, dezenas de telhas marrons espremem-se num terreno, casinhas que são vetores em todas as direções possíveis. Gosto que exista um espaço assim em meio ao concreto alto. Agradeço por essa lufada de ar no meu quadro-foto.

As árvores também me parecem afobadas, tão miúdas e fluidas. Tenho certeza que, no passado, as árvores já foram muito grandes, de se olhar para cima e imaginar como um brotinho deu origem àquilo, com tronco espesso fincado de maneira resoluta no chão. As árvores aventureiras, escaladas pelas crianças espertas da minha infância.

Hoje, não ouço o cantar do galo, mas algum pássaro que gargareja um som estranho. Às vezes, cachorros se comunicam. Lançam um chamado que, tempos depois, ressoa em um novo latido.

Compreendo ainda que os livros que tenho lido falam de um lugar onde nunca vivi de fato, mas do qual conheço alguns detalhes que se mantêm, pistas que escorreram até nossos dias. O esforço agora não é imaginar o que ele era, mas tentar pertencer a esse tempo antigo, do qual tão pouco restou.

Converso com autores de áreas que não entendo tão bem, de outras de que gostava quando adolescente. Converso com minhas tias e minha avó. “Como era Fortaleza? Era diferente de hoje? Diferente como?”. Minha tia indaga se a estou entrevistando. “É só uma ajuda”, e explico que o tema cujo tenho tentado discorrer é de dois séculos atrás, que às vezes sinto que não há sentimento no que redijo, que é colagem, que estou falando e sai a voz dos livros que pesquiso etc. Ela me

diz não ser tão velha para saber das coisas de 1800. Tudo bem, ajudou ainda assim.

Me disseram, um dia, que escrever era difícil. Entrei na universidade para aperfeiçoar o gesto, mas me dou conta de que hoje acho mais complicado ainda. Porque o texto deve ser fiel a nós mesmos e aos outros, dialogar de forma inteligível, falar dessas entrelinhas universais que nos sufocam cotidianamente há tanto tempo, mas não encontramos jeito de expor.

Eu, que escrevia poesia quando nova, sinto-me frágil no exercício de ligar termos e frases, o uso das conjunções, dos discursos indiretos. Algo do vazio subliminar que devo substituir pelos melhores sinônimos, a melhor forma de colocar entre vírgulas, depois de travessão ou dois pontos.

*{ Fiz uns versinhos ruins
Achei que estavam ótimos mas
Ali havia tanto silêncio que não se compreendia nada
O diário dadaísta das palavras sem volume
Mostrei para você que,
Com muita paciência,
Me pega pela mão e diz que as letras são desenhos
Que os desenhos são ocos
E dentro deles milhões de outros desenhos
Esperam para serem pintados. }*

Queria poder ter a máquina de Morel em minhas mãos. Registraria todos os dias que estive nos mercados, vendo, perscrutando, anotando cada detalhe ínfimo que meu cérebro não consegue mais recordar sozinho. Todos os dias visitaria essas lembranças eternas, vivas, pulsantes a meus olhos. Escreveria dias a fio. Reescreveria-as. Seria meu principal passatempo e obrigação. Dever cumprido à perfeição, à risca.

A propulsão motivadora do meu olhar sobre o Mercado de Ferro dividido ao meio é mais ou menos clara. Iniciou-se como um desconforto quase imperceptível. Sentia-me inadequada a respeito de problemas já banalizados na lógica da metrópole: a hiper-globalização que dificulta o estabelecimento de laços, mesmo com nosso vizinho de porta. Da mesma forma, delinea-se a relação com a cidade que nos abriga. Prédios altos, muros intransponíveis, carros blindados. As ruínas do passado vão dando lugar a construções modernas que se sucedem. A impressão é que são todas tão similares, com seus vidros espelhados, pilares geométricos. O que elas dizem sobre nosso tempo? O que as ligam a mim?

Em meio a modos de viver que privilegiam padrões, a sensação de estranhamento me move. Quando eu era pequena, fazia sempre o mesmo percurso até a casa dos meus avós. A meu ver, tudo na rua Raimundo Girão surgia engrandecido. Pela janela do carro, avistava muros cinzentos de fuligem e no meio dessa paisagem corrida, via um prédio disforme, distoante do ambiente. Suas janelas eram fechadas a tijolos, rebocos de parede denunciavam sua idade. Ele me lembrava dos zigurates da Mesopotâmia desenhados nos livros de História. Mesmo quando o carro já o tinha abandonado na distância, sempre voltava meu olhar para vislumbrá-lo novamente.

Tempos depois, descobri seu nome: edifício São Pedro. Ele me deslocava para outras temporalidades, nas quais me imagino. De quando o areal tomava conta das praias, todas nuas de barracas ou quiosques; de tomar sorvete em suas escadarias, observando as casas espaçadas do bairro; da avenida ladeada por dezenas de coqueiros, onde carros sofisticados (Rolls Royce negros, prateados ou vermelhos, todos muito brilhantes) tremulavam sobre as pedras na terra batida.

Assim como o São Pedro, o Mercado dos Pinhões e da Aerolândia também contam sobre as mudanças da cidade, criadoras de novas formas – bruscas ou não – no girar de um caleidoscópio contínuo. Em sua igualdade, ambos refletem Fortalezas distintas sendo, em retorno, afetados por elas. Espelham as contradições sempre tão presentes na ideia de modernidade civilizatória.

{ elevadores
sinais fechados
escadas rolantes

você não está
mas está

Postal Nº52 | Fernanda Meireles }

No momento da escrita, tudo o que me haviam dito – sobre minha visão de mundo poder deturpar a versão final do livro, de minhas concepções pequeno-burguesas não serem capazes de captar a essência (o que seria isso?) do que pretendia fazer – seria rechaçado sem misericórdia na minha mente. Isso tem sido para mim uma preocupação constante. Seria, de fato, capaz de transpor o que vi, senti, ouvi e pensei, em palavras? Algumas mesmo sem significado, postas ali por simples e frívolos propósitos estéticos?

Minhas mãos tremem, suam porosas. Meu coração dispara em gatilho.

O que é próprio da memória perde seu valor, pois não mais condiz com os passos ditados pelo progresso. De uma das mais belas construções da América do Sul, o Mercado de Ferro passou a ser conhecido como um “imundo pardieiro”. O mesmo sentido de avanço embutido na edificação, de ser um equipamento de caráter moderno e higienizador, foi o que o levou a ser desmontado. Passou a ser visto como sinônimo do atraso, sendo necessário substituí-lo por algo novo, melhor para a imagem (e interesses) da Capital.

Ele é desmanchado, descartado como algo sem valor histórico nem arquitetônico. Seus novos espaços são escolhidos sem maiores preocupações, uma mera decisão política. Mas pelo menos teve sorte. Quantos outros equipamentos não tiveram a mesmo destino e foram destruídos para dar lugar a prédios e mais prédios, arranha-céus que não falam com a cidade, da cidade, pela cidade? Bairros inteiros devastados e engolidos pelo desenvolvimento, porque “essa cidade não

tem história”, só futuro? Como se pode ter um futuro se nem mesmo se olha para trás? Como construir uma cidade sem memória?

{ Eu me lembro em meados da década de 1990, no Governo de Tasso Jereissati, o então Secretário de Cultura, Paulo Linhares, quando montou o Plano de Cultura para o Ceará, afirmava que o Estado não tinha patrimônio, sendo fadado ao futuro. Aí eu escrevi um artigo no jornal dizendo que eu tinha muita pena de um intelectual que via o passado de um povo, de um Estado, como um fardo. Como uma pedra que se carrega nas costas. No mundo inteiro, o passado hoje é valorizado pelos novos usos, ele dá sentido à vida das pessoas, ele conta um pouco o que foi a história dos nossos antepassados para nós mesmos, para quem virá depois.

Romeu Duarte | *arquiteto e professor da Universidade Federal do Ceará (UFC)* }

O progresso, todavia, não atinge todos os recantos do mapa equitativamente. Espalha-se com base em interesses políticos e econômicos, enfatizando algumas regiões e negligenciando as demais. Bairros onde há forte presença das elites são priorizados em detrimento dos periféricos: o que explicaria porque uma das metades do Mercado de Ferro foi reformada e a outra não.

O Mercado dos Pinhões é localizado em uma interseção entre o Centro e os bairros Praia de Iracema e Aldeota, próximo a centros culturais e comerciais de grande importância, como o Dragão do Mar e a Avenida Monsenhor Tabosa. Foi reformado em 1998, na gestão do prefeito Juraci Magalhães, enquanto o Mercado da Aerolândia nunca teve reparos estruturais.

“Só quem pode explicar isso aí é a ‘aldeotização’ da política cearense ou fortalezense: privilegiar o que está na Aldeota e botar a periferia em segundo plano”, diz Romeu Duarte. Os bairros mais ricos, a leste da Capital, foram modificando-se ao longo das décadas – distanciando-se cada vez mais dos limites que nos cercavam no século 19. Embora, atualmente, as classes economicamente favorecidas se concentrem em outros espaços, a Aldeota tornou-se signo tradicional de pertencimento da burguesia. Ali, os primeiros shoppings surgiram e se proliferaram, edifícios comerciais e residenciais cingem a paisagem.

A Aerolândia situa-se distante das movimentações econômicas de grande porte, tendo, portanto, menor visibilidade política. Vizinho das favelas do Lagamar e da Maravilha, áreas muito pobres, o bairro não possui toda a infraestrutura presente em regiões mais abastadas e enfrenta problemas de segurança constantes, presente nos discursos de moradores e comerciantes.

O mercado local passou ainda por mais mudanças de endereço que seu gêmeo. Após a separação do Mercado de Ferro no Centro, é transferido para a Praça Paula Pessoa e, anos depois, para o atual endereço. Mesmo que o prédio seja, por essência, portátil, os sucessivos desmontes prejudicaram as peças. Devido à ausência de reparos, a situação agravou-se com o passar dos anos.

{ Essas marcas, a princípio, foram repassadas, literal e concretamente, para as bases do **Mercado da Aerolândia**, que hoje se encontra em péssimo estado de conservação, sendo propriedade da Prefeitura de Fortaleza.

Essas marcas, a princípio, foram repassadas, literal e concretamente, para as bases do **Mercado dos Pinhões**, que hoje se encontra em bom estado de conservação, sendo propriedade da Prefeitura de Fortaleza.

Instruções de Tombamento do Mercado da Aerolândia e do Mercado dos Pinhões | Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) }

Ivone Cordeiro, historiadora e professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), dirigiu a Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Cultural (CPHC) no primeiro governo de Luizianne Lins. Ela acompanhou o processo de tombamento em nível municipal dos dois mercados, efetivado em 2008. “Não tinha sentido fazer a proposta pro Mercado dos Pinhões e não fazer pro da Aerolândia. Isso seria um contrassenso. Os dois têm as mesmas características, a mesma história. Se num determinado momento da existência do Mercado de Ferro ele sofreu essa dissensão, essa separação, aí é parte da história inclusive no fato de um estar preservado em melhor qualidade do que o outro”. O fato oficializa o reconhecimento de seu valor e a garantia de sua conservação “pela limitação de seu uso, gozo e fruição”.

{ O patrimônio histórico-cultural e natural do Município de Fortaleza é constituído pelos bens de natureza material e imaterial, móveis e imóveis, públicos e privados tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade fortalezense e que, por qualquer forma de proteção prevista em lei, venham a ser reconhecidos como de valor cultural, histórico e natural, visando à sua preservação.

Você sabe o que é um Patrimônio Cultural? | Site da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) }

Formada por dois vocábulos greco-latinos, “pater” e “nomos”, a palavra “patrimônio” significa, em uma de suas possíveis traduções, “legado do pai”. Seria, portanto, o que nos foi deixado pelos antepassados, que se sucede ao longo do tempo às novas gerações. No que diz respeito à cidade, os patrimônios culturais podem estar fincados por sobre o cimento, despontando de parques, em redomas de vidro, em estórias antigas, movimentos de dança, criações da tradição. É o que mobiliza processos de identificação, pontes de memória, pertencimento. Assim, o conceito engloba não só bens edificados, como também a expressão imaterial, relacionada às práticas da comunidade – junto aos instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados.

Além do Mercado dos Pinhões e da Aerolândia, há em Fortaleza mais 33 bens materiais tombados por instâncias federais, estaduais e municipais do Governo. A Secultfor tem sob sua tutela a maior parte dos bens da Capital, totalizando 18 deles. A política de preservação da cidade iniciou-se na década de 1980, com a gestão de Maria Luiza Fontenele (1986 – 1988), que encaminhou vários processos, dentre os quais oito foram bem sucedidos.

Desde o período, as ações nesse sentido ocorreram num espaço distendido do tempo, sendo poucas vezes efetivadas. Apenas nos últimos anos, já durante os dois mandatos de Luizianne Lins, a questão do patrimônio voltou à pauta.

{ Sentirei a cegueira momentânea desse renovado sol na cidade, o susto de suas cores lívidas. Será assim, em busca de um açoitado de luz, nas texturas da claridade, que vou querer recordar. Essa será minha permanente exposição.

O tempo em estado sólido | Tércia Montenegro }

Nunca tinha entrado no Departamento de História da Universidade, mesmo sendo vizinho ao de Jornalismo. A sala era pequena e o barulho do ar-condicionado, alto. Sentamos, separadas por uma mesa de madeira. Eram tantas perguntas: gostaria de entrevistar a Ivone-gestora, Ivone-pesquisadora, Ivone-cidadã. A voz rígida dela, proferida em frases bem encadeadas, me contava – com a didática e paciência de quem tem o ensino como rotina – como se deu o decurso para reavivar a cultura de proteção em Fortaleza. “A gente queria desencadear um processo de preservação que não existia na cidade como política pública”.

Os entraves para o tombamento dos novos bens foram muitos. A Prefeitura estava sobrecarregada de dívidas, dificultando a solicitação de financiamentos ou possibilidade de concorrerem a editais públicos. A burocracia fazia papéis empilharem, documentos voltarem, prazos se perderem, o que atrasava ou impedia a concretização dos projetos nos primeiros anos.

Outro problema, que perdura ainda hoje, são os interesses econômicos dos proprietários de bens que podem ser preservados, ou de seu entorno. Como as poligonais de patrimônio limitam os usos e as construções dos arredores, as famílias, muitas vezes, acabam vendendo suas propriedades. Em fins de semana, sob o céu apagado, donos de prédios antigos autorizam demolições, para que o terreno fique livre para algo mais rentável. Um estacionamento, centro comercial, não importa. O lugar adormece em pé e amanhece no chão, o pó pairando no concreto das esquinas.

{ O espaço urbano ser prioritariamente um espaço que você está ali e amanhã é outra coisa, e outra, e outra, e outra, e outra? Eu tenho 50 anos e o meu lugar onde eu vivi muito tempo, que eu estudava no colégio São João, que depois o [colégio] Farias Brito comprou, que hoje é o mercado ali na [Avenida] Santos Dummont, o Pão de Açúcar. Ali era um colégio lindíssimo! Eu vivi ali, era minha vida. Quer dizer, eu só tenho 50 anos. É muito, mas ao mesmo tempo, do ponto de vista da cidade, é nada. Nada. E nada mais existe ali. Foi derrubado quase tudo. Essa coisa da destruição é muito violenta, eu não sei até que ponto isso tem a ver com uma vontade o tempo inteiro da modernidade ou se é pura coisa da especulação imobiliária, que nunca nada aqui se mantém.

Beatriz Furtado | *pesquisadora e professora do Instituto de Cultura e Arte da UFC* }

Em tempos em que a cidade infla, fermentada pela modernização e crescimento populacional, a arquitetura e o urbanismo mostram que já não podemos mais pensar isoladamente. Cada prédio está dentro de um sistema ambiental urbano, interligado por fios invisíveis que trocam energia com a vizinhança em volta.

Para que haja sustentabilidade, é preciso equilíbrio e envolvimento também dos habitantes: tanto o Governo como a sociedade civil. Ivone Cordeiro ressalta que as pessoas pensam que “porque é público, não é de ninguém. Ninguém diz que é de todos nós”.

A visão distorcida do que é público nos isenta de responsabilidade. Como ouvi um morador da Aerolândia dizer, “a Prefeitura tem dinheiro suficiente para reformar o mercado, eu é que não vou tirar do meu bolso”. Transfere-se a culpa, abaixa a cabeça, resmunga baixinho – mas não age, jamais. O público é o privado dividido infinitesimalmente entre os quase três milhões de corpos em trânsito de nossa metrópole. Somente quando o sujeito apropria-se da cidade, tornando-se parte dela, ele exige que a respeitem.

{ Art. 31 - O Município deverá prover a perfeita conservação dos bens tombados que integrem o seu patrimônio.

Parágrafo Único - A omissão culposa das providências necessárias ao atendimento desta obrigação, acarretará a responsabilidade funcional da autoridade superior do órgão ou entidade sob cuja guarda o bem estiver.

Lei do Patrimônio | Lei nº 9347 de 11 de março de 2008 }

Apesar do avanço em relação às administrações anteriores – em sua gestão, Luizianne conseguiu tomba oito bens – surge um problema. No afã de proteger, a Prefeitura parece se esquecer de sua responsabilidade em conseguir financiamento em prol da conservação das estruturas, o que resultou no abandono de alguns dos objetos de proteção municipal. Aí, se aplicaria a lógica “um pássaro na mão é melhor que dois voando”. Será?

O descaso com o Mercado da Aerolândia, por exemplo, demonstra a distância entre teoria e prática. A fiscalização por parte do órgão deveria ser imediata, para resolver problemas de conservação, consolidação e estabilização do edifício. Se fosse atestada a má preservação do edifício, como acontece na Aerolândia, a Prefeitura poderia ser processada pelo Ministério Público e responder pelos atos de omissão e incúria. É por isso que, normalmente, são escolhidos para tombamento edifícios em melhor estado de conservação.

Mas para os que não estão em bom estado, seria plausível esperar a verba para reparação antes da proteção por lei? Seriam eles negligenciados como tantos outros patrimônios possíveis, esburacados, transformados em poeira a olhos vistos? Porque não assegurar, ao menos, seu amparo? “Quem não pode com pote, não pega na rodilha”, ri-se Romeu. E completa: “se o Município se responsabilizou pelo bem, deve encontrar uma forma de agir com o problema”.

O arquiteto aponta que Fortaleza ainda está “engatinhando” no que diz respeito a patrimônio histórico, pois o Plano Diretor não contempla uma série de questões ligadas à preservação. As secretarias também não dialogam entre si,

desconhecendo a existência umas das outras. Ivone Cordeiro vê a questão de maneira mais otimista. “Acho que foi criada uma cultura de patrimônio, e mais, uma cultura internamente, na própria administração”. Ela afirma que hoje se abriu a discussão sobre o tema, despertando interesse mesmo em donos de imóveis e empresários.

{ 1.3 - Os serviços compreenderão o comércio de antiguidades, discos em vinil, roupa de figurino, artesanato, livros raros, literatura de cordel, como também a instalação de um café cultural, incluindo o fornecimento de bebidas socialmente consumíveis, alcoólicas e não alcoólicas, assim como lanches, tira-gostos, salgadinhos e outros alimentos do gênero, respeitando a vocação e a filosofia do Mercado dos Pinhões como local de encontro e convivência com as artes, os artistas e o público em geral.

Edital de Licitação do Mercado dos Pinhões | Data de abertura: 20 de setembro de 2011 }

Era uma tarde de ventania usual no Mercado dos Pinhões. Sentei com Silvana Lima, administradora do local, no tablado preto que serve de palco nas noites de evento. Entre uma pergunta e outra, chego a questioná-la sobre a programação do lugar pelas manhãs e tardes: nada ainda. Ela alega que é uma dificuldade burocrática. “Nós já fizemos três licitações e ainda não conseguimos preencher todos os boxes, porque algumas pessoas vão, mas não levam a documentação correta”.

Vendo esse pequeno trecho do edital de licitação, me pergunto se o problema da ocupação dos Pinhões se deve exclusivamente à burocracia. Será que seu Melo tem uma vitrola em casa? Ou dona Bizé? Quem iria alugar e vender roupas de figurino nas redondezas? Por que, necessariamente, deveriam ser vendidos livros raros? E o que seria um café cultural? Posto dessa forma, a cultura é restritiva: apenas o que é antigo, raro, típico da região. E as outras tantas formas de materialização da cultura, em que linhas seriam contempladas?

Um dos quesitos básicos ao se decidir a nova função de um bem tombado e reformado é a participação da comunidade em discussões que levem a essa escolha. Porém, os meses de idas frequentes me levam a crer que “a vocação e a filosofia” do Mercado dos Pinhões talvez não tenham sido formuladas em conjunto com os moradores da região. Talvez a partir de designações do próprio governo atual que levou adiante o propósito dado ao mercado pela administração anterior, de “Mercado das Artes”. Essas categorias de ocupação dos boxes parecem postuladas de forma arbitrária, a partir dos interesses de uns poucos, que definiram o mercado como “local de encontro e convivência com as artes, os artistas e o público em geral”.

Por que necessariamente ele deveria assumir o papel de equipamento cultural, já que sua antiga função comercial era valorizada pela comunidade? E que cultura é essa, que não permite sua ocupação de uma forma mais abrangente, nem pelos próprios artistas, nem pela população? Localizado próximo a bairros cujas opções de lazer já são bem variadas, não seria uma redundância pensar o Mercado dos Pinhões como um “local de encontro e convivência das artes”?

Nem sempre o restauro do bem serve a quem ocupa seu entorno. Um caso interessante desse processo de reapropriação é o do Mercado Municipal de São

Paulo, o “Mercadão”. Antes da reforma, realizada em 2004, era um mercado comum. A reestruturação levou a um novo uso: o de mercado gastronômico. No piso térreo continuaram as bancas tradicionais de venda de artigos comuns, como frutas e verduras, mas o novo mezanino foi ocupado por filiais de bares e restaurantes elegantes (e caros) da cidade. A nova freguesia trouxe novos preços; os antigos frequentadores se viram acuados e migraram para o Mercado da Lapa.

{ gentry [j'en'trī] s. gente bem-nascida. }

A esse procedimento os arquitetos chamam de gentrificação. Ao retirar os antigos comerciantes, que já tinham uma dinâmica estabelecida com a área, o Mercado dos Pinhões não teria sofrido o mesmo processo? A diferença é que, ao invés do que aconteceu em São Paulo, onde o Mercadão virou um espaço turístico, aqui aconteceu um processo de esvaziamento. Após a reforma, os frequentadores tiveram de buscar outras alternativas, mesmo porque o Mercado Anexo só chegou a ficar pronto quase dois anos depois da reforma.

Mesmo não funcionando todos os dias, o mercado ainda recebe atividades que não os eventos noturnos de sexta e domingo, como oficinas de artesanato. Ao conversar com algumas das participantes mais frequentes, percebi uma reclamação comum voltada à administração atual. Conforme relatado por diversas matérias de jornais e no próprio site da Prefeitura, a programação do mercado já foi mais elaborada. Cada dia da semana, exceto sábados e segundas, era reservado para um evento temático específico. Terça Negra, Quinta Cultural, entre outras denominações, agregavam várias formas de arte, como dança, teatro, música. Desses projetos, hoje restam a noite de chorinho e o Forró no Mercado.

{ Isso aqui deveria ser um ponto de visitação, fora o artesanato, que os turistas chegavam aqui e compravam. Porque aquela feirinha da Beira Mar é uma coisa tão industrializada, acho que aqui devia ter uns boxes de umas coisas bem regionais mesmo, feitas à mão, e um trecho pra essa memória do mercado. Algum quadro com as histórias, que tivessem guias preparados. Alguma coisa que contasse a história do mercado. Eu acho que isso tinha que ter, é uma estrutura que vale a pena. Quantos mil turistas vem a Fortaleza por ano e não sabem nem que existe o mercado?

Carmem Pinheiro | *artesã* }

{ Era pra ser aberto todos os dias, né? Aqui deveria ser um centro cultural, onde houvesse eventos, oficinas, feiras, tudo relacionado à cultura. Entrava a parte do jornalismo, entrava a parte das exposições, dos acervos. Em pleno sábado à noite, um mercado desse fechado! Podendo ter uma peça teatral.

Josy Macedo | *artesã* }

{ Podia funcionar com todos os boxes abertos, como um projeto, um café, uma boa cafeteria, uma boa livraria. Um bom restaurante. Podiam tirar aquele de lá e juntar com o Mercado dos

Pinhões, desmanchava aquela praça e botava ele lá, que é muito mais importante, né não? Ou então a Prefeitura podia comprar o terreno do Pão de Açúcar, podiam negociar aquele terreno, botar aquele outro mercado ali.

Marcelo Costa | *ex-administrador do Mercado dos Pinhões* }

Fantasio o que o mercado poderia ser. Serviria de abrigo para mestres artesãos, cultuando artes de todos os tipos: roupas bordadas, artigos em couro, quadros e afrescos, caixas esculpidas em madeira. Abranger, e não restringir. Qualquer um seria bem vindo, desde que passasse por um breve estágio probatório. Antes de se estabelecer, teria de frequentar um curso de capacitação no trato com turistas, aprenderia noções de administração de negócios e se transformaria em um pequeno empreendedor.

Por outro lado, a administração se esmeraria em formular novas atividades, englobando os interesses dos que habitam o entorno. Crianças da favela Graviola, ali perto, poderiam usar o espaço para ter um reforço escolar; adolescentes poderiam ter aulas de campo sobre patrimônio, sobre a história da cidade. Descobririam quem é Visconde de Pelotas. As senhoras que já frequentam as oficinas teriam um lugar para revender seus produtos em uma feira artesanal (mensal ou semanal?). Bancos de madeira seriam instalados para receber os visitantes, daqui ou de fora, que ouviriam um guia contar, pouco a pouco, a história daquele local. Desde Carolina até Pinhões e Aerolândia.

Cartazes espalhados pela cidade, propagandas na televisão, destaques em panfletos, notícias virtuais. Espalhada pelos quatro ventos, a novidade cairia nos ouvidos dos fortalezenses. O gigante finalmente seria festejado como merece, teria sua importância reconhecida.

{ Tentou-se, por ser um bem patrimonializado, levar essa questão da cultura para fazer esse link entre a edificação tombada, a cultura, a manutenção dele no espaço, a importância das pessoas utilizarem e terem essa visão de que é um patrimônio da cidade, que ele conta a história da cidade.

Clélia Monastério | *coordenadora de Patrimônio da Secultfor* }

Com o suporte quebrado e enferrujado, a única placa que conta a história do Mercado de Ferro está alojada em um dos boxes inutilizados dos Pinhões, tristemente escorada em sua lateral metálica. Seu Moreira é o administrador local que fica durante o dia, enquanto Silvana assume os eventos noturnos. Ele que me disse que a placa existia. “Cadê a placa que tinha aí?”, questiona à moça que vende sanduíches num carrinho perto da praça. “Caiu e guardaram lá dentro”, ela responde e dá de ombros. Seu Moreira fala que posso anotar o que quiser, ali há as informações necessárias sobre a história da construção. “Acho que caiu há uns 20 dias”, estima. Contemplando as fotografias desbotadas pelas intempéries, me pergunto se aquela superfície povoada por letrinhas miúdas é suficiente para contar mais de 100 anos de tantas idas e vindas.

{ Ilha onde tudo se esclarece.

Aqui se pode pisar no sólido solo das provas.

Os arbustos até vergam sob o peso das respostas.

Cresce aqui a árvore da Suposição Justa
de galhos desenredados desde antanho.

A árvore do Entendimento, fascinantemente simples,
junto à fonte que se chama Ah, Então É Isso.

Quanto mais denso o bosque, mais larga a vista
do Vale da Evidência.

Se há alguma dúvida, o vento a dispersa.

Utopia | Wisława Szymborska }

Em uma das últimas visitas ao Mercado da Aerolândia, dona Alda me deu mais dois panos de prato. São de algodão branco, desenhos simples de cores vivas estampam os tecidos. “A vida é uma doce arte” e “nunca perca a esperança”, diziam as inscrições. O presente foi em retribuição ao pano de prato que eu mesma havia pintado durante a oficina no Mercado dos Pinhões. Nunca havia imaginado que um gesto tão simples poderia significar tanto. Foi a primeira vez que a vi de olhos marejados.

De intrusa, passei a ser recebida com um sorriso aberto por todos aqueles que ainda habitam o mercado. Dona Mirian, sempre ocupada com suas marmitas, trocava alguns dedos de prosa; dona Maria, de quem comprei balinhas e bombons, a mais reservada das três permissionárias, passou a me cumprimentar discretamente com os olhos. Tico, Pedro, o capitão Gancho, todos dispostos a conversar, a contar sobre as visitas de políticos, sobre as histórias das inscrições nas paredes.

{ Não, eu penso assim, antigamente era cheio de box, certo? Então cada box tinha sua atividade. Comida, artesanato, entendeu? Então eu acho que deveria reformar e colocar de novo. As mesmas coisas. Mas a estrutura continuar a mesma. Só restaurar.

Maria Isabel Souza | participante da oficina na Fundação Marcos de Bruin }

{ Eu pensava em fazer tipo um café regional no Mercado da Aerolândia. Que a pessoa vem de viagem, ou vai sair de viagem, dá aquela parada, toma um café com tapioca, com cuscuz, num ambiente bem cuidado. Do mesmo padrão do Mercado dos Pinhões, abrindo um espaço de estacionamento. Por outro lado, deveria incorporar toda a praça, a quadra. A quadra deveria ser uma espécie de ginásio que ia agregar atividades sociais, esportivas e culturais

pra comunidade, para jovens e crianças. Enfim, seria um centro de cultura nesse sentido. De uso cotidiano, pro passante e pra comunidade.

Ivone Cordeiro | *historiadora* }

Confesso que não conheci completamente a Aerolândia. Mas a procura por um local onde pudesse realizar a mesma oficina que dei no Mercado dos Pinhões me fez questionar a quantidade de espaços reservados ao lazer e à cultura no bairro. O que um dia existiu de festa e diversão, antigamente proporcionado pela Base Aérea – cinema, festejo do Dia das Crianças – deixou de ser tradição. Pela internet, encontrei apenas a Fundação Marcos de Bruin, localizada no Lagamar.

A proposta da Ivone, apesar da possibilidade de incorrer na gentrificação, assinala uma mudança importante. A criação de um centro de lazer, agregando atividades entre o mercado e a quadra, parece ser uma das melhores opções. Mas o edifício, em vez de constituir um café regional – como patrimônio, o bem não pode ter sua estrutura modificada radicalmente para instalações elétricas e hidráulicas – poderia se tornar uma espécie de mini-Cuca no bairro. Ou reservar uma parte do mercado (quem sabe um mezanino?) para atividades comerciais.

Na turma de 2012.1 da disciplina de Projeto Arquitetônico 6 (P.A 6), Romeu Duarte lançou o desafio de criar um centro de lazer e cultura semelhante aos moldes do Cuca. Biblioteca, anfiteatro, espaço de exposições, centro de artesanato e um restaurante de dois andares, instalado dentro do mercado, faziam parte das exigências do projeto. O programa de necessidades também incluía um estacionamento e todos os espaços deveriam atender aos padrões de acessibilidade. As propostas dos alunos foram apresentadas de várias maneiras, com as diferentes possibilidades ganhando forma, mesmo que virtualmente.

Quando os dois mercados foram tombados, o projeto de reforma do Mercado da Aerolândia tomou contornos. No fim da primeira gestão de Luizianne, ele já estava finalizado, mas sem ter seu novo uso estabelecido. Ivone justifica que a demora para iniciar o processo se deve à falta de recursos e à prioridade dada a outras áreas em vez da cultura, como a saúde, por exemplo. “Como argumentar que eu devia proteger o Mercado de Ferro se o povo estava se quebrando e indo pro IJF e o IJF engolindo o dinheiro da Prefeitura? Eu não posso brigar com o IJF, disputar com ele uns mil realzinhos. As verbas são muito pequeninhas”.

Não sei quantas ligações fiz para a Secretaria Regional VI, o órgão responsável pela manutenção do mercado. Nas primeiras tentativas, fui repassada várias vezes de um setor para o outro. Do Serviços Urbanos para o Meio Ambiente, de volta para o Serviços Urbanos. Um e-mail enviado para a assessoria de imprensa pedindo informações. Nunca foi respondido.

{ Segunda-feira, 7 de maio.

Acabei de falar com um funcionário do setor de Serviços Urbanos da Regional VI pra saber com quem eu poderia falar sobre o Mercado da Aerolândia.

Ele foi dizendo logo assim: “a gente está só esperando ser completamente desativado. Tem três boxes funcionando ainda com uns permissionários bem antigos. Depois de desativado

a gente vai entrar com tudo na reforma, já existem uns projetos.” (não foram essas as exatas palavras, mas o discurso era esse. Não anotei o nome dele).

Aí me mandou falar com um tal de Gil, do setor de Meio Ambiente da SER VI.

Achei muita falta de tato se referir ao mercado nesses termos. Eles não sabem nem quem está lá e já vão logo dizendo que estão só “esperando ser completamente desativado”. Sei lá, como se estivessem esperando os permissionários largarem o osso. Ah, e ainda se referiu a eles (não sabe que é só mulheres) como “pessoal da terceira idade”, como se elas fossem umas coitadinhas que vão pra lá só por costume mesmo, ou não sabem o que estão fazendo. Sei lá.

Diário de pesquisa }

{ Isso é outro problema, porque eles não tomam medidas sobre essas questões, não tem que ter nenhum tipo de gente acolá. Aquilo é um pessoal desqualificado. Recuperar um negócio daquele não tem nada a ver com miséria alheia, o que quer que seja, não. Quer que eles trabalhem? Porque lá dentro não dá pra dar comida pra ninguém. Arranje outro canto. Faça um ponto em qualquer lugar pra esse pessoal, tire de lá e acabou-se. Isso foi tudo recomendado, falado, entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

Otacílio Teixeira Lima Neto | *arquiteto e criador dos projetos arquitetônicos do Mercado da Aerolândia e dos Pinhões }*

Como uma requalificação planeja, desde o princípio, tirar do próprio povo o que é dele por direito e uso? Como reestruturar um local e fazer dele um novo ambiente ignorando completamente as necessidades de quem faz parte dele há décadas? Pessoas que construíram suas vidas baseadas no ganha-pão proveniente dali? Onde tanto foi partilhado, de apertos de mãos a sacas de cereais?

Ao contrário, Mirian, Maria e Alda são ameaçadas de ver seu lugar de trabalho fechado à força caso critiquem publicamente, para reportagens locais, o estado atual do mercado. Sem direito a voz, trabalhando em condições irregulares, constantemente solapadas por promessas de candidatos a cargos políticos, elas veem aos poucos o mercado se degradar. Cada pedaço de telha roubado, cada nova goteira é uma batalha perdida.

Mesmo tendo sido convidadas a participar de uma reunião na Câmara dos Vereadores, em setembro de 2011, um ano se passou sem que nada fosse resolvido sobre a reforma. As mesmas palavras ditas tantas vezes a mim são reproduzidas como se nada significassem na tela brilhante do computador. O que elas poderiam fazer para que seus discursos tomassem forma, sendo mais que apenas um boato de que se ouviu falar?

{ I – Compatibilização de usos e atividades com a preservação e proteção do patrimônio cultural de interesse artístico, estético, histórico e paisagístico;

II – Democratização do acesso aos equipamentos culturais, garantindo a sua distribuição equitativa no território urbano;

III – Compatibilização do desenvolvimento econômico e social com a preservação do patrimônio cultural de interesse artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico e do patrimônio natural;

Artigo 42 | Plano Diretor Participativo do Município de Fortaleza (Lei Complementar nº 062 de 02 de fevereiro de 2009) }

Essa compatibilização é feita com a comunidade que habita o bem e o próprio entorno: é direito das permissionárias serem consultadas a respeito do futuro uso do local. Não ameaçadas, desmoralizadas, jogadas ao relento e à própria sorte. Ao consultá-las, tentar integrá-las a esse novo ambiente, a memória daquele lugar estaria sendo preservada. De nada adianta restaurar um patrimônio edificado se o patrimônio vivo – Mirian, Alda, Pedro, Lôra – for descartado. Essas pessoas fizeram e ainda fazem parte do cotidiano e da história do mercado.

Imagino se Otacílio um dia fosse ao Mercado da Aerolândia e conhecesse todas elas. A descrição de Maria, seus adesivos engraçados pregados à porta do box. A voz e gestos rápidos de Mirian. Os olhos cansados de dona Alda. Se conversasse com cada uma delas e descobrisse um pouco de suas vidas, do porquê de estarem ali.

{ Os lugares que conhecemos não pertencem tampouco ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não eram mais do que uma delgada fatia no meio de impressões contíguas que formavam a nossa vida de então; a recordação de certa imagem não é senão saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugitivos, infelizmente, como os anos.

No caminho de Swann | Marcel Proust }

Viver em cidade pressupõe partilha: de lugares, de trânsito, de olhares. Pressupõe convivência com o outro e suas diferenças, de aproveitar o que é público – de todos – e resguardar o que é privado. De alguma forma, a noção de propriedade privada nos engoliu. Dentro da lógica capitalista, o que vale é ter mais, nem sempre do melhor, tomado para si, cerceado por uma aura de exclusividade. O sentimento de coletividade vai, gradualmente, sendo minado.

Do tempo em que se podia sair às quatro da manhã sem medo, saltar de ônibus em ônibus com tranquilidade, caminhar pelas ruas, pouco disso restou. A valorização da posse exacerbou as diferenças sociais e conseqüentemente econômicas, embutindo a sociedade numa guerra permanente.

Lugares de convivência escasseiam. A cidade perde o valor de uso e tem o valor de troca superestimado. A especulação imobiliária nos abocanha cada vez que pisamos fora das moradias (sejam condomínios fechados, casas recuadas, sobrados emendados ao do vizinho). A cidade é violenta. Violenta, pois não nos dá espaços de pouso, os olhos não encontram paz em calçadas largas, praças, bancos onde podemos nos sentar sem necessidade de consumir o que for. Violenta, pois vivemos paralisados pelo medo do outro, o que faz recearmos becos e caminhos desconhecidos. Em vez da surpresa com o novo, experimentamos o pavor. Fechamo-nos na casca minúscula da proteção: as direções rotineiras, evitando certos cruzamentos, enxergando com a beirada da retina. Fazemos vista grossa para as tantas rachaduras que povoam nosso chão.

Bombardeados por imagens de todo tipo – a comunicação massiva em televisões ou outdoors – o corpo assume a rigidez das máquinas no ritmo dos passos, nos movimentos dos gestos, na percepção do que nos rodeia. Cada vez mais, nos esforçamos para racionalizar o tempo, que por sua vez dispara veloz. Os nanomilésimos de segundo tornam-se fundamentais, tudo é plausível de abreviação.

Na lógica da produtividade, o tédio deve ser extinto. Momentos à paisana, de se poder imaginar, contar ou ouvir despreziosamente as narrativas poéticas (de pessoas ou das ruas) são cada vez mais raros. Também vai desaparecendo a figura do flâneur, aquele que (di)vaga pela cidade, pintando cartões-postais de seus detalhes. As avenidas estão vazias.

{ Mas é difícil para qualquer um, mesmo para o mais cínico dos cínicos, passar mais de alguns minutos no Central Park sem ficar com a sensação de estar experimentando algum outro tempo além do tempo presente. Talvez seja a nostalgia que todos sentimos em relação ao que já passou, ou quem sabe nossas próprias esperanças em relação ao que virá.

O sexto distrito | Jonathan Safran Foer }

Os percursos da experiência são abertos: enxergamos, percebemos, dialogamos, tememos, reviramos, perguntamos. Completamente expostos, galgamos os caminhos que recordaremos (ou não) depois. A memória é seletiva, transitando em diversos tempos – no fluxo passado-presente, projetando-nos no futuro. E assim nos chegam as lembranças ora em um fio linear, ora como avalanche de ideias e sentimentos.

Quando conversei com Romeu, ele me disse que em Fortaleza “o povo gosta de sentir saudade”. As pessoas permitiriam que o patrimônio fosse destruído para, só na ausência, valorizá-lo. Olham suspirantes os arquivos e fotos, imaginando a história das construções em época distantes. Lacunas que, no entanto, só podem ser recordadas pelos poucos que tiveram uma experiência direta com aquilo. Contadas pela oralidade e pela escrita, o vazio físico torna-se simbólico com o decorrer dos anos – o passado se perde na poeira do mapa, nas estantes escuras das bibliotecas.

Também sinto saudades desse tempo antigo, que não vivi. Um tempo de encontros: em que as pessoas se reconheciam em olhares demorados, que se fixavam. Quando a rua convidava ao passeio, o trânsito corria lento, os portões vazados e baixos, casas com jardins, sombras largas. Assim como ainda é hábito no Interior e em bairros mais periféricos, poder dispor um punhado de cadeiras de balanço na calçada, da hora do café-da-tarde até anoitecer. Poderia voltar aos anos 80, época em que minha mãe batia perna o dia todo pelas ruas tranquilas do Benfica. Ou então à Belle Époque, um século atrás: as charretes, os bondes, o grande mercado do Centro da cidade.

Por mais que eu volte, nunca será o bastante. Não tenho certeza do quanto esse tempo passado é verdadeiro, se ele sequer corresponde a datas circunscritas no calendário. Sinto que, na realidade, ele é a soma dos meus desejos com um espectro rarefeito do que a cidade já foi. A nostalgia é uma forma de tentar criar vínculos com o espaço, por meio do afeto. Se não estabelecemos laços, o presente se transforma em borrão que pode ser preenchido em qualquer outro lugar. O que permanece de mim nesta paisagem urbana? O que permanece de nós?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Francisco Caminha; MELO, José Luís. **Aerolândia, seu povo e sua história – de sua origem aos dias atuais**. Fortaleza: Gráfica Encaixe Ltda, 2008.

ARAÚJO, Mayara de. **Histórias de Beco: quando a poeira assenta, entrevemos rostos, punhos e corações**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

AZEVEDO, Otacilio de. **Fortaleza descalça: reminiscências**. Fortaleza: Edições UFC, Prefeitura M. F., 1980.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Paris, a capital do século XIX** (ed. italiana). Torino: Einaudi, 1986.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte, MG : São Paulo, SP : Ed. UFMG, Imprensa Oficial, 2009.

BÁRBARA, Vanessa. **O livro amarelo do terminal**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. **O livro dos seres imaginários**. Trad. Carmen Vera Cirne Lima. 8ªed. São Paulo: Globo, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPELO FILHO, José. **Mercado de Ferro**. Fortaleza: Oficina de Projetos S/C, 2003.

CASARES, Adolfo Bioy. **A invenção de Morel**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CASTRO, José Liberal de; DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura do ferro: memória e questionamento**. Pará: Universidade Federal do Pará, 1993.

_____. **Arquitetura de Ferro no Ceará**. Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, disponível em: http://www.institutodoceara.org.br/asp/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=2712). Acesso em: 10.07.2012.

DERENJI, Jussara da Silveira (org.). **Arquitetura de ferro: Memória e questionamento**. Belém: CEJUP: Universidade Federal do Pará, 1993.

EWALD, Felipe Grüne. **Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência**. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Dossiê: oralidade, memória e escrita. Vol. 04, nº 02 - jul / dez. Porto Alegre, 2008.

FABRIS, Anatteresa (org.). **O ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.

FARIAS, Airton de; BRUNO, Artur. **Fortaleza: uma breve história**. Fortaleza: Editora Fundação Demócrito Rocha, 2012.

FOER, Jonathan Safran. **O sexto distrito**. In: Foras da lei barulhentos, bolhas raivosas e algumas outras coisas. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FURTADO, Beatriz (org.). **Cidade anônima**. São Paulo: Hedra, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1997.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2005.

LIMA, Alceu Amoroso. **Jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-arte: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Manole, 2003.

LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.

MARQUES, Mariana (org.). **Metropolis**. Fortaleza: La Barca, 2012.

- MONTENEGRO, Tércia. **O tempo em estado sólido**. São Paulo: Grua, 2012.
- NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha: crônicas**. 2. ed. Fortaleza: Ed. UFC/PMF, 1981.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2003.
- PEREC, Georges. **A vida: modo de usar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- _____; DE SOUZA, Simone (org.). **Roteiro sentimental de Fortaleza: depoimentos de história oral**. Fortaleza: UFC-NUDOC, 1996.
- PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Trad. Mario Quintana. 3ªed. São Paulo: Globo, 2006.
- PRYSTHON, Angela (org.). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record. 1978.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- SILVA, Geraldo Gomes da. **Arquitetura de ferro no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1986.
- SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TAN, Shaun. **Contos de lugares distantes**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Dados da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza (Secultfor), disponíveis em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/cultura>. Acesso em: 08.10.2012.

Notícia da Câmara Municipal de Fortaleza, disponível em: <http://www.cmfor.ce.gov.br>. Acesso em: 21.09.2012.

REFERÊNCIAS EM ARTIGOS DE JORNAL

COUTINHO, Tiago. **Uma semana no mercado**. O Povo, Fortaleza, p. 1, 16 jun. 2008.

FALTA de carne verde na cidade. O Povo, Fortaleza, p. 1, 27. out. 1936.

GURGEL, Márcia. Mercado dos Pinhões: mudar, a única opção. O Povo, Fortaleza, p. 6, 15 jul. 1978.

INICIADO movimento contra derrubada do galpão do Mercado São Sebastião. O Povo, Fortaleza, p. 5, 29 fev. 1964.

MERCADO da Aerolândia. O Povo, Fortaleza, p. 11, 31 jul. 1970.

MERCADO da Aerolândia joga fezes humanas para a rua. O Povo, Fortaleza, p. 6, 01 mar. 1982.

MERCADO da Carne. O Povo, Fortaleza, p. 7, 30 jun. 1937.

MERCADO de Carne Verde. O Povo, Fortaleza, p. 5, 26 dez. 1931.

MERCADO dos Pinhões terá recuperação e será ampliado. Diário do Nordeste,

Fortaleza, p. 15, 12 jan. 1997.

NOVO Mercado. A República, Fortaleza, p. 1, 19 abr. 1897.

PERMISSIONÁRIOS esperam solução. O Povo, Fortaleza, p. 4A, 29 jan. 1999.

PRAÇA São Sebastião deixou de pertencer ao povo. O Povo, Fortaleza, p. 1, 22 dez. 1937.

REFORMA do Mercado dos Pinhões deixa permissionários sem boxes. O Povo, Fortaleza, p. 14A, 27 nov. 1998.

VERDUREIRAS ponham as barbas de molho. O Povo, Fortaleza, p. 4, 13 jan. 1928.

DOCUMENTÁRIOS

JÚNIOR, Ricardo Alves. **Permanências.** [Documentário]. Belo Horizonte: Entrefilmes e Sapukai Filmes, 2010.

MASCARO, Gabriel. **Avenida Brasília Formosa.** [Documentário]. Recife: Plano 9 Produções, 2010.

QUEIRÓS, Adirley. **A cidade é uma só?.** [Documentário]. Distrito Federal: 400 Filmes, 2011.

URANO, Pedro; CSEKÖ, Joana Traub. **HU.** [Documentário]. Rio de Janeiro: Alice Filmes, 2011.